Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 342
Dezembro 1983
Quinta-feira
29
20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitèira Santos**

Petrogal excluída do "bloco 4" em Angola

pág. 24

Mário Soares recebe membros do Governo directores de jornais assistem

Governo coeso está para ficar

O Primeiro-Ministro Mário Soares recebeu esta manhã em S. Bento, os membros do Governo que lhe foram apresentar cumprimentos de Ano Novo. Para esta cerimónia foi dirigido um insólito convite aos directores dos jornais que tiveram o «privilégio» de assistir aos discursos de agradecimento de Almeida Santos, Mota Pinto e do próprio Mário Soares e, depois, de ver todo o Governo posar para uma fotografia no Palácio de S. Bento.

Mário Soares, durante o discurso que proferiu, acentuou duas ideias-força – este governo de emergência, para controlar a situação, é uma equipa coesa que tem sabido superar as divergências e a sua estabilidade é indispensável; mas o ano de 1984 continuará a ser difícil, só se podendo esperar melhorias significativas na siuação económica depois do primeiro semestre.

Continua na pág. 24

«Retrato de família»: o Governo com Soares

Chernenko, Tikonov e Grischin durante a reunião de ontem do Soviete Supremo

Reagan sem interlocutor?

Doença de Andropov preocupa Washington

A ausência, por motivo de doença, do secretário-geral do PCUS e Chefe de Estado Soviético, Yuri Andropov, dos trabalhos do Plenário do Comité Central do Partido Comunista da URSS e das sessões do Soviete Supremo, preocupa a Casa Branca. Nos Estados Unidos, Ronald Reagan responde a incisivas perguntas dos jornalistas sobre a situação de Andropov com evidente falta de preparação. «Sinto-me algo embaraçado por causa da nossa falta de informação e de conhecimentos sobre o estado em que ele se encontra», confessou o Presidente norte-americano à revista «Time». Agentes de infomação e a CIA mostram-se inoperantes em saber o que se passa no Kremlin.

Págs. centrais

Ameaça do camartelo é real e a breve prazo

Ria Formosa: um mar de clandestinos sobre um oceano de erros e omissões

Págs. 8 e 9

Os conflitos armados no mundo

Líbano: brincar entre destroços

Na história dos conflitos armados de 1983, o Líbano tem um lugar de destaque. Durante um ano, libaneses e palestinianos conheceram a morte, destruição, a insegurança. Durante um ano, as armas não se calaram, as explosões sucederam-se, os bombardeamentos entraram na rotina do dia-a-dia. Às tréguas sucederam-se novas lutas, e um novo cortejo de dificuldades e mortes. Um ano que foi também marcado pela entrada em campo de franceses, italianos e americanos. Um ano de internacionalização do conflito que nos ficará na memória. E, na memória desta criança palestiniana, que brinca no interior de uma carcaça de automóvel, o que ficou?

Pág. 11

A BARCA SEM OS CORVOS

JUVENTUDE, substantivo

É antipático da minha parte o que vou escrever. É contra o uso, é contra a corrente, é contra o senso vulgar,é contra uma certa moda do tempo. Paciência. É um hábito meu, o de chatear meio mundo e irritar o outro meio.

E a moda é esta:

Com o aumento da média de vida nos países desenvolvidos, o pluriemprego e a «rat-race» na meia-idade, a desagregação da família nuclear, a maior capacidade dada aos adolescentes de disporem de dinheiro, e ainda outras coisas, estabeleceu-se que há uma nova «classe» na sociedade: a «Juventude».

Assim. Sem mais. A JUVENTUDE.

Como se fosse uma «coisa», um grupo, uma colectividade.

Ora isto é ao mesmo tempo muito perigoso em si mesmo, e sinal de que estão a acontecer coisas muito perigosas.

Porque **juventude** é um estado, uma circunstância, e ainda por cima independente da vontade de cada um. Quando Senghor fala da «negritude» fala de um estado ou circunstância involuntária também, cujos problemas é preciso assumir. Mas a negritude é permanente: um negro velho, na Suécia, é tão negro como o era em novo, em Angola. Um jovem, jovem hoje em Lisboa, já não será um jovem daqui a 10 anos aqui mesmo em Lisboa, sem mudar de casa nem de amigos; quando for um velho, já foi jovem. Que tristeza que o óbvio esteja tão desvalorizado perante a convenção intelectual...

É evidente que outras divisões da sociedade, também acabadas em «ude», estão irremediavelmente fora de moda. Uma, bem gira, apesar de carregada de conotações espúrias que a tornam inaceitável (com horror!...) aos ideólogos «juventistas» era, por exemplo, a da «virtude». Cheira a puritanismo. Nem com pinças se lhe toca, ou só com uma forte dose imunizante de Freud. E no entanto, a «virtus era, classicamente, romanamente, paganisticamente ou escolasticamente, o que separava **uns** dos **outros:** custava, exigia sacrifícios, ia-se adquirindo, aumentava com o tempo. Por exemplo, a «virtus» profissional, ou competência.

Agora quer-se impor a «juventus» como linha de demarcação — é automática, biológica, vai-se extinguindo em vez de aumentar, e extingue-se de vez, para sempre: triste linha de demarcação...

Toda uma subcultura está apostada em dar a este episódio curto do fluir da cadeia da vida, em resposta às tensões impostas pelo comércio e pelos media, uma vestimenta aceitável, temporal, aggiornata — e a involuntariamente deliciosa pedanteria da psicologia e psiquiatria da «juventude» tem, obviamente, também todo o interesse em colaborar na quase obscena «corporatização» das camadas mais novas da sociedade.

Um livro importante de E. Badinter, «L'Amour en Plus», mostrou (como ela mesma mostra ainda, na Sorbonne), quanto há de «fabricado», culturalmente, no amor materno e nas relações da idade adulta com a idade infantil; bem importante seria também estudar, **objectivamente** (dura palavra!...) quanto há de artificial, de voluntário, de comercial, de imposto, no conceito substantivo de «juventude».

Assim, o que importa entender como uma capacidade de inovar, de ver com frescura e inocência, de desmistificar, de andar pelos caminhos incómodos e vagos (gatos de telhado, perseguidores de estrelas e luas, perguntadores de perguntas difíceis, generosos dadores de si próprios...), é transformado num **grupo** que se estuda antropologicamente e sociologicamente como se uma nova Margaret Mead tratasse agora de novos indígenas das ilhas Trobriand em versão «jeans» e «walkman» — e pior do que isso, reconhecendo-lhes implicitamente o estatuto de uma afrontosa «identidade» de natureza.

Sociólogos e psicólogos afadigam-se, até sob a sombra majestosa da universidade, a interpretar, analisar e diagnosticar os comportamentos deste grupo, ajudando assim a reforçar nele uma consciência de existir como tal, que provavelmente não teria se não lhe fosse tão intensamente imposta (mas nem vale a pena falar nisso: certos pontos delicados da lógica da investigação científica, tais como o da acção do observador sobre o observado, estão também tremendamente fora de moda na prática das ciências sociais...).

Quero porém acreditar que é apenas inconsciente o tácito conluio que assim se forma entre os que dão à «juventude» o estatuto científico de «objecto», e os que exploram este «objecto» e os seus significados: a indústria, a publicidade, a moda. A subserviência babosa perante uma suposta criatividade e capacidade inovadora (que não tem enquanto tal: a inovação profunda e radical vem só com a maturidade), uma alegria e espontaneidade (que lhes são retiradas sistematicamente pela massificação **eficazmente** promovida), um futuro que não constrói (porque, naturalmente, ao apontá-lo como um estado teleologicamente **ideal** contraposto à idade madura, o complexo cultural-industrial que coisifica a juventude tira-lhe qualquer real incentivo para sair dela — mas isso parece estar para lá do alcance do entendimento dos ideólogos «juventistas»...); tudo isto é perfeitamente alarmante. Para senti-lo, é talvez preciso ter uma certa «juventude», mas **outra,** outra, não substantivada...

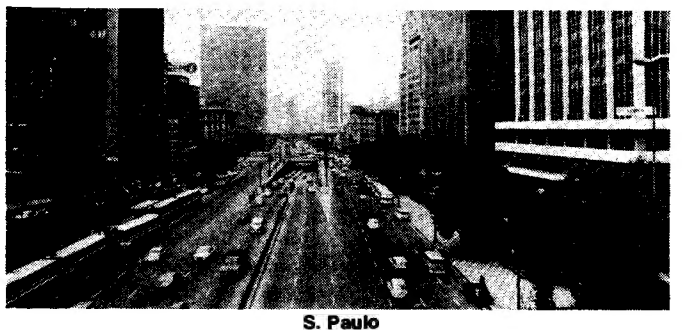
Sob o aspecto progressista, prafrentex e actualizado da bajulação da «corporação» juvenil esconde-se um espesso reaccionarismo: a **identidade** de natureza proclamada para aquele grupo abastracto é eminentemente **útil,** (é o termo!) numa sociedade fragmentária, corporativa e segregada. Há já por esse mundo ministérios «Para a Juventude», tal como há ministérios para a Indústria e para os Novos Países Africanos. A «juventude» coisificada, é assim, na realidade, uma linha de montagem a prazo de velhos prefabricados para outras das modernas «corporações» instauradas: a da «terceira idade».

A coisificação ou **substantivação** da juventude, como a da feminilidade ou a da velhice, são o sinal dramático de que está gravemente doente outra coisa bem mais real, mais vital, mais simples, mais final — e que tem vários nomes possíveis e reconhecíveis, todos também fora de moda.

Pois bem; para ficarmos dentro do som das palavras, dar-se-lhe-á este:

«HUMANITUDE»

J. M. Martins Barata



S. Paulo

Grandes cidades brasileiras dominadas pela tensão social

NÃO são poucos os sociólogos e políticos que classificam hoje os grandes centros urbanos brasileiros como «barris de pólvora», onde reina uma tensão social prestes a degenerar em conflitos maciços.

A crise económica que o país atravessa acrescentou aos problemas permanentes da grande cidade – contaminação ambiental, engarrafamentos do trânsito, neurose – ameaças mais contundentes: desemprego, fome e generalização da violência.

Recentes sondagens revelaram que cerca de metade dos habitantes das duas maiores cidades, São Paulo e Rio de Janeiro, já foram vítimas de assaltos. A maioria tem como primeira preocupação a sua segurança.

O comércio de armas de defesa pessoal (pistolas) e de segurança doméstica (alarmes, fechaduras especiais e cães) está a experimentar uma expansão sem precedentes, apesar da queda geral do nível de rendimentos, nomeadamente nos estratos médios da população.

Com a proliferação dos assaltos, cada vez mais acompanhados de violência física, como os assaltos a mulheres jovens e os assassinatos, as famílias mais ricas passaram a evitar viver nas vivendas de piso térreo e a procurar os edifícios de apartamentos, que oferecem maior segurança.

À noite, as ruas estão cada vez mais desertas. A diferença em relação aos anos anteriores nota-se especialmente no Rio de Janeiro, uma cidade turística onde a segurança dos turistas constitui já para as autoridades uma preocupação prioritária.

Receia-se, com efeito, que o crescente número de roubos e assaltos de que são alvo os turistas, venha a afectar uma importante actividade da cidade, diminuindo assim as receitas locais.

Os hotéis que recebem grande número de estrangeiros mantêm os seus próprios sistemas de segurança e recomendam aos seus hóspedes que não utilizem algumas das linhas de autocarros onde a frequência de assaltos é grande.

Por agora, o receio é perder os anéis e colares, que actualmente são roubados à luz do dia em qualquer rua da cidade, inclusive nas mais movimentadas.

Em Abril passado, experimentou-se como que um primeiro aviso da iminência de convulsões sociais.

Uma manifestação de desempregados num bairro industrial degenerou em saques, destruições e uma violência incontrolável no centro da cidade. Os desempregados chegaram a derrubar a vedação do palácio do governo provincial e invadiram os jardins do mesmo.

No Rio de Janeiro, o problema mais grave, enfrentado ultimamente pelo município são os vendedores ambulantes que ocuparam as principais artérias do centro dos bairros mais populosos, como Copacabana e Madureira.

Os comerciantes legalmente estabelecidos ameaçam pôr em marcha um movimento de boicote para forçar o governo local a correr com os vendedores ambulantes das artérias ocupadas, a fim de que os seus negócios retomem a normalidade. Queixam-se, designadamente, dos prejuízos sofridos e da concorrência, desleal, já que os vendedores de rua não pagam impostos.

As autoridades locais, encabeçadas pelo governador provincial, Leonel Brizola, um trabalhista, são acusadas de condescendência em relação às actividades irregulares, dada a sua atitude contemporizadora.

O argumento de que se trata de uma alternativa para que os desempregados possam ganhar o sustento mínimo para viver não consegue comover os comerciantes e a classe média, incomodada por as «suas» ruas se encontrarem cheias de quiosques e simples tabuleiros, onde se vende de tudo. Daí que a eclosão dum conflito violento seja um risco sempre presente.

Por sorte, foi interrompida há cerca de três meses uma onda de saques a supermercados e pequenas lojas comerciais que, em Julho e Agosto, deixaram assustada a população do Rio de Janeiro. Essa onda ameaçou estender-se a São Paulo, a bairros da periferia, mas extinguiu-se, ou foi suspensa temporariamente.

Todos esses factos – banditismo, roubos, a proliferação do comércio ambulante, os saques – nisso concordam quase todos, constituem escapes para o desemprego, à ameaça de fome. A perspectiva da estagnação da economia – que poderá continuar nos anos mais próximos – permite prever um aumento que faz temer convulsões sociais nas regiões metropolitanas.

As últimas estatísticas falam duma interrupção do crescimento acelerado dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Com efeito, os atractivos de emprego e remuneração melhor que noutras regiões deixaram de existir, desestimulando melhor que noutras regiões deixaram de existir, desestimulando o afluxo da população do interior, designadamente do Nordeste, a região mais pobre do país.

No entanto, essas cidades são já hoje aglomerações demasiado grandes e o regresso aos locais de origem não é coisa que atraia a grande maioria dos seus habitantes. O crescimento deixou de ser tão rápido, mas continua.

A tensão reinante é confirmada por um movimento iniciado recentemente por médicos, enfermeiros e estuantes que vão para as ruas medir a pressão arterial das pessoas. A hipertensão é um problema que afecta um grande número dos habitantes de São Paulo e Rio de Janeiro.

A hostilidade encontrada actualmente nas ruas talvez explique também um outro fenómeno registado por estudos de mercado realizados pelas grandes empresas. Constatou-se que a população urbana mudou muito os seus hábitos nos últimos anos.

Os consumidores, isto é, os estratos médios, estão a fazer, segundo as investigações, crescentes investimentos nas suas casas, lugar onde passam cada vez mais horas dos seus tempos livres. Assim, desde melhores móveis, iluminação mais sofisticada, aparelhos de alta-fidelidade, televisores e video são produtos cujas vendas não acompanham a queda do nível de rendimentos.

Além disso, este fim de ano regista-se uma preferência para a compra dos jogos electrónicos (videogames), recentemente introduzidos no país. **(Por Mário Osava – IPS)**

Nova Constituição de El Salvador causa preocupação nas Honduras

DURANTE a discussão, no Congresso Nacional, da aprovação do «CREM», tanto o governo como o chefe das Forças Armadas, general Gustavo Alvarez, comprometeram-se a conseguir a definição da fronteira no prazo previsto no tratado de paz.

Fontes oficiais indicaram que, há um mês, o presidente Suazo Cordova enviou uma carta ao seu homólogo salvadorenho, Álvaro Magana, na qual expôs a necessidade de resolver a questão fronteiriça.

O presidente Magana respondeu que o problema político-militar do seu país, «na luta pela democracia e a liberdade», é mais importante neste momento que a definição da fronteira com as Honduras.

Segundo se soube, a carta de Magana causou mal-estar entre os chefes militares hondurenhos, pois consideram que, ao longo do actual governo, sobretudo, foram solidários com El Salvador ao ponto de porem o seu próprio território à disposição para treinar o exército salvadorenho.

A velha disputa entre as Honduras e El Salvador, por questões de fronteiras, voltou a ganhar actualidade, logo após a entrada em vigor, no dia 20 de Dezembro, da nova Constituição salvadorenha, que estabelece a irredutibilidade do território desse pequeno país centro-americano.

A emissora hondurenha Rádio América chamou ontem a atenção da população para a decisão da Assembleia Constituinte de El Salvador.

As Honduras e El Salvador mantêm diferendos sobre 465 quilómetros quadrados de território fronteiriço, sobre o qual as duas nações julgam ter a soberania.

As disputas provocaram a denominada «Guerra das 100 Horas» em Julho de 1969, a qual se saldou em aproximadamente 2000 mortos para cada lado.

O conflito armado terminou graças ao papel de mediador desempenhado pela Organização dos Estados Americanos (OEA).

Em 1980, as Honduras e El Salvador assinaram um tratado de paz que inclui o acordo de definir limites num prazo não superior a cinco anos.

O ministro hondurenho dos Negócios Estrangeiros, Edgardo Paz Bernica, queixou-se há três meses de que a comissão mista de limites não avança com a devida rapidez na busca de uma solução definitiva para o contencioso.

El Salvador: uma «cena» do quotidiano

Em Junho passado, houve protestos de sectores de oposição ao governo do presidente liberal Roberto Suazo Cordova pela instalação, em território hondurenho, do Centro Regional de Treino Militar (CREM), dirigido por norte-americanos, onde são treinados soldados salvadorenhos.

Rádio América advertiu que esses mesmos soldados que hoje são treinados nas Honduras voltar-se-ão no futuro contra ao nosso País.»

«O problema de El Salvador é de espaço geográfico e eles sempre pensaram nas Honduras para o resolver», indicou a emissora.

Funcionários governamentais não afastam a possibilidade de poder vir a colocar a questão ao Tribunal Internacional de Haia. (IPS)

política de A a Z

Alternativa de centro-direita ao bloco central

O queiroziano «Primo Basílio», dedicado colaborador-correspondente de um matutino lisboeta, falando de «um ano bastante aziago» que ora finda, afirmou: «Em seis meses o Bloco Central dilapidou por completo as esperanças que alguns nele tinham. Em seis meses fez com que voltássemos à fase, nem digo de ter saudades da Aliança Democrática, mas, pelo menos, de perguntar onde esteve a diferença — em que é que os portugueses ganharam numa substituição que até agora não foi muito fecunda de resultados, nem parece prometer muito quanto a expectativas.»

Um quadro sombrio logo retocado, na carta do «Primo Basílio que temos presente, com as negras cores da falta de perspectivas: «A Aliança Democrática tinha sido o extertor doloroso e triste; agora o Bloco Central é a decomposição prematura, a crise inesperada, a governação sem horizonte».

Da análise da actual experiência governativa do «Bloco Central» resulta, para o correspondente do matutino, um juízo negativo e um extremo pessimismo quanto à evolução de uma situação de profunda crise. Dir-se-á que nem o juízo negativo quanto ao «Bloco Central», nem o péssimismo quanto à saida da crise trazem com que surpreender-nos. Dir-se-á que não levam longe. Mas valem por virem de um comentador que se situa no próprio quadro que condena, que não concorda com este «Bloco Central», mas que numa correlação de forças de «centro-direita» deposita, ele, Primo Basílio, as esperanças de uma alternativa. E a curto prazo: nos «Anos 80».

A «alternativa» do Primo Basílio, e das personagens políticas que lhe são próximas, está condicionada, nos noventa dias imediatos, pela «duração» do Governo PS-PSD, tem por horizonte político a três meses de vista, o Congresso do PSD. A um prazo mais lato, está condicionada pelas «eleições presidenciais» e pelo tempo de preparação da campanha que os partidos considerarem necessário para **criar** o candidato se não dispuserem para o efeito de uma individualidade conhecida e que beneficie de um prestígio nacional por motivos políticos, culturais, profissionais.

Do nada, ou de sigilosos e cansativos conciliábulos, criar um candidato é difícil. Difícil, construir, no secretismo da conspiração, um homem público e dotá-lo de imagem, impô-lo, a partir de zero, com um perfil presidencial. Sabemos — claro que sabemos — que existem técnicas e técnicos de **marketing.** Sabemos — claro que sabemos — que a par do **marketing comercial,** existe um **marketing político.**

Mas as técnicas (e os técnicos) de **marketing** podem fabricar **um mito,** não formam **uma consciência política,** podem despertar opções de voto, não despertam militância social e cívica. Ganhar uma eleição, não é o mesmo que mobilizar o povo para uma reforma estrutural.

Não pensemos que a alternativa a esta política pode surgir do mesmo «Bloco Central», de uma renovação da «Aliança Democrática» ou de um partido liberal que renegue, para se talhar um caminho próprio, o que resta de «social-democracia» e o que persista de «democracia social»

Jaime Cortesão, em 1921, escrevia: «Representantes duma sociedade em crise, enfermam em geral dos mesmos vícios. Continua a ser má a organização partidária da República. Aos partidos falta essencialmente a unidade moral e directiva que advém dos princípios». E daí a fulanização política, o tudo se passar entre fulanos e cicranos, entre os que apoiam o «Bloco Central» e os que querem ser, a seu modo, o «bloco» que ocupe o «centro» da actualidade política nacional, seja Governo, detenha Poder. De **princípios,** não curam, trata-se de **pessoas,** trata-se de **poder.**

A **alternativa** reduz-se a uma substituição de pessoas, não tem conteúdo programático. Discordam do «Bloco Central» por suporem que nele se afunda o PSD e que, por ele existir, o CDS não tem acesso à pública governação. Discordam da promoção presidencial de Mário Soares porque nela vêem a definitiva, ou pelo menos prolongada, subordinação do PSD ao PS, mas não por quaisquer razões morais, políticas ou sociais. Fala-se de **alternativa política,** mas a preocupação é alcançar uma alternativa à hegemonia política do Partido Socialista no «Bloco Central», no Governo. Porque essa hegemonia é possível, e as cedências do Partido Socialista são apenas o preço da condução formal da governação com o objectivo da promoção presidencial.

Não houvesse esse objectivo, não prevalecesse essa obsessão, e o PSD não poderia exercer a pressão que exerce sobre o PS, ou mais exactamente, sobre os dirigentes do PS.

A **alternativa política,** nos «Anos 80», supõe uma candidatura autónoma à Presidência da República. Vem dizê-lo, sem meias palavras, um jovem que não esconde, com subterfúgios ou flores de modéstia, a grande ambição de **ser Governo:** Marcelo Rebelo de Sousa. São bem expressivas as suas declarações. Ele pretende que no próximo Congresso do PSD «seja escolhido o nome do candidato à Presidência da República e formada uma comissão que comece a preparar com tempo a candidatura». Deverá o candidato ser «militante do PSD». Deverá, portanto, ser um civil.

Pensou-se que o «candidato de alternativa» a uma candidatura do «Bloco Central», poderia ser o professor Freitas do Amaral. A condição de ser «militante do PSD» exclui, até onde se pode prever o comportamento dos homens políticos, o antigo presidente do CDS. A condição de ser um civil, exclui o general Firmino Miguel, exclui o general Lemos Ferreira, exclui o almirante Almeida e Costa. E, para além da exclusão dos militares, atrasa a federação de «sociais-democratas» cansados e de «democratas-cristãos» decepcionados no novo «partido de alternativa»: o dos «liberais reformistas» ou dos «liberais conservadores».

A pressão que, no Congresso do PSD, será exercida no sentido de uma candidatura autónoma, evolui com uma dinâmica que importa acompanhar. Não sobrevalorizemos a falange jóvem que ameaça o venerável equilíbrio de Montechoro, mas não minimizemos a sua capacidade de acção, de contestação, de intriga — no que a «intriga política» tem de negativo e de positivo. Eles erguem a bandeira do partido contra «aqueles que aceitam que o PSD se transforme num elemento subalterno de uma estratégia alheia, como tem sucedido ultimamente em relação ao PS».

Não se pode ser mais claro: o aviso é para Mota Pinto, e, também para António Capucho. Resta saber — temos três meses curtos para conhecer a resposta — se o PSD está maduro, no seu contentamento descontente, para correr o risco de ser oposição a um qualquer Governo que suceda ao paralisante equívoco do «Bloco Central», para ser oposição a Mota Pinto, para ser oposição a Mário Soares.

ponto a ponto

O general Melo Egídio desloca-se a **Ponta Delgada**, dia 13 de Janeiro, para empossar o novo comandante-chefe das Forças Armadas nos Açores – soube-se junto do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

O comandante-chefe a empossar pelo chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, é o general Elmano Rocha, que substitui, nas funções, o general da Força Aérea, Silva Cardoso.

O comando-chefe dos Açores é atribuído, alternadamente, a oficiais generais do Exército, Marinha e Força Aérea, cabendo agora a vez a um general do Exército.

O ministro da Defesa recebeu, ontem, os cumprimentos protocolares dos chefes militares, do director do Instituto de Defesa Nacional e do comandante do Cinciberlant. Entretanto, **Mota Pinto**, foi convidado de um almoço promovido pela Associação dos Diplomatas Estrangeiros, durante o qual expressou o seu optimismo sobre a situação portuguesa.

A Junta de Freguesia de Lavra, no concelho de Matosinhos, vai prestar homenagem, no sábado, pelas 10 horas, ao dr. José Domingues dos Santos, vulto da Primeira República, ali nascido há um século.

A homenagem da sua freguesia natal, diz um documento da Junta, pretende tributar-lhe um reconhecimento devido à memória e dimensão da sua figura humana «e à devoção com que se empenhou na causa da democracia». A freguesia de Lavra testemunhará, igualmente, essa recordação com o descerramento de uma placa evocativa do seu nome no jardim fronteiro ao edifício da junta, próximo da casa onde viveu. Haverá, ainda, uma romagem ao cemitério, com a presença das autoridades do distrito e do concelho, além dos autarcas de Lavra, a que se seguirá um almoço.

O Governo vai atribuir novos subsídios e gratificações especiais aos oficiais, graduados e agentes das **forças de segurança** – Guarda Republicana, Guarda Fiscal e Polícia de Segurança Pública – segundo decretos publicados ontem na folha oficial. Os novos subsídios e gratificações dizem respeito a «funções que exigem esforço físico acrescido e fardamentos», entre outras condições.

Tanto desperdício, senhores

Antunes da Silva

COM os dias de chuva que aí estiveram, os campos na província sacudiram a sua letargia de secura e mataram a sede, guardando reservas de humidade por algum tempo. A terra, fofa, dá agora guarida às sementes de pão que nalguns lados já rebentaram em brotos. Os regatos, gaiteiros no seu deslizar brincalhão, pintam os parques territoriais do Alentejo noutros tons mais vivos. Tomaram volume, esses riachos. Quase todas as barragens formam cachoeiras impressionantes, em Alqueva a água alagou as margens, pulou os paredões já erguidos no seio do Guadiana, não cabendo no túnel provisório, extravazando do leito, fugindo pelos penedais. Que belo espectáculo!

Com a fartura da água, as planícies remoçaram e começam a ter uma nítida cor verde, nos lugares onde semearam trigos, cevadas e aveias. As pastagens revigoram-se. Deu-se até o caso de algumas barragens começarem a descarregar parte dos caudais para os maiores rios. E estes, por falta de estruturas, correram percursos de dezenas de quilómetros, inundando localidades. Por fim, vão desaguar no Oceano Atlântico. Isto é imperdoável!

Tanta água desperdiçada, senhores! E nós, alentejanos, no estio, com tanta falta dela...

Se Alqueva já tivesse sido construída...

Quando o sol vier outra vez, impondo a sua dimensão cosmográfica à roda destes terrenos renovados, receia-se sempre que outra seca possa vir a eclodir, arruinando as casas de lavoura e trucidando os campeiros...

Por isso o gentio, à cautela, pergunta: «Onde iremos buscar as águas para o nosso abastecimento? Ou regar as plantações na época estival, se não sabemos guardá-las nos grandes depósitos naturais?»

E os mais avisados exlamam: «Se Alqueva já tivesse sido construída, quanta riqueza acumulada não teríamos a esta hora, sem tanto receio das secas e sem tanta falta de mantimentos!...»

Exactamente isso: se a Grande-Barragem de Alqueva estivesse construída, menos cuidados e inquietações haveriam de nos perturbar, porque a preciosa linfa guarda-se-ia ciosamente e as pequenas albufeiras seriam alimentadas, as novas indústrias alentejanas contempladas, a nossa agricultura enriquecida, outras importantíssimas benesses surgiriam no campo económico! Quem não quer Alqueva é contra Portugal!

Vejam só: a água, uma das raízes da vida, espelhando o azul dos largos céus! Grandes quantidades de peixes a nascerem e a criarem-se no meio dos lagos e regolfos! As aves a sedentarizarem-se. Um novo ciclo renovador de riquezas desenvolvendo-se por todo o Sul do País! O maná à nossa espera?

Com efeito, seria a véspera da nossa ressurreição. A oferenda portentosa da Natureza à província mais esquecida e sacrificada pelos poderes públicos! O sonho dos alentejanos, com Alqueva, estaria transformado na realidade mais fecunda. Instalar-se-ia a paz nos espíritos, a satisfação cívica no semblante e na alma das pessoas. Outro mundo na esfera das nossas apetências. Uma vida nova a chamar.

Todavia, gasta-se muito dinheiro noutras coisas. Os cidadãos que ocupam as cadeiras do Poder vacilam, distraiem-se, porque pode acontecer, por exemplo, que as unidades colectivas de produção aproveitem também as águas das chuvas e de Alqueva... Triste ideia será essa, o de se hesitar em construir uma barragem vital para o desenvolvimento económico do País só pela circunstância de outra gente que não adere a certas atitudes do Governo se possa abastecer da água para poder produzir o que faz falta a todos nós! É isso: o xadrez das hesitações e a má vontade política, residem aí! Quer dizer: deixa-se de fazer uma obra de enorme alcance económico pela simples ideia de que alguns dos nossos irmãos não pensam como nós! Mas então que diabo de patriotismo é esse? Que lógica pode ter uma coisa assim? Que desventurada mentalidade continua a minar o nosso espírito criador?

Entretanto, o povo, esbulhado, contém dificilmente o seu desespero contra o flagrante azedume partidário da direita, que mandou cessar o prosseguimento da Grande Barragem de Alqueva, virada como está sempre, e só, para a sua clientela do Norte!

Parece-nos que a democracia, assim oca e muito plausível, se arrasta e é beliscada por estímulos adversos, contrários aos interesses nacionais. Pensando bem, indaga-se: quem é que não gosta de ter em sua casa os alimentos para o sustento da sua família? Se um dia o Estado não tiver mais dinheiro para comprar os alimentos lá fora, onde os iremos obter? Necessariamente nas nossas terras, irrigadas pela água das albufeiras e das barragens que, como Alqueva, são vitais para a economia da nação! É simples mas tudo se complica...

Em Alqueva estão erguidas casas, muros, estradas construídas e outros serviços inacabados, mas está tudo ao abandono, como abandonadas estão muitas terras de agrários absentistas, que nada produzem nem deixam produzir seja a quem for!

Deste modo, novamente se pergunta: «A continuarmos a fixar-nos nesta filosofia, como vamos viver no futuro?!» É simples aplanar os obstáculos, mas tudo se continua a complicar.

Pede-se o sacrifício das massas trabalhadoras e despreza-se a agricultura. Não se guardam as águas no Alentejo e refreiam-se os humaníssimos desejos dos seus naturais.

Limitam-se os sonhos de progresso de um povo. Tudo isto dá a ideia que o destino do Alentejo está nas mãos de criaturas incríveis que profundamente o detestam, só porque a maior parte dos seus habitantes não votaram nelas... É vergonhoso!

Vamos vivendo de balões de oxigénio, num espaço governado por gente com falta de senso comum? Mas o País é de todos – pensem mais nele!

O Partido Socialista principiou o empreendimento de Alqueva. A direita suspendeu-o. O Partido Socialista gastou aproximadamente dois milhões de contos em Alqueva. A direita desprezou a importantíssima despesa e portanto é a culpada do impasse que actualmente se verifica!

Mas, não sabemos porquê, estamos em crer que tudo se irá sanar... Vamos construir a Grande Barragem! Depois, como quem defende um tesouro, guardar as águas! Ter mais pão, mais carne, mais lã, mais milho, açúcar, fartura em vez de penúria, alegria em vez de tristeza... Uma sociedade mais justa. Mais fraterna.

Jardim defende na Madeira

Candidato do PSD contra o regime

O presidente do Governo Regional da Madeira reconheceu ontem no Funchal que se atirou para a frente de qualquer maneira, por recear que o país entrasse em bancarrota.

Em declarações ao posto emissor do Funchal, Alberto João Jardim afirmou: «No caso da Madeira era necessário ganhar tempo, fazer o máximo de coisas possíveis antes que fosse demasiado tarde, atirando-nos para a frente de qualquer maneira, na medida em que éramos uma Região atrasada e previámos que o País entrasse numa fase de bancarrota». Estas afirmações vêm confirmar críticas feitas a Jardim por ter endividado a Região Autónoma da Madeira para além do tolerável, encontrando-se agora em situação crítica.

Jardim reconheceu que «agora temos de ir mais devagar» porque há muitas dificuldades e as disponibilidades financeiras são mais reduzidas.

Pronunciando-se sobre as eleições presidenciais de 1985, Alberto João Jardim afirmou que não apoiará Eurico de Melo nem Mota Amaral. «Nunca ouvi até ao momento qualquer declaração de ambos contra o regime», justificou.

Mas Jardim irá apresentar ao Congresso do PSD uma proposta defendendo uma candidatura social-democrata às eleições presidenciais.

O diferendo Crestuma-Lever

"Se o problema persistir resolvemo-lo nós"

●*Esta tarde reunião no Governo Civil*

PORTO, 29 – 1Se o problema não for resolvido hoje, resolvemo-lo nós. E ao dizer nós quero referir-me à população de Crestuma que não está disposta a suportar por mais tempo esta palhaçada», disse esta manhã ao «DL» o presidente da Junta de Freguesia de Crestuma, Manuel Barbosa Ribeiro, manifestamente desgostoso com o arrastar da situação.

Entretanto, o governador civil do Porto, Mário Cal Brandão, agora mandatado pelo ministro da Administração Interna, convocou os autarcas de Crestuma, os ex-autarcas de Lever e os responsáveis da Câmara Municipal de Gaia para uma reunião esta tarde (17.30 horas), no Governo Civil.

Sobre a convocatória, Manuel Ribeiro dir-nos-ia: «Vamos lá apenas para discutir a retirada da placa e a reposição da legalidade, conforme foi, aliás, publicamente reconhecido pelo chefe do distrito. Se pensam que vamos discutir os limites enganam-se. Enquanto o problema não for resolvido a nível do poder central recusamo-nos a falar outra vez de limites e com a placa no sítio, então, nem pensar nisso».

Apesar da tensão subsistir, não se registaram até ao momento quaisquer incidentes. A GNR dos Carvalhos, como autoridade responsável pela manutenção da ordem naquela zona, tem efectuado o patrulhamento normal e a circulação de veículos entre as duas freguesias tem-se feito sem problemas.

Após a reunião de logo à tarde, porém, tudo se poderá complicar. Depende do que for decidido. Uma coisa é certa: a população de Crestuma, pela voz do seu presidente, já disse que não vai esperar mais tempo. Logo, tudo pode acontecer...

Finanças sacam antecipadamente 25 milhões de contos

O Banco de Portugal vai entregar ao Estado, até 31 deste mês, 25 milhões de contos como antecipação dos lucros do exercício deste ano – segundo um despacho normativo hoje publicado no «Diário da República».

O ministro Ernâni Lopes justifica este saque antecipado com «os objectivos da política orçamental».

O diploma determina que a entrega deste montante deve acontecer a título excepcional e «sem prejuízo das correcções que se entenda dever efectuar após o apuramento definitivo dos resultados do exercício».

Normalmente, os lucros do exercício de um determinado ano do Banco Central são transferidos para o Estado no ano seguinte.

No entanto, a medida agora tomada pelo Governo não acontece pela primeira vez, pois já em 1978 se anteciparam os recebimentos de lucro não só do Banco Central mas também da banca comercial.

Este tipo de medidas visa atenuar o défice do Orçamento do Estado, que segundo o Ministério das Finanças deverá ser este ano de perto de 190 milhões de contos.

No entanto, o director do Gabinete de Estudos do Banco de Portugal, Cavaco Silva, afirmou, recentemente, num colóquio na Associação Portuguesa de Economistas, que esse défice será de 220 milhões de contos.

Para jornais e jornalistas

Os "10 anos de Abril" em concurso de Abril

A Associação 25 de Abril promove no próximo ano um concurso jornalístico destinado a premiar e a distinguir os melhores trabalhos escritos sobre a Revolução dos Capitães, a publicar no período compreendido entre 1 de Janeiro e 30 de Abril próximos.

O concurso, intitulado «10 anos de Abril» obriga os concorrentes a submeterem-se ao tema estrito sobre o 25 de Abril. A esta iniciativa poderão concorrer todos os jornalistas profissionais, à excepção dos membros do júri que o integrarem.

De acordo com o regulamento caberá aos primeiro, segundo e terceiro classificados o prémio de 90, 40 e 20 contos, respectivamente. Todavia, o júri poderá deliberar não atribuir algum dos prémios instituídos, se entender que os trabalhos submetidos a concurso se apresentam carecidos de qualidade. Poderão ser também atribuídas, de acordo com o regulamento, menções honrosas.

Os trabalhos deverão dar entrada na sede da Associação 25 de Abril (Forte do Bom Sucesso — 1400 Lisboa) até ao dia 15 de Maio de 1984, acompanhados de elementos de identificação e de fotocópia da carteira profissional do seu autor. Outros pormenores do concurso constam no regulamento enviado às redacções dos jornais.

A entrega dos prémios terá lugar em Outubro de 1984, em cerimónia pública que se realizará em dia e hora a divulgar oportunamente pelaAssociação.

Há metade dos presos que eram habituais

Portugueses que vivem em Espanha: menos mal do que a direita afirma

O número de residentes portugueses em Espanha, em situação legal ou clandestina, tem diminuído nos últimos meses e situava-se em 22 604 em 30 de Novembro – disseram à ANOP fontes oficiais em Madrid.

Actualmente, encontram-se detidos em prisões espanholas, 112 portugueses, menos de metade do número médio que se registava há um ano – informou o Ministério da Justiça.

Estas informações contradizem as que foram divulgadas há dias por um jornal espanhol de extrema-direita e reproduzidas por alguns órgãos de comunicação de Lisboa, de que residiriam actualmente em Espanha cerca de 60 mil portugueses, metade dos quais em condições ilegais.

Um porta-voz do Ministério do Interior disse à ANOP que esse número «é totalmente aleatório e não parece ter fundamento».

Acrescentou que a Polícia espanhola admite que viva ilegalmente em Espanha um número de portugueses equivalente no máximo a 30 por cento dos que estão em condições legais, pelo que o número total de portugueses no país seria ligeiramente superior a 30 mil.

Fontes consulares portuguesas disseram à ANOP que existe dificuldade em determinar exactamente o número de residentes, pois as autoridades apenas podem orientar-se pelas inscrições nos consulados, muitas das quais perdem actualidade por mudança de domicílio.

No Consulado Geral de Portugal, estima-se em três mil o número de portugueses residentes em Madrid, embora o número de inscrições ascenda a alguns milhares mais.

Nem só marginais

A polícia espanhola desmentiu à ANOP que o número de clandestinos possa identificar-se com as prostitutas, travestis ou criminosos, como dava a entender a informação publicada por «El Alcazar» e utilizada por alguns órgãos de comunicação portugueses.

Fontes oficiais dos dois países coincidiram em qualificar a comunidade portuguesa como «tradicional e integrada».

A maior parte dos seus membros reside no território há muitos anos e dedica-se a actividades profissionais normais – salientaram.

Reconheceram, no entanto, que na última dezena de anos um número indeterminado de portugueses de diversas origens, por razões económicas, sociais ou políticas, radicou-se em Espanha. Todavia, muitos deles regressaram a Portugal em virtude de dificuldades económicas e de trabalho.

A Embaixada de Portugal salientou que não existem contenciosos com as autoridades espanholas devido à presença de cidadãos portugueses, embora não tenha sido solucionada a questão dos ciganos estabelecidos em Gijon, cuja situação actual «é menos dramática e tensa do que há um ano».

Também o número de casos de polícia com prostitutas, travestis ou delinquentes portugueses diminuiu consideravelmente nos últimos tempos – disseram à ANOP fontes policiais.

A redução do número de detidos é atribuída em boa parte à reforma do Código Penal e ao facto de ninguém cumprir pena por permanência clandestina ou ilegal no país.

Legalização fácil

Fontes policiais informaram que ultimamente não se registou qualquer detenção de prostitutas ou travestis portugueses, o que contrasta com a frequência com que tal ocorria em anos anteriores.

O Ministério do Interior espanhol considerou «sensacionalista» a informação sobre a comunidade portuguesa publicada em Lisboa, com base em «El Alcazar».

Também os membros da recém-criada Associação Comunidade Portuguesa, em Madrid, protestaram e manifestaram indignação pela imagem que aquele tipo de informação pretende dar dos portugueses em Espanha.

Meios diplomáticos portugueses indicaram que nos últimos anos não tem havido grandes problemas em relação à legalização da situação de cidadãos residentes em Espanha, sublinhando que os portugueses beneficiam das vantagens concedidas aos sul-americanos e filipinos.

No entanto, o governo português, na recente reunião do Conselho Hispano-Português, pediu urgência para a actualização do Convénio Consular, que data de 1870, embora o Governo espanhol prefira antes fazer aprovar a sua lei de estrangeiros, que ainda não foi apresentada ao Congresso de Deputados.

Têxteis ganharam em nove meses 55 milhões de contos de divisas

Os têxteis portugueses obtiveram nos primeiros nove meses deste ano um ganho líquido em divisas de 55 milhões de contos, resultante de 96 milhões exportados e 41 milhões de produtos importados para o sector trabalhador.

No mesmo período do ano passado, tinham sido exportados produtos têxteis correspondentes a 63, 8 milhões e nos primeiros nove meses deste ano já se exportou mais que no conjunto dos doze meses de 1982: 94,8 milhões de contos.

No ano corrente, as exportações incidiram, particularmente, nos artigos de malha (27 milhões) vestuário de tecido (26 milhões) e tecidos em peças (14 milhões).

As importações resultaram da compra de fibras e seus despeerdícios (23 milhões de contos), fios (6,8 milhões) e tecidos em peça (6,8 milhões).

A CEE absorveu 67,3 por cento das exportações portuguesas naquele período e forneceu 38,2 por cento das importações.

Projecto-piloto em Cepões (Fafe)

Um projecto-piloto de desenvolvimento social vai ser implementado a curto prazo na freguesia de Cepões, concelho de Fafe, no âmbito do plano de desenvolvimento regional integrado.

A acção, aprovada pelo executivo camarário, será dirigida directamente pelo município e contará com o apoio das delegações regionais de Braga dos Ministérios da Agricultura e do Trabalho, Direcção-Geral Escolar, Centro Regional de Segurança Social e Junta Distrital das Casas do Povo.

Numa fase imediata, o projecto constará de um levantamento sócio-económico e cultural da freguesia de Cepões, a partir do qual será elaborada uma monografia.

Cemitério romano descoberto em Montalegre

Um cemitério romano, constituído por oito sepulturas cavadas na rocha, foi descoberto ontem na aldeia de Penedones, concelho de Montalegre, revelou uma fonte municipal.

Junto das sepulturas, para norte, há vestígios de duas casas igualmente construídas na rocha, que se encontram, no entanto, corroídas pelas águas acumuladas na barragem de Pisões — adiantou a mesma fonte.

Estremoz comemora Revolução de 1383

A Câmara Municipal de Estremoz, em colaboração com a biblioteca e museu locais, vai comemorar a revolução de 1383.

Nesse âmbito, e antes do final do ano, será inaugurada no museu uma exposição de pintura do artista estremocense Rogério Ribeiro, que inclui um conjunto de trabalhos ilustrativos da crónica de Fernão Lopes sobre os acontecimentos de há 600 anos.

O historiador António Borges Coelho falará sobre aquela revolução popular e o Grupo de Teatro de Campolide apresentará em Janeiro, a peça «1383».

Na biblioteca municipal, e no início do próximo ano, será inaugurada uma exposição documental sobre os factos e figuras principais da Revolução de 1383.

Bombeiros de Vila Nova de Foz Coa

Os bombeiros de Vila Nova de Foz Coa, Guarda, comemoram em Janeiro as «bodas de ouro» da sua fundação — soube a Anop junto da corporação. As cerimónias comemorativas realizam-se em 14 de Janeiro, com uma sessão solene alusiva à efeméride e romagem ao cemitério com deposição de flores nas campas de bombeiros falecidos.

No quartel-sede está previsto o descerramento de uma placa comemorativa e de um documento fotográfico com os primeiros bombeiros da corporação. Os bombeiros fozcoenses apareceram pela primeira vez a público em 14 de Janeiro de 1934 tendo efectuado exercícios na praça do município.

Orçamento da Câmara de Castelo Branco

Mais de 159,9 milhões de escudos estão previstos no âmbito do plano de actividades da Câmara Municipal de Castelo Branco para o ano de 1984, soube a ANOP de fonte municipal.

No domínio da educação e ensino básico, estão previstos no documento 17,55 milhões de escudos essencialmente para construções de escolas pré-primárias e escolas primárias, reparações e equipamento.

Na área do saneamento básico, a edilidade albicastrense prevê o dispêndio de mais de 67,9 milhões de escudos a aplicar nomeadamente na implantação ou ampliação de redes de esgotos e de água, ampliação do cemitério da cidade e aterro sanitário de resíduos sólidos.

Cursos de alfabetização em Vila do Bispo

Três cursos de alfabetização vão iniciar-se dentro em breve nas freguesias de Sagres, Budens e na sede do concelho, Vila do Bispo.

O curso de Sagres, será custeado pela Câmara de Vila do Bispo e pela junta de freguesia, enquanto os outros dois serão financiados directamente pela Direcção de Educação de Adultos.

O concelho de Vila do Bispo tem um dos maiores índices de analfabetismo do Algarve, resumindo-se as actividades económicas das suas populações à pesca e agricultura.

Feira da Oliveira em Campo Maior

A segunda edição da Feira da Oliveira realiza-se em Campo Maior (Portalegre), de 20 a 27 de Maio de 1984, anunciou o secretariado do certame.

Segundo aquela fonte, a feira passará a ter data fixa em Maio, realizar-se-á com carácter bienal e apresenta-se com o novo calendário em alternativa à «Expoliva-Jaen», certame congénere que se realiza em Espanha.

Bombeiros de Arraiolos fazem 50 anos

Os Bombeiros Voluntários de Arraiolos comemoram em 1 de Janeiro o seu cinquentenário, com a realização de diversas iniciativas.

As comemorações incluem uma sessão solene, uma romagem ao cemitério, condecorações, promoções e entrega de novos machados e capacetes, uma missa e a benção de novas viaturas.

Do programa das comemorações, em que estarão presentes as mais altas entidades do distrito, consta, ainda, um desfile do corpo activo e viaturas pelas principais ruas da vila.

Garantiu-o Alípio Dias

Governo quer reduzir os impostos mas a dívida pública não deixa

Em Julho de 83, os banqueiros estrangeiros não financiavam, sequer, a compra de um quilo de trigo

Os portugueses já atingiram o máximo possível de carga fiscal e é intenção do Governo começar a reduzi-la, segundo afirmou ontem, em Lisboa, o secretário de Estado do Orçamento, Alípio Dias.

Dada com adquirida pelo Governo a necessidade de desarmamento fiscal, tais propósitos só seriam limitados pelo peso excessivo da dívida pública que implica o pagamento anual, só em juros, de um montante correspondente ao custo de dois hospitais semelhantes ao de Santa Maria, em Lisboa.

Alípio Dias, que participava num debate sobre economia e finanças realizado pelo Partido Social Democrata, referiu, também, que o Orçamento Geral do Estado para 1984 já introduz algumas medidas de redução da carga fiscal quanto aos impostos complementar e profissional, mas que o Executivo pretende ir ainda mais longe em matéria de alívio de tributações.

O secretário de Estado do Orçamento defendeu a necessidade de uma reforma fiscal do país, mas primeiro, disse que se deve «preparara a máquina administrativa, já que a sua situação é até agora caótica».

Ruptura à vista em Julho passado

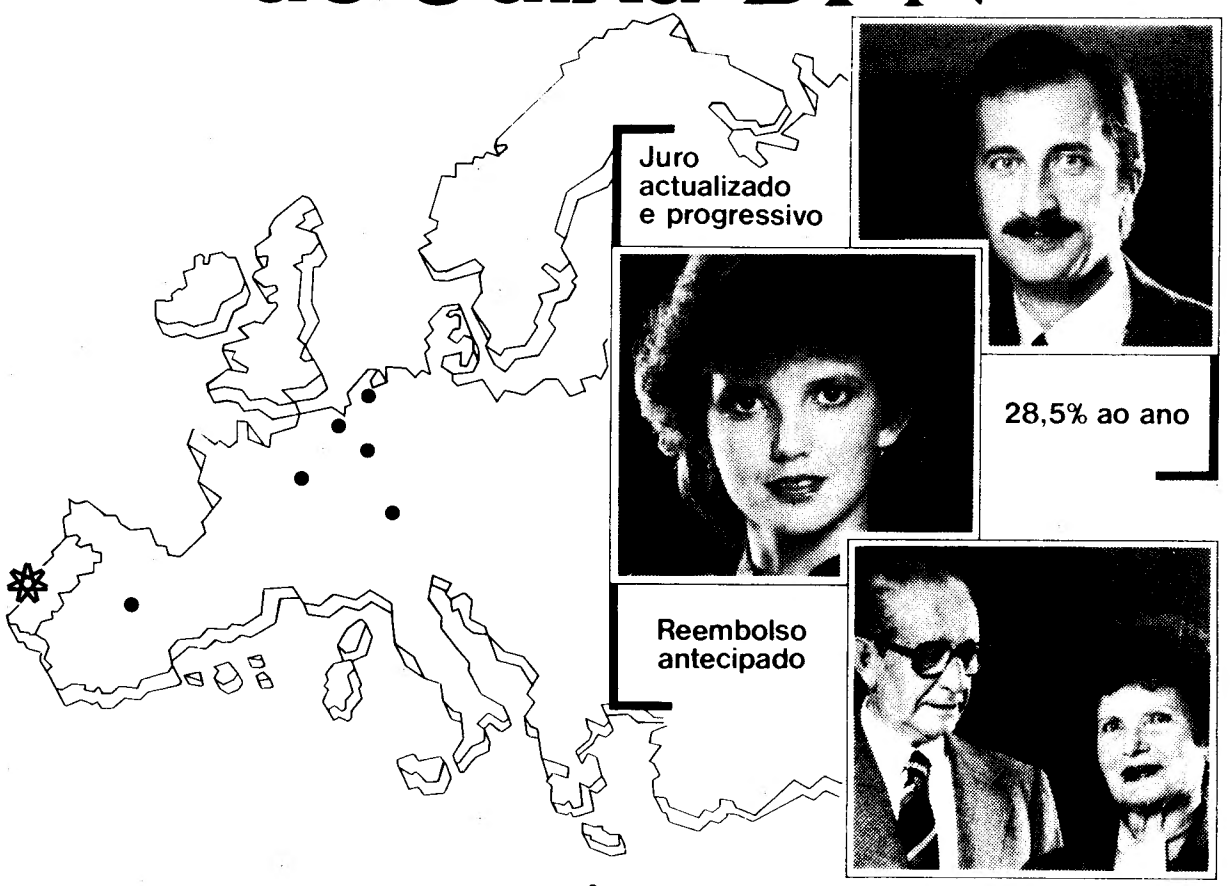
O secretário de Estado acrescentou que Portugal «vai ter de se continuar a endividar no futuro, quanto mais não seja para amortizar os empréstimos que se vão vencendo».

Num abreve análise da situação financeira na altura da entrada em funções do actual Governo, Alípio Dias afirmou que ela era «particularmente difícil em matéria de reservas cambiais» que se encontravam «quase esgotadas».

Em Julho de 83, revelou, houve uma semana em que os banqueiros internacionais não financiavam nada à República Portuguesa, «nem um quilo de trigo».

Mas levadas a bom termo as negociações com o Fundo Monetário Internacional («Foram negociações difíceis que chegaram a estar na área da ruptura») conseguiu-se anular a tendência para o agravamento e hoje, «do ponto de vista externo, a situação está dominada».

Obrigações de Caixa BFN



EMISSÃO CONTÍNUA aos balcões do Banco de Fomento Nacional

Colhendo a experiência da Europa e adaptando-a às características do nosso mercado financeiro, o Banco de Fomento Nacional lança em Portugal as OBRIGAÇÕES DE CAIXA.

Emissão de 5 milhões de contos de **Obrigações de Caixa BFN** no valor nominal de Esc.: 10.000$00 cada.

O prazo para o reembolso total é de 3 anos, podendo ser antecipado a partir do 12.º mês da subscrição.

Os juros das **Obrigações de Caixa BFN**, sempre actualizados e progressivos, são pagos semestralmente e estão isentos dos impostos complementar e de capitais.

Os Títulos, ao portador, podem ser livremente transmitidos e transaccionados no mercado.

As **Obrigações de Caixa BFN** têm emissão contínua e são adquiridas exclusivamente aos balcões do Banco de Fomento Nacional.

LATINA

Banco de Fomento Nacional
O investimento como força criadora

A Comunicação Social em 1983

No que respeita à Comunicação Social, o balanço do ano encerra com um facto importante transferido para 1984 sob a forma de incógnita: o Anteprojecto de Lei de Imprensa.

Apresentado em 17 de Novembro pelo ministro Almeida Santos, para «provocar juízos críticos e proporcionar uma vasta recolha de opiniões» antes de tomar forma definitiva, o documento conseguiu a rara unanimidade do Sindicato dos Jornalistas e da Associação da Imprensa Diária, num coro muito mais alargado de críticas violentas.

A perda pelos jornalistas do direito de sigilo profissional, em casos nebulosamente definidos, e o esvaziamento da competência dos conselhos de redacção dos órgãos estatizados são as alterações à lei vigente pretendidas pelo Governo que mais têm sido contestadas, tanto nos meios jornalísticos, como pela oposição e, mesmo, por algumas individualidades muito próximas da coligação no poder.

Mas 1983 teve, também, saldos transferidos do ano anterior. O mais destacado foi, sem dúvida, o «Caso ANOP», que, por certo, estará, ainda, em 1984, longe de uma solução.

A situação criada pela resolução do Conselho de Ministros do Governo anterior de extinguir a ANOP, publicada em 29 de Julho de 1982, evoluiu ao longo deste ano que finda e sobreposta a períodos de vigência de dois Governos, com muitos sobressaltos mas sem qualquer alteração definitiva.

Almeida Santos e Anselmo Rodrigues, herdeiros de José Alfaia, na tutela governamental da Comunicação Social, embora continuando sem tal função assumida em título, não conseguem concretizar qualquer solução.

Tal como a que determinava a extinção da agência, a resolução do Conselho de Ministros de fundir a ANOP com a NP não se concretiza ao fim de mais de cinco meses após a publicação (12 de Julho), arrastando-se os atrasos de pagamento dos vencimentos dos trabalhadores e de outras dívidas críticas da ANOP.

As resoluções do Conselho de Ministros referentes à Comunicação Social parecem, de resto, condenadas ao esquecimento ou, pelo menos, ao adiamento «sine die». Tal aconteceu, também, com a publicada a 24 de Setembro determinando uma série de medidas na EPNC, considerada em situação económica difícil e onde um mês antes os salários haviam entrado no regime de atraso de pagamento que, entretanto, se manteve.

Largamente esgotado o prazo de dois meses para a concretização dessas medidas, que antecederiam um plano de viabilização da empresa, nada de novo aconteceu ainda, além da alteração do conselho de gerência, motivada pelo pedido de demissão apresentado em Dezembro pelo presidente empossado no princípio do ano, alegando desinteresse da tutela pelo futuro da empresa.

Quanto à RTP, 1983 foi ano de duas mudanças de conselho de gerência (Janeiro e Julho). A segunda, radical e resultante da mudança do Governo, arrasta 26 directores e chefes, contas feitas por um matutino de Lisboa.

A uma programação anunciada como de qualidade mas, também, de tempo de crise, tem sido reconhecida pela crítica muito mais esta qualidade do que a primeira, apesar de revelados, em tom de escândalo, «cachets» ditos «fabulosos», pagos a alguns colaboradores.

Mas escândalo porventura mais grave é o da Televisão de Macau, que ainda em tempo de gestação, despede, em Outubro, cinco jornalistas contratados em Lisboa, por imposição do Governo local.

Também na RDP houve mudança do conselho de gerência, chegada embora quase no fim do ano e pouco podendo fazer sentir-se nestes últimos dias de 1983. Os grandes males que as apontam à Rádio oficial não tiveram, por isso, ainda este ano, os grandes remédios que se dizem necessários.

Também quase ao findar do ano, surgiu o único título novo na Imprensa de projecção nacional: «Semanário». Quanto aos diários que continuam ligados ao nosso quotidiano, conseguimos lê-los por enquanto sem pagar mais por isso, porque empresas privadas e estatizadas não se entenderam quanto a novo aumento, criando um contencioso que levaria à demissão dos dirigentes da AID, os mesmos que a contragosto haviam aceite o acordo salarial com os jornalistas evitando a greve marcada para 11 e 15 de Julho.

Num balanço onde os factores negativos altamente se subrepõem, quase se isola, como acontecimento louvável, o I Congresso dos Jornalistas Portugueses, realizado em Janeiro e em que os profissionais da Informação, num documento final de 14 pontos, tomaram, nomeadamente, o compromisso «da prática responsável e permanente de um jornalismo digno».

De salientar, também, a criação, no Porto, do Centro de Formação de Jornalistas.

Ocorrido ontem à tarde numa estrada do Algarve

Atentado contra GNR's poderá estar relacionado com julgamento de Al-Awad

A Polícia Judiciária de Faro procura localizar os autores dos disparos que, cerca das 15 e 45 de ontem, atingiram com gravidade, na Estrada Nacional 264, entre S. Bartolomeu de Messines e S. Marcos, dois elementos da Brigada de Trânsito da GNR. Os dois guardas (Manuel dos Santos Pereira, de 35 anos, e Delfim Tiago Trindade, de 30), que faziam parte de uma patrulha que realizava uma operação «stop» de rotina, já estão livres de perigo no hospital da capital algarvia.

O incidente ocorreu quando os dois homens mandaram parar um automóvel «Volkswagem Golf», com a matrícula DU-19--81. O condutor, e único ocupante deste veículo, inverteu então a marcha, e, já perseguido pela patrulha, encostou o «Golf» à berma da estrada. Foi então que surgiu um «Renault», de matrícula francesa, em direcção ao qual o condutor do «Golf» se dirigiu, acabando por entrar nele, não sem que antes tivesse alvejado um dos guardas. O outro guarda foi atingido com rajadas disparadas já do interior do «Renault», onde viajavam dois homens.

Ao que parece, os investigadores admitem a hipótese de que a presença dos agressores presumivelmente estrangeiros poderá estar relacionada com o tráfico de droga, ou, em última análise, com a realização, já na próxima quarta-feira, no Tribunal, de Albufeira, do julgamento de Al-Awad, presumível assassino do dirigente da OLP, Issam Sartaui, ocorrido em 10 de Abril deste ano, em Montechoro. No pleito, participarão oito jurados efectivos e dois suplentes.

Numa zona degradada do Porto

Garoto de oito anos esmagado por pedregulho

Quando brincava juntamente com outras crianças da sua idade junto da Escola Académica, o pequeno Rui Manuel Mota da Silva, de oito anos, que residia com os pais na Rua do Pinheiro, 3, no Porto, foi colhido mortalmente por um pedrgulho que se desprendeu de um muro que ameaçava ruína há muito e que, por isso, até estava escolrado com umas tábuas.

A trágica ocorrência verificou-se pelas 19 e 30 de ontem e causou grande consternação na zona não faltando quem exigisse o apuramento de responsabilidades, uma vez que se tratou de um caso de manifesta negligência. À mesma hora e no mesmo local encontravam-se mais crianças que conseguiram, no entanto, escapar a tempo.

Na ausência de um jardim ou de um pátio apropriado para s suas brincadeiras, as crianças da Rua do Pinheiro sempre escolheram o largo anexo à Escola Académica para as suas traquinices. Os adultos que escoraram o muro em ruína sabima disso.

Reconduzida a Reitoria da UL

A Reitoria da Universidade Livre foi reconduzida por unanimidade às suas funções, em eleições recentemente realizadas nas instalações do Porto.

Em 119 votos expressos, verificaram-se 118 a favor e um nulo.

É a seguinte a composição daquele órgão para 83/84: reitor, prof. Francisco da Costa Durão; vice-reitores em Lisboa, profs, José Maria Gaspar e Eduardo Borges Nunes; vice-reitores do Porto, profs. Humberto Maquero Moreno e Jorge Fernandes Lima.

António da Cruz Rodrigues passou a acumular as funções de administrdor-geral da UL com as de presidente do conselho directivo da cooperativa que suporta a universidade Livre.

O corpo discente da UL registou um aumento de 23 por cento.

Universidade Internacional no nosso país

Um grupo de docentes universitários portugueses está a trabalhar para pôr em funcionamento em Portugal uma universidade internacional, soube a ANOP em meios universitários.

A comissão instaladora da universidade internacional é constituída pelos professores catedráticos Almerindo Lessa, Amilcar Marques, Ilídio Amaral, João Pereira Neto e Oliveira Ascensão.

Os primeiros departamentos que estão programados para entrar em funcionamento são a faculdade de Direito e o departamento de extensão universitária.

Ao mesmo tempo está a ser ultimado, no Instituto de Formação de Quadros Superiores, um curso de gestão hoteleira, ao qual se espera acrescentar cursos superiores de gestão bancária e da segurança social.

No plano da investigação científica, os primeiros departamentos serão o Centro de Ecologia Humana, o de Estudos Islâmicos e o de estudos de Antropologia.

Os promotores desta iniciativa obtiveram para tal o apoio do ministro da Educação, bem como de universidades estrangeiras.

Um protocolo de colaboração para os estudos necessários já foi assinado pela universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro.

Pretende-se que os diplomas que a universidade internacional venha a passar sejam válidos para outros países e que seja ministrado um ensino vocacionado, em particular, aos núcleos portugueses no estrangeiro e aos estudantes oriundos de países de expressão oficial portuguesa.

Professores PSD insistem na saída de Seabra

O pedido de demissão do ministro da Educação foi ontem reiterado pelo secretariado da secção socioprofissional do PSD da área de metropolitana de Lisboa, que «assume o conteúdo do seu último comunicado» nesse sentido, segundo a Anop.

Este grupo profissional refere, em comunicado ontem distribuído, que a posição que tomara a semana passada face a José Augusto Seabra e que motivou críticas no seio do partido «resulta da auscultação de centenas de professores da área».

A nota acrescenta que essa auscultação se efectuou «ao longo dos últimos meses e cujo posicionamento motivou a elaboração do comunicado pelo respectivo secretariado e não por qualquer grupo à revelia das suas estruturas».

Questão "quente" em 83

O aborto foi tema durante todo o ano

A moção aprovada no Congresso do PS com vista à despenalização do aborto terá sido este ano o aspecto chave deste assunto que, em 1982, tinha originado um dos mais «quentes» debates parlamentares.

O PCP anunciou logo na campanha eleitoral de Abril que reapresentaria este ano o seu projecto sobre a despenalização do aborto, uma vez que no final do ano passado o vira rejeitado por apenas 22 votos, o PS, nessa altura oposição, tinha votado unanimemente a favor do projecto, enquanto o PSD, então no Governo, votara na quase totalidade contra o documento, embora alguns deputados tenham saído da sala antes da votação.

Logo depois de o PCP fazer o anúncio houve quem considerasse, como fez o «Movimento Pró-Vota» (que em 1982 se batera pela não despenalização do aborto) que o PCP estava apenas a pretender com esta questão, inviabilizar o bloco central, então em formação na sequência das eleições.

Mas, no seu congresso em inícios de Outubro, os socialistas vieram a aprovar, quase por unanimidade, uma moção com vista à despenalização do aborto. O assunto foi colocado por Maria Belo, que o apresentou de certa forma como uma das medidas sociais que caberia ao Governo de maioria socialista promover, como contrapartida à política de rigor económico.

Maria Belo explicou então que com a nova composição do Governo, as circunstâncias eram diferentes do que em 1982 para se conseguir a despenalização do aborto, bastando o PSD dar liberdade de voto aos seus deputados para que o número de votos fosse suficiente.

Mário Soares deu o seu apoio pessoal à moção – que a integrou na que ele próprio apresentara – e logo em Outubro, colocou a questão aos seus parceiros de coligação, na primeira cimeira que tiveram depois do congresso dos socialistas.

Ainda em Outubro o PS criou, a nível do seu grupo parlamentar, uma comissão especial para estudar o assunto, começando-se a admitir a hipótese de este partido vir a apresentar um projecto próprio em alternativa ao PCP.

Quanto aos sociais-democratas vieram a decidir, no seu conselho nacional de finais de Novembro, não apresentar nenhum projecto próprio sobre o assunto e também votar contra «qualquer lei que vise legalizar ou despenalizar o aborto».

Foi ainda rejeitada uma proposta que pretendia a realização de um referendo sobre o assunto. Aliás a direcção do grupo parlamentar tinha anunciado que se oporia no conselho nacional «a qualquer referendo que possa bulir com a consciência dos seus deputados».

O debate não foi, no entanto, pacífico, e terminou com o secretário-geral, António Capucho, e mais sete membros do conselho nacional a apresentarem um pedido de impugnação da decisão aprovada por ser «antiprogramática, anti-estatutária e nula».

Diferente do conselho nacional foi o parecer da JSD (a organização de juventude do PSD) que, reunida em conselho nacional em Dezembro, aprovou uma moção a favor da despenalização do aborto, embora apenas nos casos de terapêutica, violação e eugenia. Seria uma solução semelhante à adoptada em Espanha, onde o aborto foi este ano legalizado.

Entretanto no PS, Mário Soares anunciava que o seu partido iria apresentar um projecto próprio para a despenalização do aborto e afirmara não ter receio das repercussões que isso viesse a ter a nível da coligação governamental, uma vez que o assunto não seria tratado pelo Governo.

Mário Soares explicou que o assunto seria deixado apenas aos grupos parlamentares e que não estava «nada preocupado que deputados do PSD votassem contra o projecto do PS», «é uma questão de consciência» – acrescentava.

Ainda no PS o ex-líder do grupo parlamentar, Salgado Zenha, escrevia um artigo em que recordava que, na altura em que Mota Pinto foi primeiro-ministro, o seu ministro da Justiça, Eduardo Correia, apresentara em 1979 no Parlamento uma proposta de Lei, em que a interrupção da gravidez era permitida em casos de «perigo de morte ou grave e irremovível lesão da saúde ou da integridade física ou psíquica da mulher grávida».

Quanto ao PCP a deputada Zita Seabra, no congresso do seu partido em Dezembro, veio a acusar a direcção do PS de se «preparar para trair os compromissos assumidos» nesta matéria, e de estar a usar os mais diversos expedientes para adiar por mais um ano a resolução do problema.

Zita Seabra anunciou ainda que o debate do projecto do PCP no Parlamento está agora definitivamente marcado para 25 e 26 de Janeiro de 1984. O PS ainda não divulgou o seu anunciado projecto alternativo mas, segundo informação recolhida pela ANOP, este deverá ser debatido na mesma altura que o do PCP.

Entretanto, a Igreja voltou este ano a reagir, logo que foi divulgado que este assunto seria de novo apreciado pelo Parlamento. Os bispos reunidos em Fátima, manifestaram o seu «mais vivo repúdio pelas iniciativas no sentido de legalizar acções por sua natureza criminosas».

A nível de tribunais este ano foi julgada a parteira Maria Joaquina Martins Ferreira, por ter feito um aborto a Carminda Lopes, que morreu com a anestesia. A parteira foi condenada a 15 meses de prisão com pena suspensa.

Também em Espanha a Guarda Civil de Gijón prendeu a presumível autora do aborto feito à portuguesa Olga Modesto Moreira, que faleceu em consequência dele.

Trabalhadores dizem "não" à banca privada

Os membros do Conselho Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, eleitos palas listas unitárias, acusaram a respectiva direcção de violar as decisões do congresso da estrutura sindical, quanto à irreversibilidade das nacionalizações, consagradas na Constituição. Por isso, requereram ao Tribunal de Trabalho de Lisboa a declaração de nulidade da deliberação do conselho geral do sindicato, de 29 de Novembro último, que aponta para a aceitação, na prática, «da criação de novos bancos privados», pondo deste modo em risco a sobrevivência da Banca nacionalizada. Em conferência de Imprensa realizada nas instalações da USL, os representantes das listas unitárias afirmaram que a direcção sindical também aprovou as sínteses do congresso, bem como o ponto em que se declara que o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas «reafirma a sua posição contrária à criação de novos bancos privados e ao exercício de actividade bancária pelos empresários privados em qualquer parcela do território nacional». Nove meses após o congresso, foi sublinhado, o conselho geral, por proposta da direcção, aprovou um «projecto de regulamentação» que vai ao encontro dos objectivos do Governo de «criar condições para entregar ao capital privado nacional e estrangeiro o sector bancário». Os promotores da conferência de Imprensa defenderam a demissão da actual direcção e a realização de eleições antecipadas para os corpos gerentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

Agudiza-se a situação na Quimigal

Os trabalhadores da Quimigal, que ainda não têm garantias de receber os salários do corrente mês, reuniram-se em plenário nas principais dependências da empresa, tendo decidido exigir do CG o pagamento atempado dos vencimentos. Deliberaram igualmente voltar a colocar as revindicações já por diversas vezes apresentadas pelos ORT's, em face da constante degradação da situação na empresa, nos campos económico, financeiro e social. Essas exigências ao CG que na óptica dos trabalhadores poriam cobro a esta situação, referem-se a «medidas necessárias a uma correcta gestão, visando o aproveitamento integral da capacidade produtiva instalada»; um «combate firme à corrupção e a redução drástica de despesas supérfluas»; o cumprimento da Lei 46/79, nomeadamente «no respeitante à entrada em funções dos gestores eleitos pelos trabalhadores». Do Governo os trabalhadores reivindicam que promova «a imediata substituição do actual CG da Quimigal por novos elementos que mereçam a confiança dos trabalhadores»; que adopte «uma correcta e atempada articulação entre os preços fixados e os custos de produção, o pagamento em tempo oportuno das indemnizações compensatórias e o reembolso imediato das verbas retidas pelo Governo, respeitantes a indemnizações vencidas e não pagas, bem como das dotações de capital alheio necessárias ao desenvolvimento dos projectos de investimento em curso»; e que defina uma política de desenvolvimento e de exploração dos recursos nacionais, «nomeadamente em relação ao PAIP, Metalurgia do Cobre, PSN, Alqueva e Plano Energético.

Gelmar resiste à tentativa de encerramento

Os trabalhadores da Gelmar resistiram ontem à tentativa de selagem e arrolamento dos bens da empresa, na sequência de uma ordem do tribunal, por acção executiva posta pelos credores.

Um dirigente sindical declarou que dois funcionários do tribunal do Nono e do 12.º juízos, decidiram retirar-se (pela segunda vez) das instalações da empresa, apesar de terem afirmado que a posição dos trabalhadores conduziria à intervenção dos agentes da autoridade.

A primeira tentativa de execução da ordem judicial verificou-se em 3 de Novembro.

A Gelmar, empresa nacionalizada, deve, entre outros credores, à empresa multinacional japoesa Tayio cerca de 300 mil dólares. Considerada empresa em situação difícil, a sua liquidação por inviabilidade consta já — segundo o dirigentye sidical — de um projecto da Secretaria de Estado do Comércio Interno a ser apresentado em reunião do Conselho de Ministros.

Segundo a mesma fonte, «a alegada inviabilidade da empresa nunca foi fundamentada ou comprovada» e os cinco estudos já efectuados apontam «efectivamente para a sua viabilidade e inclusivamente para a sua importância», tratando-se da principal empresa de comercialização de produtos congelados.

Representantes de oito sindicatos reunidos na Gelmar para fazer o ponto da situação, anunciaram estar dispostos a «resistir por todos os meios em defesa da empresa e seus postos de trabalho.»

Com 690 trabalhadores a nível nacional, a Gelmar tem instalações em Lisboa, Montemor-o-Novo, Coimbra, Matosinhos, Olhão e Portimão.

TAP

Demissão do CG leva ao adiamento de nova greve

O pessoal de terra da TAP, que ontem esteve paralisado decidiu em plenário adiar «sine die» a greve prevista para o próximo dia 2 de Janeiro e entretanto realizar reuniões sectoriais, para debater a situação.

A greve de ontem, que deixou a quase totalidade dos aviões da TAP em terra, segundo um portavoz do SITAVA, registou uma adesão «considerável» e só não provocou grande concentração de passageiros no Aeroporto «devido às medidas prévias tomadas pela companhia, que programou a sua actividade antes do início da greve».

Os trabalhadores associados do SITAVA paralisaram em protesto contra a actual gestão do conselho de gerência,que classificam de «discriminatória em relação ao enquadramento de trabalhadores, privilegiando alguns sectores». Exigem ainda o início das negociações salariais.

A greve de ontem foi o quarto conflito registado este ano na TAP. Uma greve de pilotos que ameaçava paralisar o Aeroporto os dias 24, 27 e 28 de Agosto foi desconvocada, o mesmo acontecendo com uma outra do pessoal de terra, decretada pelo SITAVA para osdias 7 e 8 do mesmo mês. Em Julho já o pessoal de terra havia paralisado para exgir a publicação de um acordo de empresa com novas tabelas salariais.

Conselho de gerência demitido

Entretanto, numa reunião com o SITAVA, o secretário de Estado dos Transportes afirmou que o Conselho de Gerência da TAP cessa ainda este mês as suas funções, sendo substituído em Janeiro por uma nova equipa.

O membro do Governo terá dito também que foram suspensas parte das acções de gestão a implementar, contestadas pelos trabalhadores e que dizem respeito a regalias e subsídios a atribuir exclusivamente aos quadros directivos da empresa.

Nessa reunião os dirigentes do SITAVA foram informados de que ainda esta semana seria proposta nova tabela salarial, decorrendo as negociações durante os primeiros dias de Janeiro.

Foram estes novos dados que levaram ao adiamento da greve prevista para 2 de Janeiro. No entanto, e quanto à paralisação de ontem, não foi desconvocada porque, segundo o sindicato, embora as duas cedências governamentais (a demissão do actual CG e a suspensão parcial de actos de gestão) sejam «positivas» ainda «não são suficientes». E igualmente porque não existem «provas escritas de que haverá uma alteração da política de gestão, em termos de futuro».

BEPALIZ

deseja a todos os seus clientes fornecedores e amigos

THE BRITISH COUNCIL
INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

CURSOS DE LÍNGUA INGLESA

Inscrições para as aulas a iniciar a 3 Janeiro de 1984

Curso Geral de língua Inglesa
Níveis: Elementar, Intermédio e Avançado

Cursos especiais
Médicos, advogados e executivos
Principiantes
Jovens (dos 13 aos 15 anos)

Testes de avaliação de 20 a 22 e a 29 e 30 de Dezembro

Horário das aulas: das 8.30 às 22 horas, sem interrupção

inscreva-se agora!

Horário da secretaria:
das 9.00 às 12.00, das 14.30 às 17.30 horas

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUÍS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal) 1294 Lisboa Codex
Telefs: 36 92 08 - 36 92 09 - 32 01 73 - 32 87 50 - 362038 - 32 5771

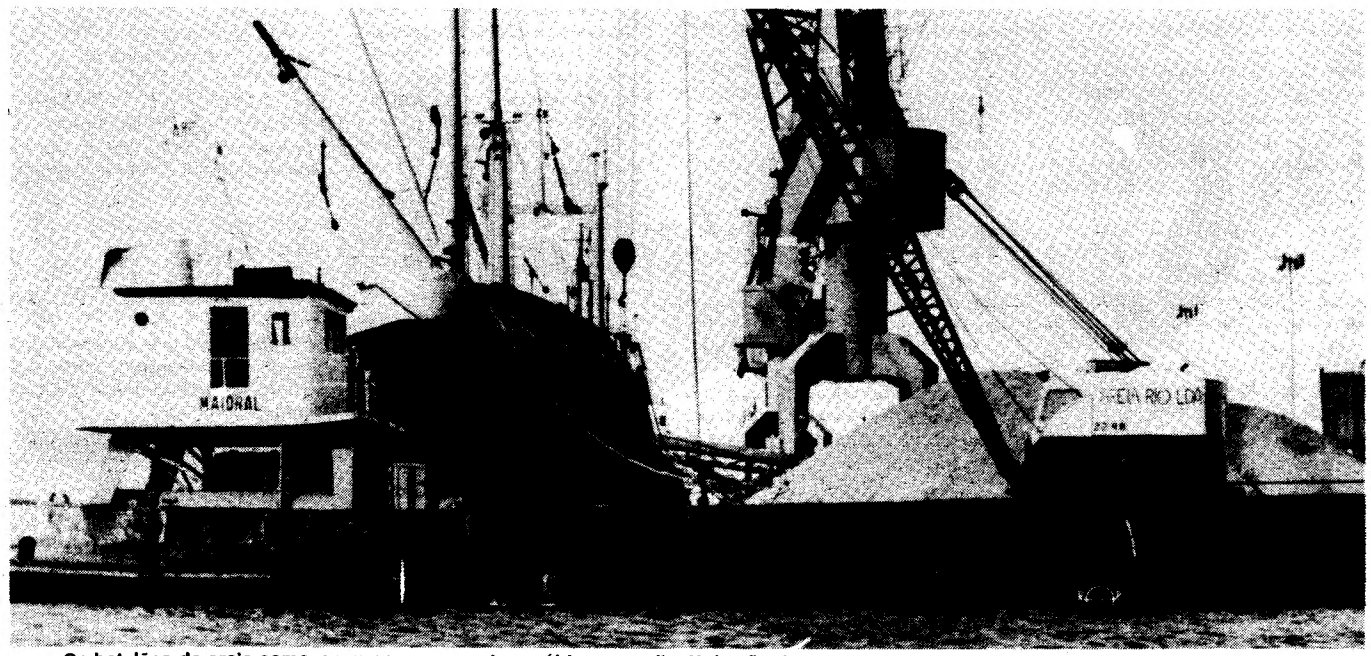
Uma reserva natural que

Ria Formosa: tirar os clandestinos

Rogério Vidigal

O período de tréguas na ilha de Faro está a acabar. Tudo indica que o regresso de férias do capitão-de-mar-e-guerra Metelo de Nápoles será marcado pelo reinício das demolições de clandestinos. Assim se cumprirá a promessa do comandante do Departamento Marítimo do Sul quando se despediu dos seus subordinados, ao partir com os olhos na consoada; e também terá seguimento o intuito reafirmado pelo ministro do Mar quanto à concretização das demolições.

«A destruição das barracas da Ria Formosa é agarrar o problema pelo fim» – eis o contraponto da determinação governamental, veiculada por José Vitorino, deputado do PSD, quando foi confrontado com o problema, pelos próprios moradores.



Os batelões da areia começaram com cem metros cúbicos por dia. Hoje são dois, que trazem 350 metros cada um, duas vezes por dia

A situação torna-se tanto menos clara quanto se sabe que a oposição às demolições encontra eco pleno nos autarcas de Faro, independentemente da força política que os fez eleger. Contra a concretização da medida estão, também, naturalmente, os construtores dessas casas clandestinas.

O problema que se põe, à primeira vista, é o de saber se a salvação da ria Formosa depende efectivamente do conjunto de demolições que as autoridades marítimas, com o apoio expresso do Governo, pretende concretizar.

«Veja só a extracção de areias que está a provocar o desaparecimento de ilhas inteiras e contra a qual ninguém toma medidas» – alerta-nos um experimentado pescador da ria.

As preocupações quanto à degradação da ria não acabam aqui, para quem se der ao trabalho de falar com os farenses melhor conhecedores do Parque Natural que hoje a ria Formosa já constitui. Mas também Eurico Antunes, vereador da Câmara de Faro, não hesita num rápido levantamento do conjunto de factores que ameaçam o equilíbrio ecológico de toda aquela área.

«Os ataques começaram com a construção da marina de Vilamoura, continuam com a extracção de areias feita quase indiscriminadamente, mantêm-se com o uso de artes proibidas na pesca, e são bem claros com a zona industrial do Bom João, onde se faz, por exemplo, a descarga de combustíveis por **pipe-lines**» – sintetiza o referido vereador.

«Há uma fábrica de farinha de alfarroba, ali adiante, que deita à água ácido sulfúrico quase puro» – conta-nos um pescador local, à medida que cruzamos a ria. «Já não se encontra um amêijoa que seja, em toda aquela área» – acrescenta.

A incompreensão relativamente à acometida em curso contra os clandestinos resulta em grande parte da constatação da morte lenta da ria sem que surjam medidas. Mas há um outro sector muito menos disposto a perceber o que se passa: são os pescadores da ilha da Culatra, em frente a Olhão.

«Há quatro anos quisemos saber quem era o dono disto para legalizarmos a situação. Ninguém sabia quem poderia resolver o problema. E agora vêm aqui dizer-nos que é tudo para demolir?» – conta-nos e pergunta Vítor Argel. Ele está entre os pescadores que nos olham, inicialmente, com desconfiança e hostilidade até saber ao que vamos. Estão em terra porque o mar, para lá da restinga, está bravo.

Ordenar primeiro derrubar depois

«Pensamos que devem ser sustidas as demolições até se concretizar um plano de reordenamento para que as pessoas conheçam as razões por que cada uma das casas terá de ser derrubada» – diz-nos o actual presidente da Câmara de Faro, Negrão Belo.

Esta é uma posição comum a todos os vereadores da Câmara de Faro, que na defesa dos interesses das populações se propõe, inclusivamente, assumir a gestão da ilha ou de uma boa parte. Para tanto, foi proposta a sua desafectação do domínio público marítimo, num processo semelhante ao que já abrangeu, há dezenas de anos, uma pequena parcela. E, também, como recentemente foi concedido à Câmara de Olhão, por causa dos problemas existentes na ilha de Armona.

«É possível passar uma área do domínio público marítimo para a Câmara de Faro» – entende o comandante Metelo de Nápoles. Mas, para ele, a parcela que há anos foi entregue à autarquia constitui a melhor ilustração dos maus resultados assim obtidos.

«O aproveitamento não terá sido o melhor. Daí que não me pareça um caminho muito aberto, esse da desafectação» – acrescenta o comandante do Departamento Marítimo do Sul. «Mas a responsabilidade da decisão será sempre das instâncias marítimas superiores».

«O PS pensou que a concessão da zona nascente da ilha seria a forma de impedir o derrube das casas» – conta-nos ainda Eurico Antunes, da APU. «Mas isso levanta problemas, porque depois vieram os homens do lado poente e de outras ilhotas que pretendiam ver a desafectação alargada aos locais onde eles tinham casas».

O problema passava, rapidamente, a tomar uma dimensão inesperada: «Tratava-se, afinal, de desafectar toda a ria Formosa» – comenta Eurico Antunes.

A constatação resulta da dimensão real do problema. As casas clandestinas, mais ou menos sofisticadas, de segunda ou principal habitação, alastraram por muitas das restingas que caracterizam toda aquela área, de Quarteira quase até Vila Real de Santo António.

Já há 2500 clandestinos

O problema, hoje, é que o número de casas sobre as areias que formam um cordão protector a quase metade da costa Sul algarvia já sobe a cerca de 2500. Umas de tipo mais abarracado, outras com ar sólene, umas quase empoleiradas, outras com espaços largos.

O inventário foi estabelecido oficialmente, pelos próprios serviços marítimos que agora prometem investir sobre o que está construído, e até com números de polícia. «A nós foi o MFA que em 1975 ajudou a construir valas para levar a água até lá à frente, na ilha de Faro» – conta-nos um dos proprietários.

«E eu, que o cabo de mar esteve a beber cerveja comigo, quando eu ainda me estava a instalar?» – interroga-se um outro, logo ao lado, em reunião de moradores aproveitada para explicações ao jornalista.

Restos do que foi uma cabana de pescadores, das típicas, com telhado de colmo, como a outra que se vê ao fundo. O incêndio terá sido oficial, sob o argumento de que havia ali muitas osgas e ratos

A extracção de areias é apontada como uma das grandes responsáveis pelo desaparecimento de ilhotas, pela movimentação de areias em geral e pela queda dos molhes da barra que dá acesso aos portos de Faro e de Olhão

«Os problemas agudos são na reserva natural da ilha Formosa» – diz o comandante Metelo de Nápoles. «Abrange a ilha de Faro que vai de Tavira a Vale de Lobo, abrangendo a Culatra» – completa. «Aqui é que é grave, já vai nas duas mil casas».

O comandante Metelo de Nápoles não tem quaisquer dúvidas: «O princípio é mesmo demolir. Há este princípio geral de demolição no domínio público marítimo, que é um bem da colectividade. Não pode haver ocupação abusiva que elimine os direitos de outras pessoas.»

A conversa com o chefe do Departamento Marítimo do Sul é rápida e ele toma a iniciativa de a fazer gravar. A sua personalidade, procurando transparecer firmeza, é denunciada por ele próprio como de formação militar mas com uma componente humanística, ou seja, um curso de psicologia.

Entre os seus subordinados reina, ao que apurámos, a imagem do comandante de fuzileiros, autoritário e firme, disposto a fazer cumprir a lei, que irá até ao fim. Uma passagem pela Guiné como comandante de destacamento é-lhe assinalada à mesa do café. O seu percurso, em síntese, tem mais a ver com o articulado da lei que conjuga nas contrafés do que com os voluntariosos homens que ajudaram a abrir valas e beberam cerveja, sobre dunas primárias e cardos marítimos, sem lhe medir as consequências.

«Neste princípio geral há aspectos particulares, problemas humanos que têm custos e cargas a ponderar» – acrescenta o capitão-de-mar-e-guerra.

Que mal vem daqui?

A defesa dos construtores de clandestinos é assumida colectivamente, nesta emergência sob a forma de Comissão de Moradores que tem representantes das várias ilhas abrangidas. Há de tudo entre estes representantes, como acontece nos próprios veraneantes: do mecânico ao arquitecto, do comerciante ao médico.

O observador comum é inevitavelmente surpreendido: o caso de um conhecido médico de Faro permanecerá mesmo como exemplo.

«Ele tem possibilidade de construir ou comprar em qualquer das melhores estâncias turísticas aqui da região. Só que ele gosta da ilha da Barreta».

O amor à ria está presente em toda esta conversa, a tal ponto que também poderá parecer uma forma de tentar convencer as pessoas com alguma dose de sentimentalismo. «No tempo da guerra, quando não havia que comer, era aqui que nós vínhamos tirar alguma coisa com que nos alimentarmos e aos nossos» – é uma das descrições que ouvimos.

Os argumentos que levaram à construção dos clandestinos são vários na boca do arquitecto Paixão Costa: por um lado, a explosão demográfica sem a correspondente capacidade de resposta da zona urbanizada na cidade de Faro.

A liberdade surgida com o 25 de Abril é outro dos factores. As coisas foram, então, feitas à luz do dia, com os próprios militares ao lado das populações que entravam pela ilha dentro. A tranquilidade assim obtida foi reforçada quando, em 1980, a Capitania do Porto de Faro fez um inventário, pôs números de polícia, mandou uma relação das casas existentes às Finanças e esses «proprietários» passaram a pagar Contribuição Predial.

As dificuldades, porém, não viriam exclusivamente a abater-se sobre os particulares. A própria Federação dos Municípios foi objecto de embargo de obras por parte das autoridades marítimas, quando procurava fazer entrar o abastecimento de energia pela ilha dentro. As autoridades marítimas apareceram, também aí, a dizer que era tempo de parar. E parou.

O Governo apoia: para fazer o quê?

Uma curiosidade neste processo é que a colocação do comandante Metelo de Nápoles em Faro parece coincidir, no tempo, com o incremento das diligências no sentido de obter o conjunto de ilhas da ria Formosa completamente devolutas.

As diligências por parte do Ministério da Qualidade de Vida, particularmente por intermédio do secretário de Estado do Ambiente, já vêm de há alguns meses. As contradições do que foi dito e combinado ao longo destes meses são agora assinaladas.

O ministro da Qualidade de Vida, por exemplo, terá mostrado surpresa pela reacção das autarquias, desfavorável às demolições anunciadas. É que, terá dito António Capucho, a destruição dos clandestinos seria o culminar do trabalho de todos estes meses. Os autarcas, entretanto consultados, ter-se-iam mostrado favoráveis.

O caso é que o presidente da Câmara de Faro durante esse tempo demitiu-se entretanto. O coronel Manuel da Silva, que desempenhou o cargo durante alguns meses, não se mostrou disponível para nos esclarecer sobre a posição que realmente assumira junto do Ministério da Qualidade de Vida.

O certo é que as primeiras notificações da Capitania de Faro viriam a ser reforçadas com a aprovação pelo Conselho de Ministros de um memorial que lhe foi levado por António Capucho. Ainda sem desmentido, a aprovação desse documento terá sido imposta com a alternativa de o ministro pôr o seu cargo à disposição.

Mas o que dizia esse documento?

Tratava-se, na sua parte conclusiva, de manifestar o total apoio do Governo «à forma firme e decidida com que as autoridades con jurisdição na região estão a enfrentar as diversas formas de especulação e exploração ilícita dos recursos locais».

O memorial de António Capucho reafirmava também «o carácter prioritário das acções previstas para a região, no âmbito do Plano de Ordenamento e Desenvolvimento e do plano de instalação das infra-estruturas de Saneamento Básico».

Uma terceira alínea concentra na Comissão de Coordenação do Algarve as tarefas de documentação, informação e recepção de planos de intervenção, para que integre e compatibilize os objectivos.

Turismo de qualidade: que planos existem?

Há um ponto, porém, nesse documento, que continua por explicar e suscita muitas dúvidas e reservas não só por parte dos ameaçados pelas demolições, como junto dos autarcas e da própria população.

«A continuação da profiferação do fenómeno clandestino impede a exploração da região por um turismo de qualidade, em que as ilhas, aliviadas das estruturas residenciais, assumiriam a sua vocação de zonas balneares de alto nível no contexto europeu» – lê-se no documento.

As dúvidas mantiveram-se mesmo depois de conversas com o ministro Capucho e o secretário de Estado Carlos Pimenta. Eles voltaram a referir estudos internacionais e financiamentos, mas do que se trata concretamente ninguém fala.

«Este turismo de luxo pretende impedir à população local

enfrenta ameaças múltiplas

para pôr o quê?

o usufruto das suas praias para as pôr à disposição de interesses pouco claros?» – interrogava-se, a propósito, a APU, num comunicado que distribuiu à população.

«Nós não entendemos que se proceda às demolições sem um critério conhecido, com fundamentação técnica ou científica» – entende o actual presidente da Câmara, Negrão Belo. «Isso justifica que sejam postos a circular boatos, como o de projectos de turismo de alta qualidade. Mas é o desconhecimento, a falta de informação que dá origem a esses boatos.»

«Nós também temos direito a ir às nossas praias, não precisamos aqui de mais ingleses, americanos e alemães» – diz-nos um farense. É que, um argumento considerado de peso pela população, todos eles sofrem muitos dos ossos e precisam de apanhar muito sol. A alternativa, em termos de praia, no que se refere a Faro, é mesmo a ilha.

Problemas existem há dezenas de anos

Os males da ilha de Faro terão começado há duas dezenas de anos quando foi construída uma ponte que a liga, ainda hoje, ao «continente». «Até essa altura, as pessoas iam de barco mas tinham de ir muito cedo, porque a partir de certa hora a areia ficava tão quente que se tornava impossível pisá-la» – recorda um velho conhecedor da ria.

A limitação de transporte tornava, nessa altura, muito menos frequente a utilização pelos farenses desta ilha. E os turistas, esses nem sequer ouviriam falar em tal coisa.

A ponte, com reflexos negativos até sobre o assoreamento da própria ria (tem demasiados pilares e por isso se pensava recentemente em substitui-la), propiciou, pois, a invasão da ilha de Faro. Uma estrada que o município alcatroou tornou a entrada ainda mais fácil. Uma desafectação de uma pequena parte da ilha em favor da Câmara também complicou as coisas.

«Há alguns anos foram mesmo vendidos vários lotes em posse plena» – conta-nos Eurico Antunes. O resultado foi incrível. Durante muitos anos ninguém se lembrou de falar em dunas primárias ou vegetação protectora. Recentemente, nessa área, veio mesmo a ser construído um prédio de cinco andares e casas de razoável porte tornaram-se vulgares.

O mau exemplo que tal constitui serve hoje de argumento desfavorável ao comandante Metelo de Nápoles para o pedido de desafectação da restante área da ilha atingida pela construção clandestina.

«O que já é visível na parte desafectada» – diz o chefe do Departamento Marítimo do Sul – «é o que os entendidos chamam de comer dois metros de praia por ano. Isso quer dizer que dentro de alguns anos não haverá praia».

O comandante pensa que a proliferação das casas como tem acontecido até agora, a sua permanência no local, pode levar ao desaparecimento da ilha, numa área em que as areias «mexem» com grande facilidade. E dá-nos mesmo como exemplo o farol da barrinha de S. Luís que já nem sequer apontará para a direcção fixada inicialmente.

A invasão verificada na ilha de Faro é muito mais intensa do que o registado nas outras restingas da região, excepção feita a Armona, essa já sob a jurisdição da Câmara de Olhão. Mas na Culatra, entretanto, a população cresceu, cresceu. É uma razoável colónia de pescadores, hoje implantada com meio milhar de casas, uma vida própria.

Um tiro pela Culatra?

A vida na ilha da Culatra é a de uma pequena vila piscatória. Uma igreja expõe a sua cruz a quem desembarca do pequeno porto, as crianças aguardam por ali que cheguem as professoras, vindas de Olhão. Vêm ensinar na escola primária, mas também assistir no preparatório via Telescola.

Os habitantes da ilha garantem que a maioria dos que ali vivem, ali nasceram. E hoje o movimento migratório nem sequer é tão grande, mesmo tendo em conta que muitos jovens acabam o seu curso liceal. «Mas não conseguem arranjar emprego e acabam por ir para a pesca» – diz-nos Vítor Argel.

O grande problema que hoje se vive na ilha é o da ameaça que impende a partir do comandante Metelo de Nápoles. E a probabilidade de um confronto, numa das habituais sortidas em que os «marinheiros» se apresentam de marretas, não é afastada.

«A gente tem que morrer um dia» – diz lá detrás um pescador. Os homens da Marinha, certamente intuindo essas tensões, apresentam-se crescentemente armados. «Só dois é que trabalham, os outros ficam de G-3, a guardar».

A resolução dos problemas, ainda não conseguida, tem, inevitavelmente, o seu lado político. Há quatro anos, os habitantes da Culatra organizaram-se e procuraram um interlocutor a nível oficial. «Não aparecia o dono» – diz, hoje, Vítor Argel.

As eleições, entretanto, propiciam sempre o ressurgimento de um certo diálogo e de um rol de promessas. Nas últimas eleições a ilha obteve passadeiras de cimento que facilitam o trânsito sobre a areia. Pescadores que tinham ficado sem redes obtiveram de José Vitorino os 300 contos para a substituição. «Ele disse que tinha vendido uma casa que era do pai e que tinha dado o dinheiro para aqui» – conta-nos um dos pescadores.

Depois das eleições, nunca mais redes perdidas tiveram substituição. «Parece que ele não tem mais casas» – comenta-se ao nosso lado. E novos actos eleitorais poderão conhecer aqui, onde uma mesa de voto é instalada, algumas atribulações. «Se calhar desta vez vai tudo pelo ar...» – diz Vítor Argel.

Uma vida difícil, este quotidiano. A água vem de barco, em bidões e no que há disponível. Energia eléctrica sobra de um ou outro gerador. «A água aqui até já foi boa» – dizem. Têm consciência de que é o crescimento populacional, com os problemas de saneamento básico, que tornou não potável a água anteriormente levada para Olhão, a tal ponto eram reconhecidas as suas boas características.

«E agora querem que a gente volte a viver nas antigas palhotas de colmo?» – interroga-se um habitante. Vítor Argel conta como era: «Tinham telhados de colmo, já tinha parado de chover lá fora há muito tempo e ainda nos chovia dentro de casa. A gente começou a querer dar uma vida melhor às nossas mulheres, aos nossos filhos».

As casas começaram, então, a surgir, desalinhadas, crescendo à medida dos rendimentos de cada um. Sacos e sacos de cimento carregados às costas. Tijolos pelo mesmo meio.

«Agora querem destruir-nos isto? Que venham...»

Deixar palhotas e barracos?

O local onde existiram algumas das referidas barracas de colmo, que o chefe do departamento Marítimo aponta como exemplo das construções possíveis, é-nos dado ver. Hoje existem os restos dos incêndios aí ateados, ao que nos asseguram, por ordem do comandante Metelo de Nápoles, sob o argumento de que tinham osgas e ratos.

A dificuldade em perceber o que se passa e o critério é demonstrado pelas populações quanto aos barracos (leia-se anexos) que as autoridades marítimas continuam a permitir. «Mas mandam-nos deitar as casas abaixo» – concluem.

«É realmente difícil de perceber. As antigas casas de colmo criam muita osgas e é nesse ambiente que querem obrigar-nos a viver. Só se voltámos ao tempo em que a miséria era típica» – diz-nos um membro da Associação de Moradores.

O resultado dos incêndios a que nos referimos está à vista. Os destroços por ali ficaram e não parece haver quem se tenha preocupado com isso.

Os restos das demolições já efectuadas são outro motivo de preocupações. Por onde passa o camartelo das autoridades marítimas, a areia fica juncada de tijolos, ferro, cimento, sem que pareça haver mostras de no futuro se proceder à remoção de todos esses destroços.

«Se eles vão derrubar 2500 casas e deixar os restos espalhados por aí, isto também vai ficar capaz do tal turismo de alta qualidade» – diz-nos um dos nossos acompanhantes com ironia. «Mas se quiserem levar todo esse entulho também vão ter muito dinheiro que gastar» – contrapõe um outro.

Estamos, então, na ilha da Barreta, onde um ex-emigrante é o único habitante, permanente. Investiu ali todas as suas economias e dá mostras de não abandonar com facilidade o local que escolheu para morrer. Acabava de chegar com pão fresco quando nos foi mostrar como se afundam os molhes da barra comum para entrada nos portos de Faro e Olhão. As autoridades marítimas pouco se têm preocupado com isso, um dos faróis já desapareceu, outro já caminha para a água.

«É o resultado da extracção de tantas areias» – diz-nos esse habitante solitário, que diz o seu nome mas prefere aquele por que é conhecido: João Chora.

Andam a roubar o fundo à ria

«Andam a roubar o fundo à ria» – diz-nos um pescador. «A isso ninguém diz nada» – comenta.

Os resultados de tudo isso são-nos apontados à medida que cruzamos os braços de mar. Sucessivos ilhotes formados quando há uns anos os canais foram afundados estão agora a desaparecer rapidamente.

«Quando isso foi feito, tiravam a areia do fundo e punham-na ao lado. Agora, não. É tirar, tirar, e esquecem-se de que a areia que aqui está veio de algum lado. Vem das restingas e dos ilhotes que vão desaparecendo» – diz-nos o pescador que nos acompanha.

«Veja lá, a gente a fazer tanta força para deixarmos de pertencer a Faro e eles continuam a levar a ilha para lá» – caricatura, por seu turno, Vítor Argel. Refere-se, como é claro, ao facto de os batelões irem, frequentemente, ao próprio solo da ilha fazer as extracções.

Uma casa legal sobre as dunas da ilha de Faro. Está na parte desafectada há anos e que ficou sob a responsabilidade da Câmara

Pescadores em terra, na ilha da Culatra, em tempo de mar bravo. «Agora querem destruir-nos isto? Que venham...»

«Começaram com cem metros cúbicos por dia» – conta-nos o pescador Alves. «Mas isso dá muito dinheiro, já têm dois batelões que fazem duas carradas por dia, a 350 metros cada. E está ali outro barco para ser convertido em batelão de areias» – aponta-nos.

Os proventos que daí resultam para as autoridades marítimas não compensam, ao que nos dizem todas as fontes consultadas. A concessão de areias é feita por alvará e o que se paga, face aos lucros obtidos, é irrisório. «Mas os prejuízos que isto está a dar, nem daqui por cem anos seriam pagos.»

Mais exemplos de depredação e degradação da ilha vão-nos sendo apontados ao correr da viagem. O porto que está a ser construído sobre sucata de ferro altamente tóxica; a lixeira camarária que faz transbordar fogões velhos, ali à vista, até à água; os tais pescadores que lançam redes demasiado apertadas e dizimam a fauna.

«A gente farta-se de chamar a atenção na Capitania mas eles dizem que não podem fiscalizar tudo. Querem que a gente avise quando encontrar alguém a pescar assim. Ou seja, querem que a gente se ponha uns contra os outros...» – entende um pescador.

Uma memória descritiva

Os moradores dos clandestinos, cada vez mais ameaçados, fazem hoje tudo o que podem para tentar inverter a situação. Correm ministérios, tentam demonstrar que não constituem o mal maior, a irreversibilidade deste fenómeno que, contudo, terá de ser limitado.

Um dos membros da Associação de Moradores, formada para enfrentar a emergência presente, é arquitecto. Também ele tem a sua casa na ilha de Faro e também ele sente a areia a fugir-lhe debaixo dos pés.

Ele, como especialista, procurou encontrar uma solução que até já levou por exemplo ao Ministério da Qualidade de Vida, quando ali foram recebidos juntamente com os representantes da autarquia. E, para tanto, procedeu ao levantamento topográfico da ilha de Faro, em enormes cartas que tem afixadas no seu gabinete. Completando esse estudo, uma memória descritiva, sobre a situação presente e as opções possíveis.

Nesse estudo, o arquitecto Paixão Costa enumera as razões que levaram a implantação de todas as construções na ilha de Faro que hoje já é uma península. Depois assinala a mobilidade, de sempre, das areias em toda aquela região e os factores que ameaçam a subsistência da ria Formosa. Entre elas, a inexistência de estações de tratamento de esgotos em qualquer das cidades e das vilas que escoam naquelas águas.

«Verifica-se que o cordão da duna primária da ilha de Faro está completamente degradado nas zonas urbanizada e de alta aglomeração dos clandestinos» – constata. «A vegetação indígena só existe em grande quantidade e em bom estado vegetativo nas zonas de baixa aglomeração e selvagem» – completa.

As soluções que propõe, neste estudo, são as seguintes: consolidação do cordão dunar através da plantação de herbáceas, como o cardo marítimo; manutenção da zona selvagem no seu estado actual construção de uma passadeira só para peões, para serventia às construções existentes, a partir da zona urbanizada.

A criação de um serviço de incêndios, recolha de lixos e a implantação de cartazes didácticos são outras tantas medidas que defende, para implementação já na próxima época balnear.

Um dos outros cuidados, que assinalamos quase como curiosidade, é a necessidade de libertação da conduta de água de construções que sobre ela foram feitas.

Para evitar a degradação da zona nascente, diz o arquitecto Paixão Costa, que é preciso elaborar projectos de moradias tipo, de acordo com as necessidades médias das pessoas a realojar, nos termos de um inquérito entretanto concretizado.

Uma medida fundamental, entretanto, num rol extenso que nomeamos parcialmente: o encerramento da ilha ao trânsito automóvel particular. Para tanto, seria necessário estabelecer um parque de estacionamento, logo perto do aeroporto de Faro.

Solução? Talvez. Mas também há quem seja crítico a deixar que fique quem enveredou pelo «clandestino». «Sim, porque, afinal, eles ficam lá com casa e agora, nós, se quisermos, teremos de comprar a eles...» – eis um dos comentários que registámos.

E já não seria caso inédito. Um dos membros da Associação de Moradores comprou a sua casa de praia e assinala que ela já vale, hoje, quase o dobro.

de ontem para hoje

Comandante da PSP de Beja abre inquérito a assalto ao BNU

O comandante da PSP de Beja, 1.º comissário António Páscoa (foto) revelou ter mandado instaurar um inquérito à actuação da Polícia no caso do assalto à agência do Banco Nacional Ultramarino (BNU) naquela cidade. Recorda-se que, durante a «operação», levada a cabo na manhã do passado dia 15, os assaltantes desarmaram três elementos da PSP (um sub chefe e dois agentes), que tinham chegado ao local num carro-patrulha. Os assaltantes, em número de quatro, actuaram num carro-patrulha. Os assaltantes, em número de quatro, actuaram armados com, uma pistola «Walter» e uma pistola-metralhadora, tendo levado cerca de quatrocentos contos em dinheiro.

Queda mortal de ferroviário

José Estêvão Júnior, de 54 anos, operário que trabalhava integrado numa brigada de conservação e reparação de vias férreas, caíu de uma ponte entre Tremoa e Moinhos, no concelho de Miranda do Corvo, tendo chegado já sem vida ao Hospital da Universidade de Coimbra. José Estêvão era natural de Evendo (Abrantes).

Seis mil contos de contrabando

Cerca de seis mil contos de artigos presumivelmente de contrabando foram apreendidos pela Guarda Fiscal nos distritos de Lisboa, Setúbal e Portalegre. A apreensão mais vultuosa foi realizada em Elvas, no local de Porto da Comenda, e consta de artigos de vestuário e de adorno avaliados em 3.403 contos. Ainda em Elvas foram igualmente apreendidas 1.510 echarpes, 133 vestidos, 57 xailes, 44 pulseiras, 154 sombrinhas, 400 porta-moedas, 390 porta-notas, 552 «bibelós» e 242 elefantes de madeira. Nas apreensões realizadas nos distritos de Lisboa e Setúbal constam 25 caixas de «brandy» espanhol, três máquinas de jogo fortuna/azar, esferográficas, cassetes, isqueiros, calculadoras, pistas de combóios e garrafas de «uisque».

Donativo japonês para inundações

O embaixador japonês em Lisboa, Fumiya Okada, entregou ontem no Serviço de Protecção Civil uma contribuição do seu país, no valor de 15 mil dólares, destinada à recuperação dos estragos provocados pelas inundações, de 19 de Novembro último. O auxílio a Portugal concedido pelo Governo japonês fora anunciado na terça-feira em Tóquio pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros nipónico.

Automóvel colhido por automotora

Um morto e dois feridos é o balanço do choque, em Coimbra, entre uma automotora e um automóvel. O acidente ocorreu num cruzamento junto ao Parque Manuel Braga, quando a automotora que fazia a ligação Coimbra-Lousã colheu um automóvel, arrastando-o cerca de dez metros e esmagando-o de encontro a um muro de cimento. O condutor do automóvel, João António Galo, teve morte imediata. Quanto a um dos seus dois acompanhantes – uma mulher – sofreu amputação de uma perna. Uma fonte dos bombeiros daquela cidade disse que a sinalização do cruzamento, onde teve lugar o acidente é deficiente.

Assalto nas «barbas» da Judiciária

Dois jovens, que, na madrugada de ontem, estavam a assaltar um restaurante na Rua Joaquim Bonifácio, situado a escassos metros do portão de serviço da Polícia Judiciária, acabaram por ser capturados pelos elementos do piquete daquela corporação. Quando foram surpreendidos os dois assaltantes já tinham ensacado frutos de conserva, chouriços, queijos e garrafas de vinho e de espumante.

Vítimas de «intoxicação» em Mira

A Polícia Judiciária de Coimbra investiga as circunstâncias que rodearam a intoxicação de três pessoas (uma das quais morreu), encontradas inanimadas numa residência da Praia de Mira, Amélia Maria Brito dos Santos, de 20 anos, natural de Miragaia (Porto), que morreu, Bento Armindo Alves Camelo, de 29, e a mulher com quem vive maritalmente, Emília Natércia Dias Pereira, de 28, tinham sido recentemente despedidos da «boîte» em que trabalhavam naquela localidade. Em princípio o acidente teria sido provocado por intoxicação com gás.

Português libertado em Moçambique

Um cidadão português encontra-se entre os primeiros prisioneiros abrangidos pela amnistia do Natal decretada pelas autoridades do Maputo. José Miguel Magalhães, de 24 anos, fora condenado por tráfico de estupefacientes. A libertação de prisioneiros condenados a penas até dois anos de cadeia, por crimes de falsificação e outros pequenos delitos, deverá prolongar-se até ao fim do ano, a uma média de oitenta por dia, segundo revelou ontem o juiz-presidente do Supremo Tribunal daquele país.

Uma nova era para as telecomunicações

Primeira central digital europeia inaugurada pela Marconi

O ministro do Equipamento Social ouve as explicações que lhe são dadas por um técnico da Rádio Marconi

«A introdução das centrais telefónicas digitais terá de constituir a rampa de lançamento para o desenvolvimento e modernização das telecomunicações, Raul Junqueiro, na cerimónia de inauguração pela Companhia Portuguesa Rádio Marconi, da primeira central daquele tipo em Portugal e na Europa.

Raul Junqueiro sublinharia, no entanto, que essa introdução não seria «feita de qualquer maneira», tendo de «obedecer a princípios muito claros que salvaguardem o interesse nacional».

Noutro passo da sua intervenção, o secretário de Estado das Comunicações considerou que «a introdução das centrais telefónicas digitais em Portugal terá de processar-se num ritmo mais adequado aos interesses do País, com plena participação e endogeneização tecnológica dos investigadores e técnicos portugueses, com fabricação pela indústria nacional e com salvaguarda dos interesses de formação e reconversão dos trabalhadores do sector».

O presidente do conselho de administração da Rádio Marconi, por seu turno, traçaria, uma brave síntese, as vantagens da implantação deste novo e sofisticado sistema de comutação internacional, ao afirmar que ele «irá permitir uma maior rapidez no atendimento pelas nossas operadoras, a aceitação do sistema de cartão de crédito para os nossos principais correspondentes, a eventualidade de concessão de facilidades especiais a clientes nacionais e a possibilidade, dentro dos condicionalismos actualmente existentes, de uma rápida automatização de todo o serviço telefónico intercontinental, automatização que se traduzirá necessariamente num aumento significativo do nosso tráfego de saída».

A inauguração formal foi efectuada mediante uma comunicação estabelecida entre o ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, e o embaixador português em Brasília.

A nova central telefónica electrónica e digital para serviço internacional, que ontem entrou em funcionamento, é a primeira em serviço na Europa e uma das primeiras em todo o Mundo.

O empreendimento, que orça os 750 milhares de contos, inclui equipamentos de ensaio e manutenção, e utiliza os mais avançados conceitos na área da electrónica e dos computadores.

Os circuitos internacionais da Marconi começarão a ser gradualmente e a partir de hoje transferidos para as novas instalações, de maneira que os utentes só virão a sentir os benefícios concretos das novas instalações, em meados do próximo ano.

Oficiais da Guarda Fiscal suspeitos de envolvimento

Roubo de café no porto de Leixões é processo para Alta Autoridade

Na sequência do roubo de 31,5 toneladas de café que se encontravam no porto de Leixões, e que motivou a captura de oito civis e seis guardas-fiscais, criou-se uma certa expectativa em torno do caso, já que, a avaliar pelas primeiras diligências, tudo indicava que, desta feita, a corrupção há muito detectada no referido porto, iria sofrer um rude golpe. Agora que os processos (da Polícia Judiciária e da Polícia Militar) estão prestes a serem dados por concluídos, parece que só meia-dúzia de elementos pertencentes à «arraia miúda» vão ser responsabilizados, facto que tem suscitado os mais diversos comentários nos meios afectos à carga e descarga naquele porto. Consta, aliás, que os investigadores terão sentido enormes pressões e que, a partir daí, o seu trabalho tornou-se extremamente difícil e complicado. Falava-se (e fala-se) em patentes da guarda-fiscal» envolvidas no «negócio», mas o certo, porém, é que, neste momento, entre os detidos na casa de reclusão, o mais graduado é um cabo».

Ora, se é verdade que se fala em «corrupção no porto de Leixões» sem qualquer receio de ferir susceptibilidades, julgamos que seria imperioso que a alta autoridade interviesse neste assunto, pois, segundo alguns dos agentes transitários com que falámos, «não faltaria pano para mangas» aquando da captura de alguns dos implicados no roubo do café, o «DL» alertou para os elevados montantes que estavam em jogo, os quais deixavam deste logo transparecer que haveria cúmplices a outro nível. Após as capturas mais se acentuaram as «vozes» que opinavam nesse sentido e que, agora, não se eximem de dizer: «Se os detidos quiserem falar, se os deixarem falar, muita coisa se vai saber, mas o pior são as pressões e as ameaças».

Quanto a isto, parece também que não subsistem dúvidas, pois conforme foi relatado na devida altura, houve um guarda-fiscal que, ao entregar os mil contos que havia recebido para ficar calado, disse ter sido obrigado, sob a ameaça de uma arma, a receber aquela importância, sob pena de ser metido num dos contentores vazios e desaparecer. Esse elemento estava fora da «jogada» e agora está preso como os restantes. Pode ser uma boa pista».

Sabe-se, por outro lado, que os roubos no porto de Leixões já não são de agora. «Há muito que se verificam, mas ficam por esclarecer porque as companhias seguradoras cobrem esse risco», disse ao «DL» um transitário que, como tantos outros, muito sabe sobre o corrupção que «se verifica em larga escala no porto de Leixões e a qual tem afectado seriamente não só os interesses privados, mas também os «cofres» do Estado e, neste caso, por manifesta «traição» dos seus «fiéis servidores».

REVEILLON

ADEGA DO CEDRO

FADOS ● BAILE

MANUEL ROCHA

Teresinha ● António Agostinho
Adão de Sousa ● Carlos Garcia

Marcação de mesas pelos telefs. 9246579/9217603

Jantar às 20 H ● Ceia às 2 H ● Cacau às 4 H
Ambiente rigorosamente seleccionado
Trav. do Freixo, 5 ● Algueirão Velho
(junto às Bombas de gasolina)

O que foi notícia em 1983

Os conflitos armados no mundo

Marie-Paule Gallo (France-Press)

Conflitos internacionais, conflitos que «degeneram», que estão «congelados» ou esquecidos: vislumbram-se poucas esperanças de solução no horizonte 1984 para esses confrontos armados, que fizeram de 1983 um ano particularmente sombrio. Pelo contrário, a escalada militar no Médio Oriente faz recear uma extensão da guerra, apesar dos esforços dos diplomatas. Além disso, conflitos larvares ameaçam eclodir em qualquer altura, como o que acontece na América Central.

Líbano, Irão-Iraque e Afeganistão: «três guerras muito mortíferas»

Líbano: Dezembro. A guerra do Líbano toma uma feição perigosa. Apanhado na armadilha de Tripoli, no Norte do Líbano, Yasser Arafat e 4000 dos seus combatentes colocaram-se sob a protecção da ONU para serem evacuados, depois de quase dois meses de cerco, sitiados pelas forças sírias e bombardeados pela Marinha israelita. Batido pelo Exército de Israel em 1982, o chefe da OLP foi vencido este ano por elementos dissidentes palestinianos, apoiados pela Síria.

No terreno, é marcada, cada vez mais, a internacionalização do conflito: presença de uma Força Mutinacional de Paz composta por 5700 homens, intervenções das forças francesa (ataque a Baalbeck, no dia 17 de Novembro) e americana (bombardeamento de 4 de Dezembro e entrada em acção da Marinha de Guerra dos EUA), depois do duplo atentado de 23 de Outubro, no qual morreram 240 americanos e 58 franceses da Força Multinacional.

O Líbano está dividido em dois: o Norte, controlado pelos sírios, e o Sul, dominado pelos israelitas, que recuaram para a linha do rio Awali. A retirada destes últimos da montanha libanesa reacendeu a guerra civil, enquanto o activismo dos chiitas pró-iranianos constitui uma nova ameaça.

«Vitória» diplomática iraquiana

Irão-Iraque: Não está à vista qualquer solução para o conflito territorial entre o Iraque e o Irão, depois de mais de três anos de uma guerra que fez entre 200 e 300 mil mortos. Rechaçados em 1982 para o interior das suas fronteiras, os iraquianos resistiram este ano a uma série de ofensivas maciças levadas a cabo pelo Exército iraniano, dirigidas em Julho e em Outubro sobre a frente Norte da guerra, a região sensível do Curdistão iraquiano.

Por outro lado, o Iraque, cuja aviação e armamento, muito sofisticado, ameaçam as instalações petrolíferas iranianas (foram afundados vários cargueiros ao largo dos portos do Irão), saiu do seu isolamento diplomático. A URSS tomou abertamente posição a favor do Iraque, em 14 de Novembro. A França entregou-lhe, em Outubro, cinco aviões «Super-Etendard», provocando a cólera de Teerão. Além disso, a situação interna do país é difícil: asfixia da economia e problema curdo.

Enquanto o conflito decorria até agora numa indiferença quase geral, tanto os ocidentais como os países árabes – cada vez mais preocupados, com a garantia de navegação dos petroleiros e com o equilíbrio político do Golfo – tentaram iniciar manobras diplomáticas.

Contudo, é improvável um acordo entre o Iraque e o Irão enquanto o «ayatollah» Khomeiny estiver no poder.

Afeganistão: Quatro anos depois do «golpe de Cabul», as forças soviéticas (110 mil homens) têm cada vez mais dificuldades em fazer face a uma resistência afegã melhor organizada, e, sobretudo, menos dividida. Os soviéticos, que sofreram pesadas perdas, precisaram de três meses para fazer diminuir a pressão dos guerrilheiros sobre a grande base de Bagram, a Norte de Cabul (de Outubro a Dezembro).

Os conflitos que se arrastam

Chade: instalou-se uma estranha pausa no Chade, quatro meses depois da operação francesa «Manta». A situação está condensada de ambos os lados de uma «linha vermelha», entre o 14.º e 15.º paralelos. O Norte está nas mãos das forças do GUNT (Governo de União Nacional de Transição), de Goukouni Eddeye, com o apoio de mais de 3 mil soldados líbios, e o Sul é controlado pelas forças governamentais de Hissene Habré, apoiados por mais de 2 mil franceses e 2500 zairenses. Uma reunião de reconciliação nacional, prevista para o dia 21 de Dezembro, sob os auspícios da Organização de Unidade Africana (OUA), foi adiada «sine die».

Sara Ocidental: oito anos depois do início dos confrontos, as possibilidades que se ofereciam com vista à organização de um referendo de autodeterminaçao no Sara antes do fim deste ano não se concretizaram, apesar dos esforços da ONU a favor de negociações directas Marrocos-Polisário e da esperança que surgira depois do encontro histórico de 26 de Fevereiro, entre o rei Hassan II de Marrocos e o presidente argelino, Chadli Bendjedid.

Namíbia: ao decidir congelar a sua participação no Grupo de Contacto ocidental sobre a Namíbia, que desenvolve esforços desde 1978 a favor da aplicação do Plano de Solução da ONU, a França colocou a tónica no actual impasse das negociações. Com efeito, a África do Sul liga a questão da independência da Namíbia à retirada dos cerca de 25 mil soldados cubanos que se encontram em Angola.

Angola: os guerrilheiros da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), que combatem desde 1975 contra o regime de Luanda, reforçaram as suas posições e fazem reinar a insegurança em cerca de dois terços do país. Os rebeldes da UNITA chamaram as atenções sobre si durante a espectacular tomada de reféns, no passado dia 12 de Março: 88 portugueses e checoslovacos. Vinte destes últimos ainda estão nas suas mãos.

ERITREIA: depois de várias ofensivas, muito onerosas, com vista a dominar a guerrilha no Norte do país, onde os eritreus combatem pela sua autonomia desde há vinte anos, o regime de Adis Abeba tentou, no princípio do ano, relançar a economia da região e atrair os refugiados etíopes do Sudão. No entanto, a guerrilha avançou em direcção ao Sul, na província do Tigre, região onde se regista actualmente uma grave seca.

Os conflitos esquecidos e os conflitos larvares

Em Cabinda, pequeno território rico em petróleo e diamantes ligado a Angola, um movimento independentista criado há vinte anos continua a levar a cabo uma luta esquecida, mas sem piedade, contra o poder de Luanda.

No Camboja, apesar das violentas acções dos últimos seis meses, a desunião e a falta de material enfraquecem os movimentos armados que se opõem ao regime pró-vietnamita – cerca de 50 mil guerrilheiros que combatem ao longo da fronteira com a Tailândia desde 1980.

A antiga colónia portuguesa de Timor-Leste, invadida pela Indonésia em Dezembro de 1975, é teatro de confrontos esporádicos, desde há oito anos. O recomeço dos combates entre os guerrilheiros independentistas da FRETILIN e o Exército indonésio no Outono passado, ilustra o malogro das negociações esboçadas em Março último.

Na América Central, embora a situação seja explosiva, os conflitos continuam a ser larvares. Contudo, no passado dia 25 de Outubro, os americanos intervieram militarmente na pequena ilha de Granada, único regime pró-cubano das Caraíbas. A Casa Branca partiu abertamente em cruzada para impedir «o eixo sovieto-cubano-nicaraguense» – segundo os termos utilizados pelo presidente Ronald Reagan – de se apoderar da região, designadamente ao ajudar a guerrilha anti-sandinista na Nicarágua. Face a estes perigos potenciais, quatro países – Panamá, México, Venezuela e Colômbia – formaram, em Janeiro, o Grupo de Contadora, na perspectiva de uma solução negociada.

24 horas

Fome nos EUA

Fontes próximas da Administração Reagan consideraram «exageradas» as denúncias da gravidade do problema da fome nos Estados Unidos e acharam correcta a política seguida para erradicar o mal. A Casa Branca divulgará brevemente um relatório admitindo a existência de «situações de fome» em sectores reduzidos da população, mas considera que o problema não é grave e que foi exagerado por algumas declarações. Os cortes orçamentais aos programas de alimentação infantil e aos «abonos alimentares» não agravaram o problema, conforme especialistas da Administração. O senador Edward Kennedy afirmou a semana passada que a política do governo contra a fome é «desumana e desastrosa» e propôs um programa de 2500 milhões de dólares para combater a subnutrição.

Corpo da paz

A directora do «Corpo da Paz», Loret Miller Ruppe, anunciou na quarta-feira que os militares norte-americanos que se encontram em Granada serão substituídos por uma brigada de voluntários dessa organização. Estes voluntários participarão sobretudo nas actividades económicas da ilha, designadamente na lavoura, assim como no domínio da saúde. As últimas tropas de combate americanas saíram da Granada em 15 de Dezembro. Restam agora ali 150 elementos da Polícia Militar e outros 150 homens do «corpo auxiliar». No imediato, será dada prioridade ao envio de professores primários, de que há falta depois da partida dos cubanos de Granada.

Desaparecimento no paquete

Ao chegar a São Tomás, nas ilhas Virgens (Antilhas) o paquete britânico «Queen Elizabeth», verificou-se que tinha desaparecido durante a travessia um casal inglês que fazia um cruzeiro a bordo do navio. O casal, Eric Wright, de 65 anos, e sua mulher Olive, de 64, tinha saído de Southampton para Nova Iorque há 15 dias e permaneceu a bordo do paquete para fazer um cruzeiro nas Antilhas na quadra do Natal. Foi encontrada na cabina ocupada pelo casal uma carta cujo teor não foi revelado. Os esposos Wright já tinha feito várias viagens no luxuoso navio.

Ameaça iraquiana

O presidente iraquiano, Saddam Hussein, declarou ontem que o seu país irá utilizar «contra qualauer nova agressão iraniana, armamentos que ainda não usou anteriormente, indicou a agência iraquiana «INA» recebida em Manama. Durante uma cerimónia de entrega de medalhas, o presidente iraquiano acrescentou que o Iraque utilizaria esses armamentos, caso se veja na obrigação de o fazer «para que os dirigentes de Teerão acordem e para que regressem à paz».

Base capturada

Uma base da «Resistência Moçambicana» situada 20 quilómetros a sul da cidade de Inhambane foi destruída sexta-feira pelas Forças Armadas – anunciou ontem a Agência de Informação de Moçambique (AIM). Trata-se da base de Malaissa, 460 quilómetros a norte de Maputo e a cinco quilómetros da estrada principal que liga a capital a Inhambane. Num comício que se realizou em Imhambane, o comandante militar da respectiva província, general Domingos Fondo, apresentou dois homens capturados por terem colaborado «com o inimigo» e 16 pessoas que estavam em poder da «resistência».

Chile às escuras

Foi anunciado oficialmente que as faltas de corrente, registadas anteontem à noite na capital e toda a região central do Chile, foram ocasionadas por sabotagens com dinamite em instalações eléctricas. Em São Fernando, 145 kms a sul de Santiago, uma explosão destruíu um poste duma linha de alta tensão e, em Vina Del Mar, dois rebentamentos desfizeram instalações eléctricas que alimentam igualmente V al paraíso, o principal porto Chileno.

Morte em Jerusalém

Steve Redman, 45 anos, cidadão americano funcionário da ONU, e a mulher, Jacqueline, 39 anos, foram descobertos na 3.ª-feira à tarde mortos no seu apartamento, situado num bairro do Sul de Jerusalém, soube-se na 4.ª-feira. Os cadáveres estavam na cama. O inquérito da Polícia constatou que Steve Redman atingira a sua mulher com vários golpes de arma branca antes de se suicidar com a mesma arma. Os motivos destas mortes não foram estabelecidos.

IRA ao «Liberation»

O diário parisiense «Libération» insere, na sua edição de ontem uma entrevista com o estado maior do Exército Republicano Irlandes (IRA) em que este afirma que agiram sem terem recebido ordens os autores do atentado cometido em 17 do corrente nos armazens Harrods (e assegura que tais operações não se repetirão. Tratava-se, efectivamente, de «revolucionários» do IRA (confirmaram os dirigentes inquérito para determinar qual a razão que levou aqueles homens a ultrapassarem as instruções do seu comando.

Em causa o atentado contra os "marines"

Pentágono recomenda sanções contra comandos militares

O Pentágono recomendou ontem sanções disciplinares contra altos comandos militares responsáveis pela insuficiência das condições de segurança dos «marines» no Líbano que estiveram na origem do atentado de que foram alvo em Outubro. A recomendação consta de um relatório de 150 páginas elaborado pela comissão do almirante na reserva Robert Long e surge um dia após a declaração do presidente Reagan de que nenhum alto comando será castigado.

Recorde-se que o presidente norte-americano, que partiu terça-feira para a Califórnia onde vai celebrar a passagem do ano, assumiu toda a responsabilidade pela insuficiência do quartel-general dos EUA atingido a 23 de Outubro por um camião-bomba que provocou a morte de 241 soldados.

No entanto, o documento do Pentágono recomenda ao secretário da Defesa, Caspar Weinberger, que «tome todo o tipo de medidas administrativas ou disciplinares apropriadas» contra vários membros da cadeia de comando militar. O relatório culpa o chefe do quartel-general dos «marines» por concentrar as tropas num só edifício, proporcionando ao inimigo «um alvo perfeito de ataque».

Além disso, o documento critica também a política da Administração Reagan no Líbano de querer destacar a presença militar norte-americana sem reconhecer que as condições pioraram durante os quinze meses de permanência das tropas nesse país.

Os cinco membros da comissão acusam toda a cadeia do comando militar operacional — desde o chefe do quartel-general dos «marines» em Beirute até ao comandante das forças dos Estados Unidos na Europa, general Rogers — por não implementarem medidas para garantir a segurança das tropas estacionadas no Líbano.

As críticas contidas no relatório vêm juntar-se às apontadas por outro documento similar divulgado a semana passada, pelo Congresso.

Entretanto, os dois documentos não puseram em causa a permanência americana no Líbano. Com efeito, o porta-voz da Casa Branca, Larry Speaks, reafirmou que os Estados Unidos continuarão militarmente no Líbano e desmentiu que o relatório do Pentágono implique uma mudança da política americana.

Speakes voltou a reconhecer que os EUA não estavam preparados para enfrentar o fenómeno do terrorismo no Médio Oriente e afirmou referindo-se ao atentado de Outubro, que têm provas «de que se tratava de um acto inspirado pela Síria que pôs talvez em causa iranianos».

Atentados em Beirute

Uma pessoa morreu e três ficaram feridas ontem à noite em seis atentados bombistas em Beirute Ocidental, segundo indicou uma fonte policial. Os atentados visaram dois supermercados, uma drogaria, um salão de beleza, uma loja de pronto a vestir e um carro. As explosões registaram-se pouco depois das 20 horas, altura em que entra em vigor o recolher obrigatório.

Também no Sul do Líbano, um ataque ocorrido contra uma patrulha israelita provocou um morto e dois feridos entre os soldados judeus. O ataque teve lugar a sul da aldeia de Kfar-Hune, na zona montanhosa de Jezzine.

Entretanto, o chefe de Estado-Maior israelita, general Moises Levy, defendeu ontem a necessidade de «analisar novamente» a organização das tropas israelitas de ocupação do Líbano face ao crescente aumento da resistência neste país.

Senado congela novas implantações

A Rádio israelita anunciou ontem o «congelamento total» de todas as novas implatanções na Cisjordânia, incluindo as que já estão em curso, no âmbito do projecto de saneamento das finanças públicas elaborado pelo titular desta pasta, Yiugael Cohen-Orgad.

Segundo a estação, que citou uma fonte segunra, os cortes substanciais previstos no orçamento 1984-85, efectivo a partir de 1 de Abril de 1984, imporão o congelamento de todos os projectos relativos à construção de 31 novos centros de povoamento e a interrupção dos trabalhos já em curso.

Entretanto, e pela primeira vez desde há muitos anos, cerca de metado dos israelitas manifestaram-se contra a continuação das implantações judaicas nos territórios ocupados da Cisjordânia e de Gaza, segundo os resultados de uma sondagem de opinião publicados 4.ª feira pelo jornal «Haaretz» (independente).

Segundo esta sondagem realizada pelo Instituto Pori a partir de uma amostra representativa de 1200 pessoas, 48,5 por cento dos israelitas declaram-se hostis à política das implantações, ao passo que 36,9 por cento a aprovam.

Greve no Sul do Líbano

A população do sul do Líbano está hoje a realizar uma greve geral de luto nacional, para protestar contra as «exacções» das autoridades israelitas de ocupação e em especial contra a detenção, na segunda-feira, de um chefe religioso sunita, xeque Moharrem Arfeh, indicam os jornalistas que se encontram na região.

A greve, organizada por iniciativa dos organismos socioeconómicos e políticos da cidade de Saida, é também uma homenagem a três habitantes da cidade, mortos na terça-feira num recontro com os soldados israelitas.

Reféns da UNITA libertados chegam hoje a Pretória

Um avião fretado pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICR) deixou ontem Preória a caminho de Angola pra recolher um grupo de prisioneiros, cujo número e nacionalidade não são precisados, libertados pela UNITA.

Um porta-voz do CICR indicou que o grupo de libertados é esperado em Pretória.

Segundo fontes bem informadas, os prisioneiros foram ontem entregues à organização humanitária, mas o avião não pode deixar Angola por motivos «logísticos...

Ataques sul-africanos

A aviação sul-africana bombardeou na terça-feira a provoação de Caiundo, causando mortos e feridos entre a população civil – anunciou ontem o miistério angolano da Defesa.

No mesmo dia, aviões sul-africanos bombardearam o município de Cahama, também aí causando mortos e feridos entre a população civil – disse a mesma fonte, em comunicado.

Na sequência dos violentos combates de segunda-feira, dia 26, a aviação sul-africana bmbardeou a povoação de Cuvelai, provocando mortos e feridos, tendo a artilharia antiaérea angolana abatido três dos aviões atacantes.

Caiundo, Chama e Cuvelai são povoações do sul de Angola que nos últimos cinco anos têm sido almejadas pelas tropas opressoras de Pretória.

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, afirmou ontem que não há qualquer contradição entre as agressões do seu país contra Angola e as propostas de cessar-fogo recentemente apresentadas pela África do Sul a Luanda. Tentando responder aos comentários internacionais sobre os agressões contra Angola, o ministro afirmou ontem que não á qualquer contradição entre as aggressões do seu país contra Angola e as propostas de cssar-fogo recentemente apresentadas pela África do Sul a Luanda. Tentando responder aos comentríos internacionais sobre as agressões contra Angola, o ministro afirmou – que o seu país «não pode ficar de braços cruzados, enquanto centenas de terroristas leia-se: guerrilheiros da SWAPO) se infiltram através de Angola para cometerem assassínios no Sudoeste Africano (leia-se: Namíbia».

Botha não disse mas é evidente para todos que estas agressões são uma forma de forçar Angola a aceitar de «cessar-fogo». a aceitar as propostas. A estas agressões chama Pretória «operção limitada» para impedir os guerrilheiros da SWAPO de se infiltrarem na Namíbia. Em contrapartida, o Congresso Nacional Africano delarou em Lusaka (Zâmbia) num comunicado publicado pelo seu QG naquela capital que as agressões de Pretória contra Angola são directamente dirigidas contra o regime de Luanda e não contra a guerrilha da Swpo. No comunicado acusa-se a África do Sul de continuar a prosseguir o objectivo estratégico visado desde 1975, isto é, derrubar as conquistas da revolução popular angolana e estender o **apartheid** ao flanco ocidental da África.

Por sua vez, um responsável da imigração de uma província zambiana fronteiriça com Angola na Zambia mais de 1600 refugiados angolanos atravessaram a fronteira desde segunda-feira, sem alimentos e transportndo apenas objectos pessoais. O êxodo das populações deve-se aos ataques sul-africanos.

Um portavoz da embaixada de Angola em Lusaka confirmou o afluxo de refugiados e fez votos por que antes do fim desta semana possam ser encetados os trabalhos de repatriamento.

Condenação

OS presidentes de Angola e do Congo condenaram ontem a atitude do governo norte-americano em relação à África Austral.

A arrogância e a agressividade da África do Sul para com os países da Linha da Frente é uma consequência do apoio que lhes é oferecido pelos Estados Unidos – disseram os pesidentes José Eduardo dos Santos e Denis Sassou N' Guesso, no comunicado final da visita que o segundo efectuou a Luanda.

EUA

Os EUA decidiram a
das Nações Unidas par
Cultura (UNESCO) – sou
na sede daquela organiz
decisão dos EUA será e
Janeiro de 1985. Apesar
notícia, o Departamento
não a confirmou nem a
porta-voz daquele Minis
mou que a Administraçã
que até 1985 a UNESCO
los» à sua presença,
uma espécie de confirma
hoje os EUA confirmem

DE acordo com fontes bem informadas da sede da UNESCO em Paris, a embaixadora norte-americana junto daquela Organização, Jean Gerard, informou o director-geral da UNESCO, Amadu M'Bow esclarecendo que esta atitude do seu país se deve a um «reexame profundo» da participação de Washington na organização considerada nos EUA «antinorte-americana» e «demasiado politizada». Outra acusação: «má administração orçamental».

Congela

O Pacto de Varsóvia propôs à NATO o congelamento dos armamentos a partir de 1 de Janeiro de 1984 e a transferência das despesas militares para o desenvolvimento económico, indicou na sessão de ontem do Soviete Supremo o ministro soviético da Economia, Vasili Garvuzov.

Garvuzov precisou ainda que o orçamento da defesa para 1984 é de 17.054 milhões de rublos (correspondente a 21.500 milhões de dólares), número que permanece inalterável nos últimos três anos, mas cuja veracidade é posta em causa por observadores ocidentais. Em Washington, peritos económicos citados pela AFP, encaram o anúncio com capticismo. Os analistas ocidentais esperavam, com efeito, um aumento pelo qual o Kremlin teria traduzido em termos numéricos as suas contramedidas militares destinadas a fazer face à instalação dos euromísseis.

O orçamento geral previsto para o próximo ano traduz um aumento de 8 por cento em relação ao anterior, atingindo agora a soma de 365 mil milhões de rublos (correspondentes a 480 mil milhões de dólares). Este novo orçamento bem como os dados do plano para 1984 expostos aos 1500 parlamentares soviéticos pelo ministro da Economia e pelo presidente da Comissão do Plano, respectivamente Vasili Garbuzov e Nikolai Baibakov, denotam, de um modo geral, um crescimento económico destinado a beneficiar o consumidor.

Incremento da produção

O crescimento do sector B da indústria (indústria ligeira) foi assim previsto para atingir os 4 por cento, devendo ser maior do que o do sector A (indústria pesada) previsto para 3,7 por cento. Deste modo, a diferença de crescimento entre estes dois sectores vai ser maior em 1984 do que nos anos anteriores.

Por outro lado, o aumento da produção dos bens de consumo deverá ser conseguido também

Decisão efectiva em Janeiro de 85

A abandonam a UNESCO

am abandonar a Organização
para a Educação, Ciência e
- soube-se de fontes oficiosas
anização da ONU em Paris. A
rá efectiva apenas a partir de
esar de se ter como certa esta
nto de Estado em Washington
n a desmentiu. No entanto, o
Ministério, John Hughes, afir-
ração norte-americana espera
SCO elimine alguns «obstácu-
, palavras que, no fundo, são
irmação. Espera-se que ainda
em oficialmente esta decisão.

Para a Casa Branca, a criação de uma nova ordem informativa internacional defendida pela UNESCO não passa de uma forma de «exercer pressões sobre a Imprensa». Os EUA considera também que essa organização se transformou num «forum de protesto dos países terceiro-mundistas contra as democracias ocidentais».

Por ora, a medida norte-americana não terá reflexos na vida da Organização. Mas se este abandono se tornar efectivo em Janeiro de 1985, a Organização fica despojada da contribuição norte-americana, que equivale a um quarto (25%) do seu orçamento. O director da UNESCO, M'Bow, afirmara anteriormente, face às ameaças de abandono por parte de Washington, que a Organização iria recorrer a financiamentos nos mercados internacionais, caso essa eventualidade se produzisse. Em 1975 e 1976 os Estados Unidos já suspenderam a sua contribuição depois de um voto de sanções da UNESCO contra Israel.

O grupo dos países ocidentais contribui com 68% do orçamento da UNESCO, o dos países socialistas, com 18%, e o dos países em vias de desenvolvimento, com 13 por cento, de acordo com os respectivos produto nacional bruto, população e volume do comércio externo.

Vários países, nomeadamente a França e a República Federal da Alemanha, intervieram recentemente junto dos EUA pedindo-lhes que não se retirassem da Organização, pois isso seria pôr em causa o princípio da universalidade das organizações internacionais.

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, em nome do mesmo princípio da universalidade, declarou que a eventual retirada norte-americana o preocupava.

Segundo parece, esta decisão norte-americana é mais uma forma de pressionar a UNESCO do que propriamente um abandono puro e simples da Organização. O prazo apontado é o mínimo indispensável (um ano) para que um Estado-membro saia da UNESCO, mas os termos em que a atitude é definida, mormente a fórmula implícita de confirmação ontem produzida pelo porta-voz da Casa Branca, Lerry Speakes, indicam que os EUA pretendem impor regras de conduta ameaçando sair, ameaça que, a concretizar-se, implicaria graves danos para a UNESCO.

Reacção soviética

O projecto dos Estados Unidos de se retirarem da UNESCO «inscreve-se no âmbito da campanha odiosa de chantagem, ameaças e calúnias levada a cabo contra essa organização pela administração americana», considera a agência soviética TASS.

Depois de ter afirmado, em notícia datada de Paris, que o embaixador dos Estados Unidos junto da UNESCO, sr.ª Jean Gerard, tinha informado o director-geral, Amadu Mahtar, M'bow, da decisão de retirada americana, a TASS acrescentou que «a Casa Branca já tentara anteriormente exercer uma pressão grosseira sobre essa organização internacional, a fim de a obrigar a rever a sua política».

Com efeito, segundo a agência oficial soviética, os Estados Unidos «estão extremamente descontentes com a política praticada pela UNESCO, e que defende os interesses dos países em vias de desenvolvimento e que se pronuncia contra o domínio dos países imperialistas sobre a informação internacional».

Conflito Nicarágua-Honduras

Guatemala disposta a ser medianeira

A Guatemala manifestou ontem a disposição de servir de mediadora entre as Honduras e a Nicarágua para resolver o conflito centro-americano.

A revelação foi feita pelo subsecretário guatemalteco das Relações Públicas, Ramon Zelada Carrillo, e surge na sequência de declarações de dirigentes nicaraguanos que receiam uma guerra entre os dois países em 1984.

Entretanto, o Governo hondurenho informou o Conselho de Segurança da ONU que rejeita a nota de protesto da Nicarágua pela recente fuga de índios miskitos para territórios hondurenho.

Os índios, mais de três mil, eram guiados por um bispo de nacionalidade norte-americana.

Managua acusou novamente as autoridades das Honduras de apoiarem os grupos que tentam derrubar o Governo sandinista.

Afirma a nota entregue na ONU que «grupos de mercenários somozistas procedentes de território hondurenho atacaram dia 20 de Dezembro povoado de Francia-Sirper, sequestrando e levando consigo sob ameaças a maior parte dos habitantes».

A possibiilidade de uma guerra com as Honduras preocupa cada vez mais os militares nicaraguenses e a Frente Sandinista de Libertação Nacional.

O ministro nicaraguano da Defesa, Humberto Ortega, disse que prevê para 1984 uma actividade cada vez mais subordinada ao plano de provocação de uma guerra entre a Nicarágua e as Honduras.

Ortega disse que um conflito deste tipo «permitiria aos belicistas norte-americanos o envolvimento directo das suas forças armadas cóntra a Nicarágua».

Entretanto, vinte e três guerrilheiros anti-sandinistas morreram ontem em combate com tropas do exército nicaraguano no norte do Departamento de Jinoteca, fronteira com as Honduras. No confronto, o exército da Nicarágua apoderou-se de 17 espingardas.

Na Suíça

Campo da Paz desalojado pela Polícia

A Polícia suíça desalojou ontem um acampamento de pacifistas que estava instalado perto do edifício das Nações Unidas e dos centros de negociações sobre o desarmamento em Genebra.

O grupo, integrado por cerca de 15 jovens provenientes da Alemanha Federal, França, Suíça e países escandinavos, foi desalojado a pedido das autoridades universitárias que denunciaram a violação da propriedade privada pelos pacifistas.

Depois de terem sido detidos pelas autoridades helvéticas e acusados de violação da propriedade privada os membros do campo da Paz foram libertados.

Entretanto, 26 manifestantes pacifistas integrados num grupo que boicotou a entrada principal do quartel-general das tropas norte-americanas na Europa, em Stuttgart-Vaihigen, foram ontem detidos para identificação. A maioria dos manifestantes pertenciam a organizações católicas que pretendiam recordar a data em que Herodes mandou degolar centenas de crianças depois do nascimento de Jesus.

Também na Grã-Bretanha se registaram prisões, quando três mulheres conseguiram penetrar na torre de controlo da base aérea de Greenham Common, onde estão estacionados os mísseis Cruise. De acordo com fontes policiais, as três mulheres foram incriminadas por terem povocado prejuízos.

Um apelo à Paz também foi dirigido, desde a Cidade do Vaticano, pelo Papa João Paulo II. Perante quinze mil fiéis que assistiam à audiência geral de ontem, o Sumo Pontifice convidou os fiéis do Mundo inteiro a rezarem por aqueles que não tiveram um Natal de Paz: os libaneses, os povos do Iraque, Irão, El Salvador, Afeganistão e de todos os países dilacerados por conflitos.

Na oportunidade, o Papa manifestou também o seu profundo desgosto pelo recomeço dos combates em Beirute na própria véspera do Natal.

Revelado na 1.ª sessão do Soviete Supremo

lamento imediato de armas proposto à NATO

à
a-
de
e-
vi-
na
su-
da

e o
é
pr-
de
ce
s,
im
in-
co-
ca-
no.
ra-
to
do
as
a-
os

graças a um aumento da produtividade do trabalho de 3,4 por cento na indústria e 8,5 na agricultura. O crescimento económico previsto irá necessariamente reflectir-se no salário médio dos trabalhadores que, de acordo com o plano, deverá atingir os 185,5 rublos, aumentando 2,2 por cento em relação a 1983. Também terá repercussões sobre os rendimentos reais dos soviéticos que, assim, deverão registar um incremento de 3,5 por cento, contrastando com o aumento deste ano (2 por cento), aquém do previsto no plano de 1983.

O responsável pelo plano afirmou, ainda, que a produção de petróleo aumentou cinco milhões de toneladas relativamente aos 624 milhões do ano anterior.

Todo este esforço para o aumento da produção que, de acordo com o relatório de Andropov lido durante o plenário do comité central e já apresentado na primeira sessão do Soviete Supremo, mostrou já a sua validade, assenta numa disciplina de trabalho e responsabilização dos trabalhadores e quadros. Neste sentido, o plano para 1984 preve a destituição, sem contemplações, de todos os que na prática deturpem consciente ou inconscientemente a nova política económica.

Por fim, o ministro Garbuzov salientou que não serão tomadas medidas restritivas sobre o comércio e que, portanto, Moscovo continuará as suas trocas comerciais com os países de diferentes sistema políticos.

Situação internacional em debate

Vários oradores na primeira sessão do Soviete Supremo que ontem decorreu «apoiaram as medidas tomadas pelo governo face à deterioração da situação internacional», segundo noticiou a TASS.

Estas medidas referem-se essencialmente ao abandono das conversações de Genebra na sequência da instalação dos primeiros mísseis nucleares norte-americanos na Europa Ocidental e ainda a anunciada colocação de mísseis soviéticos na Checoslováquia e na República Democrática Alemã.

De acordo com o relato da TASS, «os oradores sublinharam que o agravamento da situação internacional se deve ao aumento do militarismo e da agressividade

Mas, ainda a nível internacional, a ausência de Yuri Andropov tem provocado as mais dispares notícias na Imprensa ocidental e, inclusivamente, suscitado algumas interrogações em Washington.

E entrevista à «Time», Ronald Reagan deu uma ideia da pobreza dos elementos que a enorme indústria americana de Informação lhe dá sobre o funcionamento interno do Kremlin, e que tem posto «à nora» os agentes de Informação norte-americanos.

«Sinto-me algo embaraçado pela nossa falta de informação e de conhecimentos sobre o estado em que se encontra», declarou Reagan. Sobre o «tema quente» preferido pelos «kremlinólogos» americanos, o de saber se são os chefes militares ou os políticos civis que têm na mão as alavancas do poder na URSS, o presidente americano escolhe o mutismo.

Igual atitude tomou o vice-presidente, George Bush, que, como única resposta a uma pergunta de um jornalista da «Stern» sobre o estado de saúde de Andropov, se limitou a afirmar que a doença do secretário-geral do PCUS é «curiosa».

A candidatura nos jornais

Fisicamente ausente da cena política, Yuri Andropov nunca esteve tão presente na Imprensa soviética, que consegra, hoje, colunas inteiras à sua designação para candidato às eleições legislativas do próximo dia 4 de Março.

A candidatura de Yuri Andropov ao Soviete da União, uma das duas Câmaras do Parlamento soviético, foi proposta por ocasião de numerosas reuniões de eleitores realizadas ontem em todo o país.

Esses encontros coincidiram como o primeiro dia de trabalhos do Soviete Supremo, aos quais Andropov não assiste, por se encontrar doente.

Como para atenuar o mal-estar que o seu prolongado eclipse provoca no seio da população, os jornais de hoje dão prioridade aos elogios a Andropov pronunciados pelos seus eleitores.

Já ontem à noite a Televisão consagrara o essencial do seu principal telejornal a tais reuniões, durante as quais os oradores, agitando retratos do chefe do partido e do Estado, enalteceram a «sensatez, a simplicidade, a delicadeza e a modéstia de bolchevique» do candidato Antropov, bem como as suas qualidades de homem de Estado.

A publicidade cincedida pelos meios de Comunicação Social à candidatura de Yuri Andropov visa, manifestamente, apaziguar as receios dos soviéticos, pensam os observadores. Com efeito, em Moscovo, ninguém duvida de que o secretário-geral do PCUS está gravemente doente.

De acordo com a tradição, a candidatura do chefe do PCUS foi avançada, simultaneamente, em numerosas circunscrições, apesar de só acabar por ser candidato numa delas, certamente a do distrito «proletarski» de Moscovo. Segundo a «Pravda», só no que diz respeito ao dia de ontem foi proposta a candidatura de Andropov em 24 circunscrições.

Caminhos de Ferro Portugueses

Argentina: a terrível tarefa de investigar a "guerra suja"

Os funcionários argentinos que percorrem actualmente os cemitérios em busca de cadáveres, um dia atirados para valas comuns, estão também a «desenterrar o processo militar de 1976 a 1983» — comenta hoje a Imprensa de Buenos Aires.

O diário «Buenos Aires Herald», de língua inglesa, assinala em editorial que «centenas de corpos decompostos, alguns deles de menores, com as mãos amputadas e frequentemente com orifícios de balas na cabeça saem à superfície».

O editorial, intitulado «Enfrentar a Verdade», recorda que, «durante os primeiros anos do 'processo', quando os grupos de sequestradores procuravam entre o povo argentino as vítimas que depois prendiam torturavam ou assassinavam, muitas pessoas recusavam-se a acreditar que estivesse a acontecer qualquer coisa fora do comum».

Acrescenta que as recentes descobertas de valas comuns «só corroboram as denúncias de pessoas que passaram pelas câmaras de tortura e pelos campos clandestinos de concentração do regime militar e conseguiram, apesar de tudo, sobreviver».

«Os cadáveres exumados — salienta o jornal — constituem apenas uma pequena parcela do total dos mortos: muitos foram incinerados ou lançados no oceano ou nas águas do Rio de La Plata».

O «Buenos Aires Herald» considera que «os efeitos das exumações, os testemunhos dos sobreviventes e o crescente número dos processos a militares implicados na «guerra suja» serão de transcendente importância.

Por último, assinala que «a terrível tarefa de investigar a «Guerra suja» e de castigar os culpados que a inspiraram e dirigiram é absolutamente indispensável para que a Argentina possa superar este trauma e regressar à normalidade».

Frio nos EUA já matou 391 pessoas

A vaga de frio que transformou o corrente mês de Dezembro no mais gelado do século nos Estados Unidos provocou já 391 mortes afirmaram ontem responsáveis norte-americanos.

As perdas económicas são avaliadas em centenas de milhões de dólares, pois as geadas destruíram grande parte das colheitas de frutas e legumes da Florida, Texas e Louisiana.

Apesar de o tempo ter ontem melhorado em algumas regiões do Sul, como a Flórida – onde os turistas puderam voltar a gozar o sol nas praias –, os meteorologistas prevêem novas geadas para o próximo fim-de-semana.

Em mais de 125 cidades foram batidos durante o Natal todos os recordes de temperaturas mínimas.

O gelo e a neve provocaram inúmeros acidentes de viação, paralisaram o tráfego em estradas e aeroportos, causaram roturas nas canalizações de muitas cidades e originaram avalanches e inundações em diversas áreas.

No Sul, a subida das temperaturas foi acompanhada de tornados e tempestades com fortes ventos.

Em New Orleans, Louisiana, a pressão de água é muito baixa devido ao rebentamento das condutas principais de água e vários bairros estão inundados.

Em Washington, pela segunda vez numa semana, uma chuva gelada dificultou o trânsito matutino e transformou as ruas da cidade numa pista de patinagem.

Por outro lado, pelo menos oitenta pessoas (morreram) em consequência da vaga de frio que nos últimos dias atingiu o Norte do México, segundo um balanço provisório estabelecido ontem pelas autoridades locais.

As temperaturas registadas, que atingiram entre dez e quinze graus negativos em certas localidades perto da fronteira americana, provocaram perdas, no sector agrícola nomeadamente, avaliadas em mais de 28 milhões de dólares, precisou a mesma fonte.

ORLANDO & ALMEIDA, LDA.

Deseja a todos os seus clientes, fornecedores e amigos, um FELIZ ANO NOVO.

Rua de Arroios, 179-A e 156-B

SILVAS — Cooperativa de Trabalhadores Gráficos, C. R. L.

Aditamento à publicação no «Diário de Lisboa» do dia 9/12/83
Conservatória do Registo Comercial de Lisboa
(1.ª Secção)
Nota de Registo
Inserção da Conservatória J-1 — fls. 142, n.º 154

«A Familiar»

SOCIEDADE COOPERATIVA DE PÃO, DE CRÉDITO E CONSUMO DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

AVISO CONVOCATÓRIO

Nos termos do Art.º 42.º, n.º 3, do Código Cooperativo, convoco os sócios da Cooperativa para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no dia 13 de Janeiro de 1984 (6.ª feira), pelas 21 horas, nas instalações da sede social, com entrada pela Avenida da Torre de Belém n.º 6 (frente ao Cinema Restelo), com a seguinte **Ordem de Trabalhos:**

1 — Situação económico-financeira da Cooperativa (análise);
2 — Medidas a tomar.

Não havendo «quorum» à hora da convocação, a Assembleia Geral reunirá com qualquer número de sócios, no dia 28/1/84, no mesmo local, à mesma hora e com a mesma Ordem de Trabalhos.

Lisboa, 28/12/83

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Chitas de Brito

VILA FRANCA DE XIRA
BAIRRO DE POVOS
A 20 MINUTOS DE LISBOA
PARQUE RESIDENCIAL DO CABO

ANDARES DE 2,3 E 4 ASSOALHADAS COM E SEM ARRECADAÇÃO

ANDARES PRONTOS A HABITAR

INFORMAÇÕES • Stand de Vendas no local, todos os dias, incluindo Sábados e Domingos • **TEL. 23 547**

PREDITUR MEDIADORA DE PROPRIEDADES URBANAS E TURISTICAS, LDA (Autorizada Oficialmente desde 1972)

O BOM FUTURO PARA O NOVO ANO

AV. ELIAS GARCIA, 147 - 5º Dtº - 1000 LISBOA Tels. 73 43 50 · 73 43 53 · 73 40 22

Caminhos de Ferro Portugueses — Informaçao

FESTAS DE ANO NOVO

ALTERAÇÕES DE HORÁRIOS

Informam-se os Senhores Passageiros de que no período do Natal e Ano Novo serão efectuadas circulações especiais até ao dia 6 de Janeiro de 1984.

Entretanto, serão suprimidas algumas circulações nos dias 31 de Dezembro e 1 de Janeiro de 1984.

Para informações mais detalhadas, os Senhores Passageiros devem consultar as nossas Secções de Informações ou os Avisos afixados nas estações.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

SECRETARIA DE ESTADO DO TESOURO
DIRECÇÃO-GERAL DO TESOURO
TESOURARIA DA FAZENDA PÚBLICA DO 5.º BAIRRO FISCAL DE LISBOA
RUA IVENS, N.º 22
1200 LISBOA

EDITAL

MARIA BEBIANA FERREIRA PASCOAL, tesoureira da Fazenda Pública, colocada como tesoureira-subgerente na Tesouraria da Fazenda Pública do 5.º Bairro Fiscal, no impedimento do Tesoureiro-Gerente:

Faz saber que, durante todos os dias úteis do próximo mês de **JANEIRO,** se encontra à cobrança a:

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPO B — Liq. Provisória de 1983, a qual deverá ser paga em duas prestações iguais, com vencimento em JANEIRO E JULHO, se o seu montante for igual ou superior a 2.000$00, devendo as colectas inferiores a esta importância, ser pagas por uma só vez em JANEIRO.

Não sendo paga qualquer das prestações, ou a totalidade da contribuição no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição ou qualquer das suas prestações sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento haverá lugar a procedimento executivo para a arrecadação da totalidade do imposto considerando-se vencidas, para o efeito, as prestações ainda não pagas.

Nota importante — O pagamento pode ser efectuado em qualquer Tesouraria da Fazenda Pública desde que o contribuinte ou seu representante se apresente munido do aviso respectivo ou fotocópia (D.L. n.º 44/83, de 26 de Janeiro).

Para constar se passou o presente e idênticos que vão ser afixados nesta Tesouraria da Fazenda Pública, na Repartição de Finanças deste Bairro Fiscal e divulgados através da imprensa diária.

Tesouraria da Fazenda Pública do 5.º Bairro Fiscal de Lisboa, 20 de Dezembro de 1983.

A TESOUREIRA-SUBGERENTE
Maria Bebiana Ferreira Pascoal

Caminhos de Ferro Portugueses — Informaçao

AVISO AO PÚBLICO
CONCURSO

Até às 17 horas do dia 24 de Janeiro de 1984, estes Caminhos-de-Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Bifurcação de Lares.

A anuidade mínima a oferecer é de 30 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 5 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

— **Bifurcação de Lares**
— **Serviço Comercial da Região Centro — Lisboa (Santa Apolónia) —**
— **Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA**

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Bifurcação de Lares».

CHEQUE-TREM
Conta aberta na C.P.

O CHEQUE-TREM e um novo meio de pagamento que permite a aquisiçao sucessiva de serviços ferroviarios Apresenta-se em duas modalidades, nominativos e de Empresa, e com dois valores 12 500$00 e 17 500$0 beneficiando o comprador de uma redução de 15% no acto da compra O CHEQUE-TREM é um novo titulo de transporte, com validade ilimitada, que pode adquirir todos os tipos de bilhetes para 1.ª e 2.ª classes para comboios normais e rápidos suplementos reservas, despacho de automoveis e cobranças em trânsito Nao e valido no entanto, para comboios transvias nem nas areas de utilização do passe social

15% de redução imediato

O CHEQUE-TREM ja entrou em circulaçao e encontra-o em qualquer estaçao da CP ou nas Agências de Viagens

caminhos de ferro · caminhos de futuro

Envie este cupão para
CP Caminhos de Ferro Portugueses EP Departamento Comercial Estação de Sta Apolonia 1196 LISBOA CODEX
Queiram enviar-me o folheto CHÈQUE TREM Conta Aberta na CP
Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Código Postal _____

Caminhos de Ferro Portugueses

LISBOA - FARO - LISBOA
«RÁPIDO SOTAVENTO»
AGORA COM 2.ª CLASSE

9001		9002
14.40	LISBOA (TERREIRO DO PAÇO)	23.30
15.20	BARREIRO	22.50
18.04	TUNES	20.07
18.11	ALBUFEIRA	20.00
18.24	LOULÉ	19.47
18.35	FARO	19.35

Desde o dia 25 de Setembro de 1983, os comboios rápidos com os horários acima indicados, passaram a incluir, também, carruagens de 2.ª classe.

Esta medida traduz-se numa melhoria do serviço prestado ao Público já que visa uma maior adequação do transporte oferecido à procura verificada.

Chama-se a atenção dos senhores passageiros que as carruagens de 2.ª classe, atrás referidas, não poderão ser utilizadas por portadores de títulos de transporte com reduções especiais não insertas na Tarifa Geral de Transportes

NOTA: Nestes comboios, tanto em 1.ª como em **2.ª classe,** é obrigatória a marcação prévia de lugar e a sua lotação é limitada ao número de lugares oferecidos.

Para informações mais detalhadas, devem os senhores passageiros dirigir-se às estações ou às Secções de Informações.

A guerra em Angola (2)

A propaganda de Pretória derrotada pela realidade

O governo angolano não fez até aqui qualquer declaração pública sobre a recente saída da França do Grupo de Contacto.

A decisão francesa não causou surpresa em Luanda, esperando-se agora que o Canadá venha a tomar decisão idêntica.

Em privado, os dirigentes angolanos relacionam o desmembramento do Grupo de Contacto com um progressivo isolamento de Washington entre as potências ocidentais no que diz respeito aquilo a que se chamou de «linkade» a exigência de retirada das forças cubanas de Angola como condição para o início da descolonização da Namíbia.

FOI durante 1983 que Pretória mais utilizou esta exigência, alegando que a presença cubana em Angola era uma ameaça de invasão, à Namíbia e, portanto, uma ameaça à segurança da África do Sul.

Mas a principal base de sustentação da política de «linkage» era, e é de ordem interna.

Pretória garantiu aos governos ocidentais que até finais de 1983 estariam criadas as condições para a UNITA deixar de ser o seu braço armado em Angola para passa a ser «Governo de Angola» ou, pelo menos, «parte de um governo de unidade nacional». O «linkage» serviria de ganha-tempo diplomático enquanto no terreno do conflito se criavam as condições políticas e militares internas que levassem a UNITA a Luanda.

Quatro dos cinco membros do Grupo de Contacto – a França, a Alemanha Federal, o Canadá e a Grã-Bretanha – puseram sempre sérias reservas ao optimismo de Pretória, conscientes de que a tomada do poder pela UNITA existia menos no horizonte das possibilidades do que nos comunicados de guerra, sul-africanos ou da UNITA.

Campanha publicitária: o reino da ficção

Só os Estados Unidos acreditaram – ou quiseram acreditar que a UNITA iria tomar o poder directamente ou através de uma aliança com alguns elementos de cúpula do MPLA a quem caberia a tarefa de um «golpe interno».

Mercê da ofensiva sul-africana de 81/82 e de uma campanha publicitária bem orquestrada em 1983, Pretória conseguiu impor nalguns círculos políticos das capitais europeias a ideia de que Luanda já estava «cercada».

Recordo-me que em Setembro deste ano, em Lisboa – um dos principais centros de actuação dfa UNITA na Europa – os comunicados de guerra deste grupo e as notícias veiculadas por agências de informação ocidentais espalhavam uma apreensão aguda entre simpatizantes do MPLA. Algumas figuras políticas chegaram mesmo a falar da necessidade de um acordo entre o MPLA e a UNITA para que se evitasse «um massacre da população de Luanda».

Nalgumas forças social-democratas e euro-socialistas surgiu até a ideia de que o «fenómeno Savimbi» era «irreversível». Tratar-se-ia de uma situação quase «biológica» do cenário político africano em que a alternativa para o secessionismo tem de ser forçosamente a aliança entre forças antagónicas.

Acontece que a campanha publicitária em torno de uma UNITA «quase a chegar a Luanda» – algo semelhante aconteceu em relação a Maputo em Maio/Junho de 1982 – era já uma tentativa de encobrir importantes sucessos das Forças Armadas angolanas, FAPLA, era a tentativa de arranjar fôlego para o ganha – tempo diplomático de que Pretória necessitava para manter o Ociente na expectativa de uma mudança «de fundo» em Angola.

A campanha publicitária envolveu, por exemplo, a exploração noticiosa daquilo a que Pretória chamou de «primeira ofensiva generalizada» da UNITA entre 2 de Agosto e 9 de Setembro deste ano. Grandes grupos da UNITA haviam sido instalados pela África do Sul em Cangamba com infiltrações posteriores até às provincias de Malanje e Lunda. Registaram-se também acções nas províncias de Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Benguela, Huambo, Bié, Moxico e Kuando-Kubango.

A campanha envolveu também a reivindicação de acontecimentos que facilmente ganham uma áurea de espectacularidade.

A 8 de Setembro último, um boeing 737 da TAAG despenhou-se no Lubango por razões que viriam a ser atribuídas a erros do piloto, um ex-piloto da força aérea angolana que apenas tinha 100 horas de voo como comandante de Boeing quando se deu o acidente. A UNITA reivindicou este acidente, dizendo que o aparelho tinha sido abatido por um míssil de uma unidade sua infiltrada até 2 quilómetros do aeroporto de Lubango.

Em Luanda, um prédio ardeu completamente devido à inflamação de produtos químicos numa drogaria do rés-do-chão, e devido à total incapacidade do corpo de bombeiros da cidade. O facto de o prédio estar situado na esquina das avenidas Karl Marx e Lenine forneceu o simbolismo necessário para a UNITA dizer que havia colocado uma bomba incendiária no edifício. O acto de reivindicação aparecia já enquadrado num plano de «tomada de Luanda».

Falha informativa de Luanda

Nos últimos meses o Ministério da Defesa de Angola tem tornado públicas algumas das acções das FAPLA, o que provocou um ligeiro recuo da África do Sul na guerra de palavras em torno do que se passa em Angola.

Mas a acção informativa das autoridades angolanas está ainda aquém daquilo que militarmente as FAPLA conseguiram fazer em 83.

A AIM soube de um caso que ilustra esta discrepância entre as acções militares e as de informação.

Em Novembro , alguns grupos da UNITA ocuparam a pequena localidade de Kazombo na província do Moxico, já próxima da fronteira com a Zâmbia.

A ocupação foi coordenada com uma acção publicitária importante. A África do Sul fez deslocar vários jornalistas ocidentais que registaram e divulgaram a acção da UNITA, dando a imagem de um movimento com avançada capacidade de controlo territorial.

A ocupação de Kazombo durou menos de uma semana. Os ocupantes tiveram que retirar devido à chegada de uma unidade das FAPLA. Mas até hoje o Ministério da Defesa não anunciou a retomada de Kazombo, persistindo pois a ideia no exterior de que Kazombo continua ocupada pela UNITA.

Dirigentes angolanos afirmam que «o que importa é o que acontece no terreno e não o que se noticia». Isso será, sem dúvida, verdade a médio e longo prazo. Mas, dizem alguns angolanos, a curto prazo a ausência de um caudal noticioso regular sobre a actividade das forças angolanas cria dificuldades à diplomacia do país que esbarra amiúde com a ideia, no exterior, de que a UNITA é um problema maior do que aquele que é na realidade.

Na ausência de uma informação verdadeira sobre Angola é fácil tomar por realidade aquilo que é ficção nos comunicados de guerra difundidos por Pretória ou através de Pretória.

(Carlos Cardoso / AIM / «DL»)

Mobutu

Samora Machel

Relações luso-africanas: balanço de um ano

O interesse de Portugal pela problemática africana foi-se acentuando ao longo de 1983, ano especialmente marcado pela visita de Estado do presidente moçambicano Samora Machel, a Lisboa.

A visita que também realizou a Lisboa o presidente zairense, Mobutu Sese Seko, as duas passagens do ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, e a ida a Cabo Verde do ministro português da mesma pasta, Jaime Gama, foram também aspectos significativos do ano de 1983.

Machel, ao permanecer em Portugal de 7 a 12 de Outubro, retribuiu a visita que em 1981 efectuara ao seu país o Presidente Ramalho Eanes e contribuiu de forma positiva para o bom relacionamento geral entre África e os portugueses.

Na Batalha, em Coimbra, no Porto e em Guimarães, o líder de Moçambique teve oportunidade de ver e contactar com o povo de fora da capital, num programa mais intenso do que a generalidade dos Chefes de Estado visitantes costuma ter.

Quanto a Mobutu, dois meses depois, o contraste foi flagrante: nada de saídas para fora da região de Lisboa, nem de contactos informais com a população.

No fim de Novembro e, de novo, já em Dezembro, esteve em Portugal o ministro sul-africano Roelof «Pik» Botha, que se dedicou designadamente a estudar assuntos relacionados com a Hidroeléctrica de Cabora Bassa e com a situação em Moçambique.

O Governo português colaborou nos preparativos das conversações que no dia 21 de Dezembro Botha manteve na Suazilândia com o ministro moçambicano da presidência, Jacinto Veloso.

Isso está na linha das afirmações que em Setembro o Presidente Eanes fez à revista norte-americana «Newsweek», dizendo que Portugal pode ter um papel activo na procura de soluções para os conflitos em África.

Depois, no banquete em honra de Mobutu, Eanes preconizaria uma solução global e garantida para os conflitos africanos, preservando a identidade de cada Estado, a sua integridade territorial e o que é específico da sua ordem interna».

Quanto ao diálogo de Portugal com os países africanos de língua oficial portuguesa e, ainda, com o Brasil foi de particular interesse a viagem que em meados de Novembro o ministro Jaime Gama efectuou a Cabo Verde.

Aí, aquele membro do actual executivo iria explanar pela primeira vez em África uma ideia que se sabia ser a do Primeiro-Ministro Mário Soares: institucionalizar formas de relação.

Reuniões bienais entre chefes de Estado e de Governo, reuniões anuais dos ministros dos Negócios Estrangeiros e intensificação da consulta política entre directores-gerais dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros foram aspectos da proposta de Gama para a institucionalização do relacionamento entre todos os países de língua oficial portuguesa.

A proposta concreta surgiu de improviso, no meio de um discurso proferido em banquete oferecido pelo seu homólogo cabo-verdiano, Silvino da Luz, que conhecia a sua ideia-básica mas não os pormenores.

Gama acrescentou a sugestão de um Secretariado permanente dos «sete», a instalar em Cabo Verde, dada a localização geográfica desse país, «na confluência dos contactos internacionais e intercontinentais».

Posteriormente, o ministro português escreveu aos seus homólogos, no sentido de a proposta de «diálogo tricontinental» ser formalmente debatida durante a reunião que os cinco países africanos de língua oficial portuguesa teriam em Dezembro na capital guineense.

Os ministros africanos teriam falado entre si da proposta portuguesa, mas não acharam por bem colocá-la na ordem de trabalhos para a cimeira que se realizou em Bissau, de 18 a 20 deste mês.

Informações recolhidas pela ANOP indicam que os diversos Estados africanos desejam reflectir mais sobre o assunto e que só deverão dar uma resposta positiva depois de melhorarem as relações entre Lisboa e Luanda.

Gama, porém, não está parado no seu desejo de ver aceite as propostas do Governo português e assim, em Janeiro de 1984 tenciona efectuar uma viagem à Guiné-Bissau e outra a S. Tomé e Príncipe, esta última com passagem por Luanda.

DESPORTO

Dia 20 de Junho de 1962: António Vilela no combate (que venceu) com Manuel Santos. Ricardo Ferraz é o treinador desse rapaz do Sporting que é hoje empresário desportivo arrojado e atirado para a frente

Embate particular no Funchal: 0-3

Benfica: espectáculo na Madeira

O Benfica venceu o Marítimo, por 3-0, em jogo de carácter particular, disputado ontem à noite, no Estádio dos Barreiros, no Funchal. Os golos da turma da Luz foram marcados por Manniche, Diamantino e Chalana (de grande penalidade), aos 3, 28 e 45 minutos, respectivamente.

Cerca de dez mil espectadores assistiram ao encontro, inserido no âmbito do acordo que possibilitou a transferência do «central» Oliveira para o clube da Luz. Partida com uma 1.ª parte muito disputada, com um total domínio dos lisboetas que chegaram, naturalmente, ao 3-0, podendo mesmo ter marcado mais um ou dois golos.

O Marítimo foi uma equipa que procurou jogar sem grandes preocupações defensivas o que tornou ainda mais fácil a tarefa dos «encarnados», que puderam desenvolver um futebol rápido e com lances a toda a largura do terreno. Neste período, sobressaíram as actuações de Carlos Manuel, Chalana, Stromberg e Manniche, que proporcionaram ao público presente diversos lances de primorosa execução técnica.

No 2.º tempo (devido ao número de substituições) o espectáculo baixou bastante de brilho e jogou-se quase a passo. O Marítimo conseguiu (até) um certo equilíbrio, se bem que nunca chegasse a causar perigo para as redes contrárias.

Aliás, neste período complementar, apenas se verificou um lance de perigo, à passagem dos 70 minutos, quando Nené atirou, violentamente, à meia volta, fazendo o esférico embater na barra da baliza dos madeirenses. Aparte este lance (e se bem que o domínio nunca tivesse deixado de pertencer ao Benfica) os lisboetas nunca mais criaram lances de verdadeiro perigo, assistindo-se, antes, a muitas jogadas de meio-campo sem sinal de perigo possível.

Sob a arbitragem de Albino Rodrigues (Funchal), que realizou um razoável trabalho, as equipas alinharam:

Marítimo: Quim (João, 65m); Olavo, Bastos, Quim Manuel (Leonardo, 45) e Arnaldo Carvalho (Hilário, 80); Camacho (Marinho, 45), Ademar, David Caetano e Duarte (Águas, 45); Richards (Rafael Assis, 45) e Chico Faria (Nicolau, 65m).

Benfica: Bento (Delgado, 45m); Pietra, Oliveira (Samuel, 45), Bastos Lopes e Álvaro; Carlos Manuel (Shéu, 45), Stromberg (Bastos Lopes II 75) e Chalana; José Luís, Manniche (Filipovic, 45) e Diamantino (Nené, 45).

Volta a «Taça»

Neste fim-de-semana joga-se para a Taça de Portugal. Vejamos os jogos: Amanhã, às 21 horas: Vitória de Setúbal - Gil Vicente; no sábado, às 15 horas: Riopele - Rio Ave, Varzim -Sporting de Braga, Estoril -Águeda, Belenenses - Nacional da Madeira, F. C. do Porto -Valonguense, Barreirense - Atlético, Benfica - Chaves, Montijo - Leixões, Sporting da Covilhã - Torriense, Beira-Mar - Vizela, U. Paredes - Guimarães, Estrela de Portalegre -Sporting, Salgueiros -Portimonense e Paços de Ferreira - Farense. Falta saber quem irá jogar com o Olhanense, em data ainda a indicar. Primeiro, é preciso que se desenrole o embate Paroquial - Santacruzense e depois de encontrado um vencedor ele terá de jogar com o Elvas. Só depois haverá opositor para o Olhanense.

Para além destes encontros, efectua-se, também, no sábado, o jogo em atraso da Série C da III Divisão, entre o Sourense e o Benfica e Viseu, mais os seguintes embates: Alpalhoense-Alcains, Paio-Pires - Trafaria, Estrela de Vendas Novas -Comércio e Indústria e Canaviais - Alvorense.

Coimbra: «Taça»

A 1.ª eliminatória da «Taça Associação de Futebol de Coimbra» disputa-se no dia 1 de Janeiro, com a participação de 12 clubes. Os encontros são: Desportivo de Sepins - Desportivo Sampaense, Clube Ateneu Alhandense - Atlético Mirandense, União de Cadima ou S. Silvestre - Ança Clube, Grupo Argus - Grupo Os Águias, União Futebol Clube - Futebol Clube Oliveira do Hospital.

Inglaterra

Resultados da 20.ª jornada do campeonato de Inglaterra de futebol da 1.ª divisão: Arsenal-Birmingham, 1-1; Aston Villa -Tottenham, 0-0; Liverpool - Leicester, 2-2; Luton - West Ham, 0-1; Manchester United - Notts County, 3-3; Norwich - Ipswich, 0-0; Southampton - Watford, 1-0; Sunderland - West Bromwich, 3-0; Wolverhampton -Everton, 3-0 e Nottingham Forest -Coventry, 3-0. Topo da tabela classificativa: 1.º Liverpool, 41 pontos; 2.º Manchester United, 38; 3.º Southampton, 37; 4.º West Ham e Nottingham Forest, 36.

Carcavelos: nasceu um centro desportivo a nível internacional

António Vilela, engenheiro electrotécnico e ex-**«menino bonito do boxe amador» (como era anunciado nos cartazes da década 60) mais tarde promotor de combates (empresário da Artibox) continua na crise da onda: prepara-se para, em Carcavelos, a 150 metros da estação ferroviária, inaugurar algo que vai revolucionar o nosso desporto, a nível de instalações para a sua prática. Trata-se do «LuDDDance», centro gimno-desportivo com três ginásios (um com possibilidade de adaptação a «squash», uma sauna, uma sala para «squash», duas salas de massagem, balneários, loja com artigos desportivos seleccionados e ainda um restaurante, com bar e recepção.**

«Dinâmica, Desporto e Dança»: eis o lema do empreendimento de António Vilela, que adquiriu o antigo Vitória-Cine (de Carcavelos) para o converter em polivalente sala de espectáculos e desporto, com especial relevância para o pugilismo, com um ringue que é dos melhores da Europa e fica no salão denominado «A mão doce».

Projectado pelo arquitecto António Lobão, com decoração do bar por José Caldeira e Manuel Graça Dias, o «LuDDDance» é empreendimento calculado em 40 mil contos: estão já empatados 30 mil, mas falta-me o resto para acabar este meu sonho — diz-nos António Stichini Vilela, o antigo discípulo de Ricardo Ferraz que praticou boxe no Vitória Clube de Lisboa e no Sporting, chegando (como meio-médio ligeiro) a ser considerado um fora-de-série.

Aliás, ele próprio (juntamente com António Rafael) tem aulas de boxe a funcionar, confiando agora que, com o apoio do seu antigo mestre (Ricardo Ferraz) amplie largamente o número de praticantes que já acorrem às instalações do «LuDDDance», a tal obra que é preciso ser visitada para se conhecer um centro para a prática desportiva ao nível do mais credenciado existente por essas terras fora.

É forçoço referir que ali se pratica o yoga (sob orientação do Centro de Estudos Tibetano), dança-jazz (dirigida pela professora Teresa Abrantes) e que entre os potenciais associados de António Vilela se conta o professor Luís Bairrão, licenciado em Educação Física.

Massagistas especializados em diferentes disciplinas desportivas trabalham no «LuDDance»: a antiga sala teatral onde pode agora ver-se em funcionamento ginástica aeróbica e, ao fim do dia, umas dezenas de amigos do pugilismo, onde António Vilela pretende **descobrir um novo Fernando Tavares, o pugilista português que, no estrangeiro, mais me impressionou e entusiasmou.** Quem aceita o repto-convite para ir até Carcavelos mostrar as suas habilidades?

Moser ataca recorde de Merckx

O ciclista italiano Francesco Moser garantiu, em Trento (Itália), qu está preparado para viajar hoje até ao México, onde vai tentar estabelecer novo recorde mundial da hora em ciclismo. O actual recordista da hora é o belga Eddy Merckx, que ostenta o título desde 1972 e consegui-o precisamente no México.

Francesco Moser, que viajará de Milão até à cidade do México, acompanhado da mulher (Carla) e da sua filha Francesca, adiantou que leva consigo três bicicletas especiais para se treinar, a partir de amanhã, na pista mexicana.

O corredor italiano precisou que a sua tentativa de bater o recorde da hora será levada a cabo «depois de 20 de Janeiro», em data a fixar em funçõ das condiçõeu atmosféricas e do gráu alcançado pela sua preparação.

Fonte Santense: a calma voltou

A calma voltou ao Sporting União Santense: a Câmara Municipal de Lisboa ouviu o seu apelo e um reforço do apoio da autarquia vai dar vida nova à colectividade. Isto nos foi confirmado pelo dr. Pedro Feist, o vereador municipal que dirige o Pelouro do Desporto e, em relação ao protesto do clube da Freguesia dos Prazeres (vindo a lume nas nossas edições do passado dia 26» declara ao «DL»:

O apoio ao Fonte Santense vai continuar a ser uma realidade. O problema da travagem de gastos camarários deveu-se ao facto do primitivo subsídio não ter sido utilizado em obras no recinto desportivo do clube mas na sua «entourage», porque foi necessário proceder à sustentação de terras na colina dos Prazeres. Isso implicou a aplicação de betão armado e, por uma certa incúria dos serviços de obras desta CML, o clube ficou sem campo de futebol e são necessários mais três ou quatro mil contos para concluir uma obra que tinha apoio da ordem dos mil contos e vai ficar em mais de sete mil.

Pedro Feist acrescenta:

Foi um caso que (digamos) «saiu torto», foi a única «mancha negra» no Pelouro Desportivo da Câmara Municipal de Lisboa. Lamentamos quase tanto como os associados do Fonte Santense a situação criada: mas tudo vai ficar remediado, o clube continuará em sua casa, todos acabaremos satisfeitos. Recordo que o orçamento global da CML para um ano, no tocante a subsídios para Desporto, é apenas de 19 mil contos: e temos de continuar a ajudar mais de cem clubes, a quem vamos prodigalizar o auxílio possível.

Em tom de confidência:

Para além deste caso do Fonte Santense, acabo de despachar um imediato apoio (de 150 contos) ao Grupo Desportivo de Arroios (vítima de inundações) e outro ao Lisboa Ginásio, colectividade que igualmente bem merece todo o carinho desta Câmara. Mas, daqui a dias revelaremos até onde a CML vai incentivar a vida dos emblemas dos clubes populares de Lisboa.

Sábado, a não perder: S. Silvestre na Amadora

Sessenta clubes, mais de 700 atletas (entre os quais 68 mulheres) já se encontram inscritos na S. Silvestre da Amadora organizada pelo Desportivo Operário do Rangel.

Entre os clubes inscritos encontram-se o Benfica (com 18 representantes) Sporting, Porto, Belenenses, Olhanense, Beira Mar, Estoril Praia, Tirsense, Ginásio Clube Português e Académico da Régua.

Nomes sonantes do atletismo português desfilarão pelas ruas da Amadora e Venda Nova (num percurso de 8500 metros) dos quais se destacam Carlos Lopes (vencedor da Maratona de S. Paulo, em 1982) Aurora Cunha, João Campos, Ricardo Manuel, Joaquim Pinheiro, Hélder de Jesus e outros atletas de nome feito no atletismo português. A prova, que se inicia pelas 22 e 30 de sábado, terá a partida e chegada no Largo do Pão de Açúcar (na Venda Nova) às portas de Benfica.

Além do Desportivo Operário do Rangel (clube organizador) dão todo o seu apoio a esta iniciativa a Câmara Municipal da Amadora e o comércio local.

Por aí fora

A primeira corrida de São Silvestre de Serpa, realiza-se no dia 31 por iniciativa do Conselho Desportivo Municipal, com o apoio da edilidade local. A prova principal tem um total de oito mil metros sendo reservada a seniores, juniores e veteranos, tendo estes uma classificação separada. Haverá ainda uma prova de promoção do atletismo (destinada a atletas de ambos os sexos, dos 6 aos 9 anos de idade) na distância de 500 metros e outras para infantis, juvenis, juniores e seniores.

O caampeonato distrital de atletismo em estrada de Viseu, promovido pelo INATEL, realiza-se dia 8 de Janeiro. A prova tem uma extensão de 12 quilómetros para homens e 500 metros para senhoras.

A 5.ª edição da «Légua do Diário de Coimbra» realiza-e a 8 de Julho de 1984, integrada nas Festas da Rainha Santa. A organização foi entregue à delegação distrital da DGD e ao «Diário de Coimbra» tendo o apoio da Câmara Municipal, do Governo Civil, da Comissão de Turismo do Centro, do Inatel e da Associação de Atletismo de Coimbra. Como treino para esta competição serão organizadas provas nos meses de Março e Abril em todas as freguesias conimbricenses.

Troféu Jesse Owens

Cinco atletas são pretendentes à atribuição do prestigioso «troféu internacional Jesse Owens 1983» destinado a distinguir o melhor atleta do ano. Os nomes dos favoritos: a checoslovaca Jarmila Kratochvilova (400 e 800 metros), o chinês Zhu Jianhua (salto em altura), os norte-americanos Mary Decker (1500 e 3000 metros), Edwein Moses (110 metros barreiras) e Carl Lewis (100, 200 metros e salto em comprimento). O troféu será atribuído a 18 de Janeiro, dm Nova York.

Boas-Festas desportivas

Especialmente dirigidas à Secção Desportiva do «Diário de Lisboa» registamos, com muito apreço, as mensagens de boas--festas que nos têm sido remetidas, especialmente da Embaixada da República Federal da Alemanha, dr. José Arsénio e esposa (Consulado de Portugal em New Bedford, EUA), Associação de Andebol de Lisboa, Associação de Basquetebol de Lisboa, Federação Portuguesa de Halterofilismo, Associação de Judo do Distrito de Santarém, Carlos Pina (e Infoplan Portugal), Federação Portuguesa de Andebol, Rancho Folclórico de Seia, tenente-coronel Vargas Cardoso (da Federação Portuguesa de Ginástica), Tozé (guarda-redes da turma futebolística de «O Elvas»), José Trincheira (matador de touros), Federação Portuguesa de Andebol, Rádio Triunfo (Mota Alves, Celeste Pedro, F. Neves e Judite), Federação Portuguesa de Lutas Amadoras, Arnaldo Reis (McCann-Erickson-/Hora), Associação de Futebol de Lisboa, Sérgio Ferraz (Associação Brasileira de Imprensa), Associação de Hóquei em campo de Lisboa, Clube Air Portugal, Lesagi Zandinga, António Oliveira (futebolista do Sporting), Raul Figueiredo (treinador adjunto do Belenenses) João Alves (futebolista do Boavista), Ribeiro de Mello (editor literário), Francisco Silva (árbitro de futebol), artista António Mourão, Associação de Natação de Lisboa, Jaime Lopes (ex-dirigente do Departamento de Futebol do Sporting), Ginásio Clube Português, Pietra (futebolista do Benfica) Carlos Amorim (Torralta), Almada Atlético Clube, Adolfo Rodrigues (Sporting Pinheiro de Loures), Federação Portuguesa de Motociclismo, dos jornalistas Ribeiro Cristóvão, Serafim Ferreira, Orlando Dias Agudo e Fernando Correia, do treinador de futebol José Moniz, dos produtores radiofónicos Costa Martins, Ruy Castelar e António Miguel, do nosso colaborador Alves Henriques do «Night-Club Acapulco» e ainda de «A Regra de Jogo» (editorial). A todos, a expressão de reconhecimento e os votos de idêntico e feliz 1984.

DESPORTO

ponta esquerda

Andebol: 40 clubes suspensos

Aborrecido fim-de-ano para várias colectividades que praticam andebol: desde ontem, estão suspensos, de toda a actividade, 40 clubes por dívidas à Federação Portuguesa de Andebol. Na divisão de honra: Sanjoanense: 8500100; Desportivo de Portugal: 16 464$00; Académico do Porto: 11 464$00; Vitória de Setúbal: 10 426$); Caselas: 10 426*00; Sporting de Espinho: 11 646ç- lmada: 8964*00; Sporting: 10 427*00; e Belenenses: 1500$00. Na 1.ª Divisão: F. C. Maia: 13 991$00ç- fermentões: 13 991$00) Sporting de Braga: 13 991$00; Académico de Braga: 13 991$00; Clube de Propaganda de Natação: 13 991$00; Paço de Arcos: 10 698$00; Académica da Amadora: 10 696$00; e Oriental: 30 698$00. Na 2.ª Divisão: S. Bernardo, Águas Santas, Académico de Águera, F. C. Lapa, Padroense, António Aroso, Leix.oes, Cantanhedense, Vilanovense, CDUL, Ginásio do Sul, Arsenal do Alfeite, Rio Maior, Boa-Hora, Cova da Piedade, Liga de Algés, Estefânia, Campo de Ourique e Estoril, tod s com 12 485$00; Francisco Holanda e Amigos da Paz: 13 985$00; Infesta: 14 085$00; e Albicastrense: 22 485$00.

Paços de Ferreira: dirigente irradiado

Manuel Ribeiro de Sousa, dirigente do Paços de Ferreira, foi irradiado por ter agredido o árbitro bracarense Azevedo Duarte.

O fio das palavras

Sou tão bom como Humberto Coelho: afirmação de Lima Pereira, futebolista das Antas, em «A BOLA», de hoje.

Guarda: "chicotada psicológica"

Orlando Dias, o técnico da equipa de futebol da Associação Desportiva da Guarda, demitiu-se do seu cargo devido a desentendimento com alguns sectores directivos do clube. Orlando Dias adiantou que a sua demissão se prendeu com uma contestação que se prolonga, desde o início da temporada, por parte de um grupo minoritário daquela colectividade, cuja actuação foi psicologicamente negativa para o rendimento da equipa – comenta aquele treinador. Orlando Dias destaca que pretende efectuar um estágio de actualização em Saint Germain (França) e outro no Instituto Nacional dos Desportos.

Até à escolha de novo treinador, o Guarda passará a ser orientado pelo trio de jogadores formado pelo «capitão» Arrifana, Chico Gordo e Rosa. A equipa, a militar na Zona Centro do Campeonato da 2.ª Divisão de Futebol, está em nono lugar (13 pontos) e com um atraso de cinco pontos em relação ao Académicc de Coimbra.

Desporto e Turismo associam-se

O secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, e o secretário de Estado do Turismo, dr. Ferreira do Amaral, assinam, amanhã, às 11 horas, no Palácio Foz, um despacho conjunto que estabelece a cooperação entre os dois departamentos para acções de promoção turístico-desportiva. No despacho é criada uma comissão mista, com representantes das duas secretarias de Estado, que fica encarregue de planear e apoiar as acções desportivas com interesse turístico e divulgar, no País e no estrangeiro, as potencialidades desportivas das zonas turísticas ou a ligação de provas desportivas de relevo internacional a zonas turísticas.

Adeus, Taça Jules Rimet

A taça Jules Rimet **já não existe** informou a Polícia carioca. De acordo com a Polícia, a taça, conquistada definitivamente pelo Brasil no «Mundial» de futebol do México de 1970» **já deve ter sido fundida e transformada numa barra de ouro.**

Federativos do basquetebol enterram a cabeça na areia

O adágio popular, frase feita ou provérbio de **com a cabeça debaixo da areia não dá nem para abrir os olhos,** poderá adaptar-se sem esforço às contemplativas decisões da Federação Portuguesa de Basquetebol, liderada (mais bem do que mal, diga-se de passagem) pelo brigadeiro Hugo dos Santos.

Mas, ao recordar o nome do actual presidente da FPB, longe de nós a ideia de ignorar outra figura bastante «grande» (as aspas no caso significam realce) de Máximo Couto, no comando federativo no último decénio.

Entretanto (recuando no tempo) será igualmente, de apreciar o longo mandato desse exemplo de dedicação que foi (é e será sempre) Albano Fernandes. Só que Albano Fernandes foi comandante federativo em tempo de vacas muito magras, quando se «multiplicava» nas funções de presidente, secretário, tesoureiro e funcionário administrativo. Podem alguns árbitros e oficiais de mesa de hoje discordar da forma de dirigir de Albano Fernandes, mas um facto é indestrutível: foi um dirigente impoluto, a quem o basquetebol (nos sectores federativos e da arbitragem) deve serviços inestimáveis. Se recordarmos ao dirigente clubista, árbitro, treinador, praticante ou simples amante da modalidade que não é preciso contactar amiúde com Albano Fernandes para concluir que foi (e continua a ser) dos maiores e melhores cabouqueiros da «nossa» modalidade, temos tudo dito. Pois, amigo leitor, estamos perfeitamente à vontade para enaltecer Albano Fernandes pois falámos com ele apenas duas ou três vezes em cerca de 30 anos, período durante o qual esteve no dirigismo do basquetebol português.

É um facto que os actuais dirigentes federativos têm os olhos e os ouvidos tapados: a Imprensa divulgou e a rádio mandou para o ar. Na comunicação audiovisual, sinceramente, não vimos referências: «aquilo» só vendo e a TV (no caso) não esteve presente.

O introito, com as referências que se nos afiguram oportunas, vem a propósito da repetição do jogo entre o Olivais e o Barreirense, que a Federação marcou para amanhã.

Recordamos: a cerca de seis minutos do fim do jogo, no pavilhão do Olivais (em Coimbra) a equipa visitante (Barreirense) vencia por 22 pontos (89-67). Quem esteve no recinto, no último dia 18, viu que a equipa da casa estava «derrotada», não tinha qualquer hipótese de conseguir o volt-face total. Isto é: estava matematicamente «impossibilitada» de recuperar tão acentuado desnível pontual na escassa meia dúzia de minutos por jogar. Pois uma «providencial» avaria na instalação eléctrica do recinto do Olivais (que não foi possível «reparar» transformaria a clara vitória do Barreirense em resultado nulo e, consequentemente a derrota inequívoca e fatal do Olivais em resultado de zero-zero. É do marcador em branco que partirão as duas equipas no encontro de repetição que os federativos marcaram para amanhã (21 e 30) no mesmo recinto do jogo «compulsivamente» suspenso e anulado.

O que há de mais «coincidente» é que a turma de Coimbra necessitava absolutamente da vitória para conseguir o apuramento. Quem sabe se a «avaria» na iluminação não aconteceria se para a equipa da casa não fossem de instante importância os dois pontos em jogo.

Nas circunstâncias, bastante estranhas, que se deu a avaria irreparável, pode, com pleno vigor, o Benfica (por tabela, mas directamente prejudicado) impugnar a homologação do campeonato e solicitar inquérito (para os casos congéneres como está regulamentado) aos verdadeiros motivos que originaram a suspensão do referido jogo.

Já nestas colunas o dissemos: vai acabar por ser necessário solicitar a intervenção da Polícia Judiciária para detectar os casos (agora tão tristemente frequentes) de avarias na instalação eléctrica em recintos cujas equipas locais (proprietárias dos mesmos ou não) necessitam da vitória quando em situação inapelável de derrota.

Terminamos repetindo o adágio da **cabeça bem metida debaixo da areia que não dá nem para abrir os olhos.** Leia-se: dirigentes que fecham os olhos a realidades imutáveis.

António Abel

No "Dia das Mentiras", a maior: Espanha repete jogo com Malta

O «Diário 16» e a Rádio Nacional lançaram ontem a confusão entre os adeptos do futebol ao noticiar que a UEFA anulara o recente jogo com Malta, para o «Europeu», que a selecção espanhola venceu por 12-1.

Tratava-se da respectiva 'inocentada': a tradicional mentira com que os órgãos de comunicação assinalam o 28 de Dezembro, (Dia dos Santos Inocentes) o 'Dia das Mentiras', em Espanha.

O «Diário 16» informou que, em reunião realizada de madrugada, a UEFA decidiu anular o jogo que garantiu a Espanha a presença na fase final do «Europeu» e marcara a repetição da partida para 6 de Janeiro, em campo neutro.

A Rádio Nacional deu maior consistência à notícia, ao entrevistar o presidente da Federação Espanhola (Pablo Porta) e o seleccionador Miguel Muñoz, que colaboraram na brincadeira.

A emissora «Antena 3» noticiou que José Maria Ruiz Mateos, o fundador do grupo Rumasa (nacionalizado pelo Governo socialista) regressaria à tarde a Madrid, com importante número de documentos comprometedores para o executivo de Felipe Gonzalez.

Ruiz Mateos reside em Londres e não pode regressar a Espanha, onde tem um mandado de captura.

A Radiocadena informou ao princípio da manhã que a famosa Fonte de Cibeles, no centro da capital, estava a ser desmantelada por uma equipa de operários e que em seu lugar ia ser instalada uma estátua semelhante à da Liberdade, de Nova Iorque.

Desporto na RTP

A televisão portuguesa transmitirá todos os jogos do Campeonato da Europa de Futebol e dará nove horas diárias dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984. Quanto ao Europeu de futebol em França, de 12 a 27 de Junho próximo, no qual participa a equipa de Portugal, a RTP fará a cobertura de todos os 15 jogos, alguns dos quais em diferido por haver coincidência de horários. O calendário dos jogos será conhecido no dia 10 de Janeiro, em Paris.

Quanto aos Jogos Olímpicos de 29 de Julho a 13 de Agosto, a RTP dará diariamente e nos dois canais cerca de nove horas de transmissão na maioria em diferido, devido à diferença horária de oito horas para mais. No primeiro canal, das 15 às 19 horas e das 22 e 30 às 24 horas; o segundo canal encarregar-se-á de transmitir as imagens no período de três horas e meia entre aqueles dois horários.

A partir de 8 de Janeiro, o programa «Troféu» terá apresentação de Rui Tovar e Pedro Mariano, ficando o «Domingo Desportivo» entregue a Artur Agostinho e Orlando Dias Agudo.

MICROSCÓPIO

Ténis: portugueses no México

João Maio foi o único dos tenistas portugueses que conseguiu vencer na jornada de ontem do Torneio Mundial de Juniores, denominado «Taça Casablanca» e que está a decorrer na Cidade do México. Depois de ter afastado o venezuelano Piero Lagiota, João Maio derrotou o austríaco Oliver Bloner (6-1 e 6-0). Dos outros dois portugueses que se haviam qualificado para esta eliminatória, João Cintra (que derrotara o colombiano Jairo Aldama) foi quem deu mais réplica ao adversário, vencendo o primeiro «set» (por 6-4) mas acabou por ceder frente ao mexicano Ives Lemaitre, nos outros dois (6-3 e 6-3). Pedro Silva, que afastara o argentino Gerard Mirad, perdeu com o venezuelano Haarold Castillo (6-3 e 7-5). Fátima Santiago também foi afastada, ao perder com a hungara Andrea Ritexz (6-3 e 6-2).

assim vai o totobola

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 50 DE 31/12/83

Gazeta de Felgueiras: XX1 21X 111 1XX1; Correio de Coimbra: 11X 212 111 11X2; Correio do Vouga: 111 211 111 1111; Ecos do Cacia: 111 X11 211 12X1; Eu Sei Tudo: 111 X1X 111 11XX; Folha do Domingo: 11X 212 111 X121; Jornal da Beira: 11X 212 111 1121; O Jornal da Lixa: 11X 211 111 11X1; Jornal Linhas de Elvas: 1X1 X1X 111 111X; Maria da Fonte: 11X 21X 111 1X21; Notícias de Chaves: 111 21X 111 X1X1; Notícias de Felgueiras: X11 X11 111 1XXX; RDP/Secção Desportiva: XX1 2X1 11X X2X1; Jornal a Voz das Beiras: 111 111 111 1X21; RDP/Tempo de Desporto: 11X 212 X11 1X22; Música e Não Só: 111 212 111 1211; Jornal do Sul: 11X X11 111 1X22; RDP/Ponto de Encontro: 11X 212 X11 12XX; Bola Branca: 11X 21X 111 1XX1; O Jornal de Amarante: 111 111 111 11X1; RDP/Reportagens Exteriores: X11 X21 11X 111X; RDP/Clube da Manhã: 112 112 121 1122; RDP/Manhã Manhã: 11X 21X 1X1 11XX; RDP/Diatónico: 111 X11 X11 X21X; Gazeta das Caldas: X11 X1X XX1 1111; Notícias de Gouveia: 111 111 111 1X21; Jornal de Santo Tirso: 111 2XX 1X1 1112; Defesa de Espinho: 11X 211 X21 X12X; Cardeal Saraiva: 11X 21X 111 X122; Jornal a Defesa: X1X X1X 111 11X2; A Voz do Domingo: X1X XX1 11X 11X1; Penalti: X11 111 112 11X1; Manchete Desportiva: 11X 2X2 11X 1121; Jornal do Fundão: XXX XX2 1X1 X1X1; O Emigrante: 2X2 112 XX1 1212; Notícias de Évora: X11 X1X 111 112X; Notícias de Guimarães: 11X 212 111 1X21; Voz de Lamego: X12 111 111 1X22; Alvo Desportivo: X1X 1X1 111 X1X1; O Comércio de Leixões: 11X 112 1X1 112X; Estúdio 64: 211 112 1X1 1122; Jornal de Gaia: XXX X1X 111 X12X; Jornal da Graça: 112 X1X 11X 1121; Jornal de Notícias: 111 X1X 111 1XX1; O 1.º de Janeiro: X11 211 11X X221; Quadrante Norte: 112 X1X 121 1XX1; Rádio Alvo: XX2 XX1 X11 1X1X; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Rádio Sports: X1X 111 111 11X2; Repórter do Dia: 11X 211 111 1X21; Resenha Desportiva: X11 112 111 111X; A Voz dos Ridículos: 111 211 111 1111; Jornal a Voz do Ave: 111 111 11X XX1X; Jornal Vento Norte: 11X 11X 121 11XX; Alvo: 11X 11X X1X 1112.

RESULTADOS	1	X	2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2 a)
1 - VARZIM - BRAGA	36	17	2	8	3	1
2 - ESTORIL - ÁGUEDA	48	7	0	10	2	1
3 - SALGUEIROS - PORTIMONENSE	25	24	6	6	5	1
4 - P. FERREIRA - FARENSE	16	17	22	3	4	5
5 - BELENENSES - NACIONAL	47	7	1	9	2	1
6 - MONTIJO - LEIXÕES	23	18	14	5	4	3
7 - COVILHÃ - TORRIENSE	46	8	1	9	2	1
8 - BEIRA-MAR - VIZELA	44	7	4	9	2	1
9 - ASTON VILLA - QUEEN'S PARK	46	8	1	9	2	1
10 - ARSENAL - SOUTHAMPTON	44	11	0	9	3	1
11 - EVERTON - COVENTRY	33	15	7	7	3	2
12 - NOTTINGHAM - LIVERPOOL	14	21	20	3	5	4
13 - WEST HAM - TOTTENHAM	28	15	12	6	3	3

a) - Nos termos do Artº 14º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

111 211 111 11X1

Correio do Património: 'Subsídios para uma reflexão' publicados em Coimbra

«O património constitui a base identificadora, o suporte jurídico, histórico e cultural do homem e, consequentemente, do povo a que pertence, sustenta Mário Nunes, numa publicação intitulada «Subsídios para uma reflexão sobre o património cultural», publicada, este ano, em Coimbra.

Património, o que é?, interroga-se o autor, membro do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, com sede naquela cidade.

«Património igual a herança», responde, o que quer dizer «posse ou transmissão de qualquer espécie de bens, quer sejam materiais ou morais, que pertencem a alguém, a alguma instituição ou colectividade».

O autor propõe-nos, como consequência deste enunciado, a seguinte linha de reflexão:

«No caso vertente, herança ou património cultural está relacionada com cultura liga-se a civilização –, correspondendo civilização ao conjunto de formas de vida, de crenças, de realizações artesanais, técnicas e culturais, comuns a uma determinada comunidade humana.»

Nesta concepção lata, património ou herança cultural não poderão deixar de abranger e reflectir «os valores ou riquezas culturais pertencentes a uma sociedade humana, a um povo, devidamente identificado». E que, já se vê, «ajudam a interpretar e a compreender a história do homem, do seu povo, do seu país e, logicamente, do Mundo».

Depois de sustentar que «o homem não pode considerar-se nem tão rico, nem tão perdulário que deva deixar desaparecer essa herança, sem tudo tentar para que não se desvaneça e não se desvalorize», Mário Nunes traça uma breve resenha histórica do que foi a defesa e conservação do património cultural do nosso país, sem omitir uma indispensável referência bibliográfica, fundamental, neste tipo de trabalhos.

Os «Subsídios» foram editados como separata ao «Mundo da Arte» de Coimbra, podendo ser solicitados através do GAAC (Rua Rosa Falcão, n.º 9-1.º, Coimbra).

Boletim Cultural

Editado pela Assembleia Distrital de Lisboa, tem vindo a sair, regularmente, um «Boletim Cultural» dedicado aos temas do património, tradição artesanal e cultura, nomeadamente da região de Lisboa.

Os dois últimos publicados constituem o primeiro e segundo tomos relativos ao ano de 1981, atraso que poderá dar uma ideia das dificuldades que uma publicação desta natureza encontra para conhecer a luz do dia.

Naturalmente, este atraso «cronológico» não retira qualquer mérito, oportunidade ou interesse à publicação que fornece abundante – e por vezes exaustivo – material de trabalho e pesquisa.

O primeiro tomo de 1981, insere textos de José Meco («A azulejaria do Palácio da Independência»), Virgolino Jorge («Vitral medieval – história, técnica e estética), João Luís Cardoso («Descoberta de tijolos romanos com marca de oleiro em Lisboa»), Carlos Carvalho («Santo António e as alminhas populares»), Eduardo Mayone Dias («A presença portuguesa no Havai» e Maria Micaela Soares («Teatro rural» – Alfuguês – o Presépio»).

O segundo tomo prossegue com a publicação deste último trabalho, integrando, ainda, textois de Margarida Ribeiro sobre as ruas de Lisboa, Guilherme Felgueiras, sobre o comércio popular errante na capital e subúrbios, Marília Nunes, sobre o pintor seiscentista Bento Coelho da Silveira, André Pereira da Costa, sobre a dissolução do género romanesco nas «Viagens na minha terra» e poemas de Vitor-Luís Gaio.

O «Boletim Cultural» da Assembleia Distrital de Lisboa dirigido por Maria Micaela Soares, custa 150$00 e pode ser solicitado para a Rua José Estêvão 137-3.º 1100 Lisboa Codex.

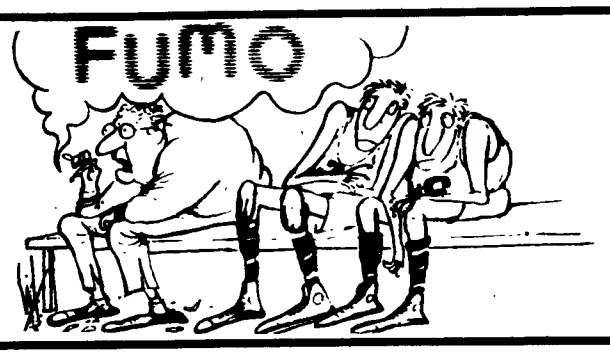
Carlos Pessoa

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

12

Continua



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Situação das orquestras portuguesas

Certamente por razões «culturais», a que não será alheia a forte implantação do SIARTE, «Sindicato das Artes e Espectáculos», no Parque Mayer, o Governo designou um representante dessa organização para o grupo de trabalho encarregado do estudo da situação em que se encontram as orquestras.

Percebe-se a identificação «cultural» deste Governo com o SIARTE, mas já não se entende que esse sindicato paralelo seja chamado para uma coisa com que não tem nada a ver: segundo o Sindicato dos Músicos, o SIARTE não representa **um único** membro das orquestras.

Recorde-se que na sequência das várias iniciativas desenvolvidas pelos músicos que compõem as Orquestras Portuguesas, lideradas pela única organização de classe que representa estes trabalhadores, o Sindicato dos Músicos, foi determinado, por despacho conjunto dos ministérios da Cultura, da Educação e do secretário de Estado-adjunto do ministro de Estado e por sugestão do Sindicato dos Músicos a criação de um grupo de trabalho, previamente acordado entre o representante do Ministério da Cultura e aquela Associação Sindical, com vista ao estudo da situação em que se encontram as orquestras e no prazo de 3 meses apresentar soluções para o problema.

Foi com grande surpresa que os músicos tomaram conhecimento da designação, à revelia do acordo anteriormente estabelecido, para o referido grupo de trabalho, de uma organização como o tal SIARTE, onde não há ninguém abrangido pelo assunto.

Assim, natural é que os músicos componentes das orquestras portuguesas, não reconhecendo qualquer legitimidade àquela organização para representar os seus interesses na resolução dos problemas das orquestras, nos tenham enviado um comunicado em que reiteram todo o apoio à sua legítima associação profissional — o Sindicato dos Músicos.

Ouro de Roberto Carlos

O LP «O amor é a moda» de Roberto Carlos já vendeu mais de 30 mil cópias em Portugal, alcançando um «disco de ouro» — anunciou terça-feira a editora do cantor brasileiro.

Este recorde foi atingido em apenas oito dias de vendas.

«O amor é a moda» foi gravado em três estúdios e lançado há duas semanas simultaneamente no Brasil e em Portugal e inclui dez faixas, seis das quais escritas pela dupla Roberto/Erasmo Carlos.

Disco de prata para Ana Faria

O segundo volume de «Brincando aos clássicos», de Ana Faria acaba de obter um «disco de prata» por vendas superiores a 15 mil exemplares — anunciou a editora da artista.

Tal como o primeiro volume, «Brincando aos clássicos (2)» é uma adaptação de temas clássicos com letras e arranjos de Ana Faria dedicada especialmente às crianças.

Inauguração em Almada do monumento a Fernão Mendes Pinto

A partir das 10 horas da manhã do dia 31 de Dezembro, Fernão Mendes Pinto volta ao Pragal. De lá saiu, para campa rasa em local ainda incerto no concelho, fez 400 anos no passado dia 8 de Julho, esse que foi um dos mais audaciosos viajantes portugueses e o autor de uma obra cimeira da literatura mundial, «A Peregrinação».

Agora, a municipalidade de Almada reintegra-o definitivamente no Pragal, em bronze de cinzel do mestre-escultor António Duarte, nesse Pragal onde viveu os últimos 21 anos da sua vida e onde escreveu a sua imortal obra.

Prevê-se para o acto a maior solenidade, quer pelas individualidades convidadas, quer pela presença das forças vivas do concelho, das corporações de bombeiros voluntários com as suas fanfarras, das colectividades de cultura e recreio, com as suas bandas, as suas bandeiras e pendões. Haverá solta de pombos e outras manifestações tradicionais das festividades populares.

Na véspera será feito o lançamento do livro «O Andarilho das Sete Partidas», obra teatral sobre Fernão Mendes Pinto, de um dos maiores nomes da dramaturgia moderna portuguesa, Romeu Correia, escritor profundamente ligado a Almada por nascimento e por afectividade. Este lançamento faz-se na Biblioteca Municipal, no dia 30, às 21.30 horas.

No mesmo local, no dia 31, às 16 horas, será feita a apresentação do livro «Fernão Mendes Pinto — Subsídios para a sua biobibliografia», de Alexandre Magno Flores, Reinaldo Varela Gomes e R.M. Pereira de Sousa.

Com estas cerimónias fica encerrado em Almada o ano comemorativo de Fernão Mendes Pinto que incluiu inúmeras manifestações, culturais, artísticas e pedagógicas.

"Calderón" de Pasolini pelo Teatro do Mundo

O próximo espectáculo do Teatro do Mundo será a peça «Calderón» de Pier Paolo Pasolini, encenada por Mário Feliciano. O elenco é composto por quinze actores. Os ensaios da peça encontram-se em fase adiantada. A estreia está prevista para o princípio do próximo ano.

O texto, cuja primeira edição italiana é de 1973, é um poema em forma de diálogo inspirado na tragédia grega. «Calderón», não se enquadra no teatro académico nem no teatro dito de vanguarda. Trata-se sobretudo de um teatro de ideias, sustentado por uma linguagem essencialmente poética.

O título refere-se explicitamente ao dramaturgo espanhol Calderón de la Barca, autor do drama seiscentista **Vida é Sonho** de que Pasolini recupera o tema e algumas personagens.

A acção da tragédia pasoliniana decorre na Espanha franquista nos anos de 1967 e 1968. O seu verdadeiro protagonista é a burguesia como classe, espelhada em duas personagens nucleares (Basílio e Rosaura) que simbolizam o poder burguês e a sua má consciência, respectivamente.

Focando a capacidade de adaptação histórica desse poder, «Calderón» apresenta a contestação dos jovens revolucionários de 68 (filhos da burguesia) como um conflito no interior da própria burguesia. O Poder serve-se do pensamento e das experiências de oposição burguesa de esquerda e dos movimentos revolucionários para se libertar das suas formas caducas. Essa capacidade de renovação provoca, no Poder, a dúplice progressão da sua própria consciência e dos riscos que corre ao renovar-se.

Visão — por certo pessimista e subjectiva — de Pasolini acerca da contestação juvenil dos anos 60, esta peça é uma meditação da burguesia sobre si própria, classe a que o autor assumidamente pertence. Tal como no quadro de Velásquez, «Las Meninas» — várias vezes referido no texto —, «o autor embora olhando de fora do quadro, está dentro dele».

companhia nacional de navegação e.p.

COMUNICADO

BOICOTE DO NAVIO "CAP FERRATO" (ex-FRIGOANTÁRTICO)

Desde o dia 5 do corrente, o navio frigorífico "CAP FERRATO" encontra-se imobilizado no porto de Gotemburgo por intervenção da ITF (International Transport Workers Federation), em acção concertada com alguns Sindicatos do Mar portugueses.
O boicote de que o navio está a ser objecto ocasionou já prejuízos à CNN no montante de cêrca de 30.000 contos, bem como todos os que resultam da eventual concretização do cancelamento do contrato de sub-afretamento previsto para um período de 7 anos e produziria uma receita anual de cêrca de 3 milhões de dólares. A estes prejuízos acrescem ainda as indemnizações pelas perdas de ordem comercial derivadas da paragem

O navio em causa (anteriormente denominado "FRIGOANTÁRTICO" foi vendido pela CNN, juntamente com o navio "FRIGOÁRTICO" (actualmente denominado "CAP FRIO"), no âmbito de uma operação tripartida que permitiu que a empresa participasse na sua exploração única e exclusivamente para manter a bordo tripulantes portugueses, garantindo assim cêrca de 100 postos de trabalho e assegurando para o País a entrada de divisas correspondentes às reparações e reclassificações das referidas unidades em estaleiros nacionais.
Os Sindicatos portugueses dos trabalhadores do Mar, alheios aparentemente às nossas preocupações pela manutenção dos postos de trabalho e aos interesses do País, não terão valorizado devidamente a referida operação. (E tudo têm feito para que aquelas considerações não prevaleçam face às estratégias internas dos dois grupos de Sindicatos que desde longa data existem no Sector).

Assim, já em Dezembro de 1982, o navio "FRIGOANTÁRTICO" fora boicotado em Helsínquia pela ITF, a pedido do outro grupo de Sindicatos portugueses que ao tempo era o elemento de ligação daquela organização no meio sindical português.
Para levantamento deste boicote, a CNN assinou em 16 de Dezembro de 1982 um compromisso de negociação, no prazo de 3 meses, com os Sindicatos portugueses, de condições de remuneração e outras a aplicar no navio em causa e depositou uma caução de USD 100 000, que veio a ser executada em 5 de Abril de 1983 por ordem da ITF, apesar de continuarem as negociações com os Sindicatos e de em 1 de Março ter sido posto em vigor um aumento salarial de 17%.

A CNN accionou judicialmente a ITF em Helsínquia, onde o processo corre os seus termos e suscitou a apresentação de uma queixa junto da OIT contra aquela Federação Sindical Internacional.
Em Março de 1983, surge ameaça de novo boicote ao mesmo navio, desta vez no porto de Gotemburgo. A CNN foi então obrigada a desviar a rota para o porto de Bremen e a suportar o custo do transporte da carga em camiões frigoríficos para o porto de destino. A operação implicou um dispêndio de DM 248.000 e CS 111.600.
Mas existirá o mínimo fundamento para o boicote, mesmo numa óptica estritamente sindical? Demonstraremos que não.
Dizem os Sindicatos que a medida se insere nas luta da ITF (em que estão filiados) contra os navios de "bandeira de conveniência". Ora:

— Sabem muito bem os Sindicatos que a "bandeira de conveniência" não é utilizada pela CNN, nem no navio em causa, nem em outros explorados em regime de "leasing", para a prática de condições ou relações laborais mais gravosas. Ela decorre apenas do facto de, por não serem os navios propriedade da CNN, deverem ser embandeirados em pavilhão à opção dos bancos financiadores (estrangeiros).

— Todos os tripulantes da CNN são abrangidos pelo CCT aplicável, pela legislação nacional e, para além de auferirem retribuições muito superiores à média das percebidas pelos restantes trabalhadores no âmbito nacional, como se prova pelo mapa a seguir, têm direito a diversas regalias não contempladas no chamado Contrato Colectivo ITF, tais como: **garantia de emprego permanente, inscrição na Segurança Social (o que para a CNN implica mensalmente um encargo de cêrca de 30.000 contos), complementos de pensão de reforma e de sobrevivência (só com estes paga a CNN mensalmente cêrca de 27.000 contos), direito de viagens a bordo para familiares, designadamente esposas, direito a gozar de descanso 20 dias por cada mês embarcado, seguros contra riscos, repatriamento imediato pelos motivos mais variados, etc., etc., etc.**.

RETRIBUIÇÃO EFECTIVA DOS TRIPULANTES DOS NAVIOS FRIGOS

CATEGORIAS / FUNÇÕES	REMUNERAÇÕES ILÍQUIDAS			Média
	Dez.º/82	Maio/83	Out.º/83	Mensal
COMANDANTE	151.533	151.108	176.614	159 751
IMEDIATO	138.324	121.019	137.448	132 262
2.º PILOTO	104.717	91.256	82.248	92 740
3.º PILOTO	87.959	76.667	96.346	86.990
CHEFE DE MÁQUINAS	141.153	133.562	153.486	142 733
1.º MAQUINISTA	146.567	95.456	137.567	126 530
2.º MAQUINISTA	97.669	106.592	108.724	104.328
3.º MAQUINISTA	94.085	90.547	98.280	94.304
RADIOTÉCNICO	100.846	220.415	125.346	148.869
CONTRAMESTRE	73.381	140.056	125.461	112.966
MARINHEIRO DE 1.ª	93.255	101.698	93.301	96.084
MARINHEIRO DE 2.ª	77.912	106.001	83.992	89.301
ELECTRICISTA	114.249	87.941	105.043	102.411
AJUDANTE MOTORISTA	97.709	116.926	106.194	106.943
CHEGADOR	90.081	116.233	93.933	100.082
COZINHEIRO	88.175	90.927	95.798	91.633
EMPREGADO CÂMARAS	67.522	71.069	81.404	73.331
		MÉDIA PONDERADA		104.371$

UNIDADE: ESCUDOS

É, pois, claramente falsa a afirmação dos Sindicatos, feita em conferência de imprensa, de que o salário médio dos tripulantes ronda os 27 contos mensais.
A CNN tem sempre considerado, no diálogo com os Sindicatos, mesmo antes do início do boicote em curso — tendo-o também, afirmado em comunicações feitas directamente à ITF — que as condições do actual regime laboral são superiores globalmente às que vigoram para os tripulantes em regime ITF (regime, repete-se, em que não há garantia de emprego permanente, não há familiares a bordo, não há os 20 dias de descanso, mas apenas 3 dias...)
Daqui resulta que a Empresa não teria nada a opor à aplicação integral do regime ITF que os Sindicatos portugueses e aquela Federação pretendem ver aplicado aos navios de "bandeira de conveniência", **desde que esse regime substituisse integralmente o actual estatuto dos trabalhadores permanentes da Empresa.**
Isso acabou por ser proposto aos Sindicatos portugueses, com esse exacto significado.
À proposta apresentada, responderam os Sindicatos com acusações ao CG de "irresponsáveis". mas recusaram-se a aceitá-la formalmente. Isso só prova que os próprios Sindicatos sabem que o actual regime laboral é de facto mais favorável, se bem que com tabelas salariais mais baixas para a maioria das categorias, do que as do regime ITF.
Aliás, foi um dos Sindicatos portugueses, presentemente envolvido no boicote, que há um ano, por ocasião do anterior boicote, (antes, pois, de a Empresa ter procedido ao aumento de 17% das tabelas) enviou em telex para o Inspector da ITF em Helsínquia, do qual tomamos a liberdade de reproduzir a parte que mais interessa.

"Acontece que o contrato que se aplica aos tripulantes do "FRIGOANTÁRTICO" é mais favorável que o da ITF, pois contempla regalias sociais que poucos países possuem nos seus Contratos, assim como os próprios mínimos são cumpridos em relação às tabelas salariais. Mais vos poderemos dizer que decorrem neste momento e nesta data negociações com a Empresa CNN para novas tabelas salariais a aplicar a toda a frota daquela Empresa armadora. Mais vos comunicamos que já alertamos a ITF desta situação, a qual está já ao corrente.
Como tal, achamos que o navio "FRIGOANTÁRTICO" não deverá ser boicotado."

É também de estranhar que os Sindicatos em causa não tenham em conta a oposição frontal e unânime que os tripulantes do navio boicotado, em total liberdade, assumiram no presente caso, ao assinarem, em 15 do corrente, um manifesto do seguinte teor, com assinaturas reconhecidas no consulado português de Gotemburgo:

"Para informação de quem estiver envolvido e/ou interessado, declara-se que a tripulação deste navio está disposta a sair com este do porto de Gotemburgo, assim que o Capitão ordenar, bem como cumprir diligentemente todas as tarefas necessárias para tal.
Este manifesto deverá somente ser usado para este efeito e como prova do acima referido seguem-se as assinaturas de todos os tripulantes."

O Conselho de Gerência teme que, tendo em conta a situação financeira da Empresa o desfecho de acções deste tipo inviabilize em definitivo a CNN, aumentando inevitavelmente o desemprego, até porque neste e noutros processos tem-se pautado, aliás de acordo com orientações da Tutela pelos seguintes princípios:

- salvaguarda do interesse nacional
- defesa internacional do prestígio do País
- adequada salvaguarda de postos de trabalho, mesmo à custa de condições de remuneração menos favoráveis do que as que poderiam prevalecer num contexto de contracção de emprego
- viabilização da CNN

Finalmente, e para que não restem dúvidas quanto à forma como as partes envolvidas se comportaram neste processo, remetemos para os Órgãos da Comunicação Social um dossier com as peças relevantes do mesmo.

Lisboa, 28/Dezembro/1983

O Conselho de Gerência

Cinemateca: salvaguarda e recuperação de filmes

A Cinemateca prosseguiu nos últimos meses o seu programa de recuperação e tiragem de novas cópias, em suporte de acetato, de longas-metragens, documentários e filmes de animação.

As longas-metragens «Pureza», «24 Horas de Sonho» e «A Rosa do Adro» de Chianca de Garcia, e «Cameo Kirby» («Dama, Valete e Rei») de John Ford puderam ser recuperadas graças à colaboração dos estúdios Cinédia, do Rio de Janeiro, e às Cinematecas do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.

Em Portugal, a Cinemateca recuperou os filmes «Fátima Milagrosa», de Rino Lupo, e «Um Homem às Direitas», de Jorge Brum do Canto, que se consideravam perdidos.

No programa de salvaguarda do património fílmico nacional foram igualmente recuperados dezenas de documentários, designadamente alguns realizados por António Lopes Ribeiro nos anos 30 e 40, diversas curtas-metragens de actualidades dos anos 20 e 30 e, entre os filmes mais recentes, um documentário de Ricardo Malheiro sobre Ouro Preto. Parte deste material está a ser estudado para aproveitamento posterior em programas de ensino.

A Cinemateca prepara actualmente a tiragem de novas cópias, em suporte de acetato, do filme «José do Telhado», de Rino Lupo, oferecido pelo Cineclube do Porto para depósito nos seus cofres, e de filmes primitivos portugueses do fim do século XIX.

Os Rolling Stones não fizeram espectáculos, mas o vídeo de lançamento do seu último álbum «Undercover of the night» foi considerado «demasiado violento» pela BBC

David Bowie foi o grande nome rock de 1983. Após seis anos de ausência, Bowie conquistou este ano audiências record, tanto em espectáculos, como com o seu último disco «Let's Dance»

"O ano do rock": continuação dos valores confirmados

Pega-se nas mesmas vedetas e recomeça-se: poderá ser resumido desta maneira, no que diz respeito ao rock, o balanço geral de 1983, um ano em que se verificou o regresso de «estrelas» confirmadas, como os Police, os Rolling Stones ou David Bowie, e a confirmação de um jovem veterano, o cantor negro americano Michael Jackson.

Longe de ter sido agitado por uma vaga de fundo semelhante ao movimento «punk» de 1977, e nem mesmo levemente espicaçado por minivagas como as modas «ska», «neo-romântica» ou «pirata» que se seguiram, 1983 viu o regresso da tradição.

A aceleração das modas, que abrevia cada vez mais a carreira dos artistas, incitou o público a tornar a voltar-se para os «valores seguros».

Assim, 1983 foi assinalado, sem contestação, pela marca de David Bowie. Depois de uma ausência de seis anos, Bowie iniciou a mais longa digressão da sua carreira. E também a mais lucrativa.

Bowie tocou um pouco por todo o lado – com excepção dos países de Leste –, desde os Estados Unidos até ao Extremo Oriente, passando pela Europa, perante audiências recorde: mais de 90 mil espectadores em dois concertos dados em Paris, meia dúzia de espectáculos em Londres. O seu último álbum, «Let's Dance», aliado a um papel notado no filme «Furyo», de Nagisa Oshima, fizeram dele um verdadeiro artista para o «grande público», quando a sua popularidade se tinha limitado a uma franja do público «seguidor».

O trio anglo-americano Police, com o seu quinto LP, «Synchronicity» (três milhões de exemplares nos EUA) – uma obra cujo sucesso é no entanto mais difícil que as anteriores –, passou a ter lugar, definitivamente, no firmamento das vedetas rock. Os Police, subtil equilíbrio entre três individualidades, à imagem – guardando-se as devidas distâncias – dos Beatles na sua época, atinjem largas camadas, desde o estudante à «menina-bem», passando pelo adolescente e pelo quadro «bem comportado».

Michael Jackson: o grande triunfador

Os Rolling Stones, duramente criticados pela geração «punk» em 1977, depois da sua digressão monstra de 1982, não deram concertos este ano. Contudo, deixaram a sua marca, ao publicar um álbum, «Undercover of The Night», em relação ao qual a crítica deu provas de uma relativa clemência.

Cúmulo da ironia, enquanto o ex-Sex-Pistol Johnny Rotten já não espanta ninguém, os «velhos Stones» ainda conseguiram provocar um pequeno escândalo, com o vídeo do seu 45 rotações «Undercover», que foi considerado «demasiado violento» pela venerável BBC.

Mas o grande triunfador do ano foi, sem sombra de dúvidas, Michael Jackson. De 25 anos de idade, Michael não é um recém-chegado às lides da música. Juntamente com os irmãos – no seio dos «Jackson Five» e, depois, dos «Jacksons» – alinhou, desde 1968, numa boa vintena de «hits». A solo, a sua carreira ganhou este ano uma embalagem sem precedentes.

«Thriller», o seu último álbum, vendeu 16 milhões de exemplares em todo o mundo. Michael Jackson alcançou os «máximos dos máximos» atingidos, antes dele, por Simon and Garfunkel, Peter Framoton e Fleetwood Mac. Foram extraídos do «LP» cinco 45 rotações que chegaram, todos eles, ao famoso «Top 10» americano.

Última façanha: nos Estados Unidos, Michael Jackson conseguiu «rebentar» a barreira racial e é agora tão popular junto do público branco como no seio da audiência negra, o que não é nada fácil quando se sabe como os dois mercados são tradicionalmente «fechados».

Video lança grupos

No que diz respeito aos meios de comunicação, os Estados Unidos viram o aparecimento da cadeia «MTV» («Music Television»), que transmite videos de música durante 24 horas por dia. Numerosos grupos saíram da sombra graças a esta nova tribuna.

Foi o caso dos ingleses Duran Duran, Eurythmics, «Culture Club» e – em menor medida – do conjunto de «hard-rock» britânico Def Leppard (que vendeu 5 milhões de exemplares de «Pyromania», o seu último 33 rotações).

O video parece ter-se tornado obrigatório para qualquer artista que queira «agarrar» um público novo. Último convertido: Bob Dylan, autor de um «regresso» tardio, com «Infidels», um disco no qual renega três anos de fé cristã.

A novidade poderia vir da Austrália, cujo «rock» está prestes a tornar-se tão «famoso» como o cinema. Depois de AC/DC, um dos grandes grupos de «hard rock» da altura, desapareceram formações tão fiversas como os Men At Work (grande público), Mental as Anything, In X.S., Midnight Oil, Divinyls.

Contributo britânico e francês

As Ilhas Britânicas, «berço» do «rock» tradicional, têm a sua quota-parte de esperanças, com os U.2, irlandeses já confirmados, ou ainda com os Big Country, autores de um primeiro «LP» muito notado. Nos Estados Unidos, a renovação talvez possa vir de uma formação como R.E.M., um grupo de Atenas (Georgia) que seduziu o público parisiense no último Outono.

Em França, onde o «rock» continua a ser uma noção ainda imprecisa, os Telephone continuam à frente. O seu último longa duração, «Dure Limite», transpôs a barreira dos 750 mil exemplares.

Atrás deles, os outros conjuntos esfalfam-se. O grupo de «hard rock» Trust parece marcar passo. Formações tão talentosas como os Dogs, talvez demasiado sofisticados, não conseguem impor-se.

Situando-se nas «meias-tintas», entre o «rock» e a canção ligeira, Jacques Higelin põe toda a gente de acordo, reinando como um rei. No dia 13 de Janeiro, terá «aguentado» quatro meses consecutivos no Casino de Paris e cantado para 150 mil espectadores, enterrando definitivamente Tino Rossi, que tinha actuado no mesmo casino dois meses seguidos.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
ÚLTIMOS DIAS
HOJE E AMANHÃ ÀS 21.15
"LONGA VIAGEM PARA A NOITE"
EUGENE O'NEILL • prémio PULITZER 1956 • prémio NOBEL 1936
encenação de Jacinto Ramos
Distribuição
(por ordem de entrada em cena)
ROGÉRIO PAULO _____ TYRONE
LYGIA TELLES _____ MARY
MÁRIO PEREIRA _____ JIMMY
CARLOS DANIEL _____ EDMUND
LUZ FRANCO _____ CATLEEN
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

FESTA DE FIM DE ANO
31 DEZEMBRO
às 21,30h
1383
de VIRGÍLIO MARTINHO
encenação JOAQUIM BENITE
CANTO e CASTRO • HENRIQUETA MAYA • ANTÓNIO ASSUNÇÃO
JOSÉ MARTINS — FERNANDO LOURO — TERESA GAFEIRA
o melhor SHOW de sempre!
HERMAN JOSÉ CARLOS MENDES
ANTÓNIO VICTORINO DE ALMEIDA
CARLOS PAREDES • PEDRO OSÓRIO • SAMUEL
JOAQUIM PESSOA • ESMERALDA AMOEDO
JOÃO FERNANDO e LUÍSA BASTO
MARIA AMÉLIA PROENÇA • FRANCISCO NAIA
CHICO GERALDO • CARLOS PAULO
MIGUEL SILVA • JOSÉ FARIA E COMP.a
CONJUNTO ÁGUA DURA
A Actriz Brasileira MARIA BARRETO LEITE
o conjunto cabo-verdeano CRETCHEU
MAIS DE UMA CENTENA DE PRÉMIOS
15 dias na União Soviética no 1.º de Maio (Moscovo, Leninegrado, Kiev e Minsk) — Viagem a Londres para 3 pessoa Fim de Semana no Algarve para 2 pessoas — Jogo de Maples Gravador e muitos outros — Colaboração especial da Associação Portugal-URSS — AGÊNCIA ABREU — BEPALIZ MÓVEIS SAUL LOPES
SERVIÇO DE CEIAS
GRUPO DE CAMPOLIDE (COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA)
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE—TEL. 2752175-2756567

DE NOVO EM CENA O GRANDE ÊXITO DE 83!
COMUNA
sexta e sabado às 21,30h
2 SALAS
2 ESPECTACULOS!
O MESMO GRUPO
a CASTRO
11 MESES DE LOTAÇÕES ESGOTADAS
ABEL NEVES • ABILIO APOLINARIO
ALEXANDRE MELO • ALEXANDRE
SOUSA • AMELIA VIDEIRA • CAR
LOS DELGADO • CARLOS PAULO •
CARMEN MARQUES • CONCEIÇÃO
CABRITA • JOAO MOTA • JORGE
COSTA • JORGE LOUREIRO • LI
DIA FRANCO • LUZIA PARAMES •
MARQUES AREDE • PAULO FERREIR
COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA • T. 72 08 18
SUBSIDIO M.C.

de novo o CAFE-Teatro
COMU-NA
SEXTAS
SABADOS
AS 23,30 H
QUERO o meu VITOR a CORES
COREOGRAFIA • FERNANDO LIMA
TEXTO CARLOS PAULO
MUSICA ED. P. MAMEDE
ENCENAÇÃO JOAO MOTA
AO PIANO • SERGIO ANTONIO
0.º ESPECTACULO DE CORPO PRESENTE!
2.º MES
PASSAGEM DE ANO 83-84
LOTAÇÃO ESGOTADA
MUSICA P/DANÇAR ★ MARCAÇÕES TEL. 72 08 18 ★ SERVIÇO BAR

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Isto é um País ou uma anedota?

Telejornal, pivotado pelo cicccccciar ssssssisudo e gesssssticulado num imitançççççço indeccccccente de Pinto Coelho, masssss que nem sssssequer fazzzz ssssorrir (ui, já não aguento!) durou apenas até ao minuto 18. Será falta de notícias? Ou haverá notícias, sim, mas incómodas, indigestas, inssss, desculpem!, insalubres?...

O principal bloco informativo da RTP atravessa um dos piores momentos do seu já longo cadastro. A bronca, presa por cordelinhos, já demora. O escândalo, esse, é por de mais visível.

Dos 18 minutos, os seis primeiros foram ocupados com a doença de Andropov (comovente, a preocupação do telejornal pela saúde do dirigente soviético!) com a explosão de gás nos Estados Unidos, com a favela soterrada no Rio de Janeiro, com a tomada de posse do governo japonês, com o despedimento de 15 400 operários numa fábrica americana (sim?, e então os tais direitos humanos?) e ainda com a ameaça feita pelos Estados Unidos de abandonarem a UNESCO com o argumento de que aquela organização da ONU defende o comunismo!!!

Ficamos assim a saber a origem da mania da perseguição de que sofrem determinados dirigentes políticos no nosso país. Vamos lá a saber, ó meus meninos. Vocês não dizem que os comunistas são umas pestes, que a União Soviética é bera comá ferrugem, que o socialismo não vale nada e que o «mundo livre» é que é mesmo good, goodíssimo, goodérrimo? De que é que vocês têm medo, cambada? Deixem-nos lá, qualquer dia eles descobrem que o capitalismo é bestial, avançam com ele e logo na primeira volta, zás!, para tomarem o gosto ao desemprego (ai é tão bom, tão bom, tem um saborzinho a hortelã-pimenta mas também há com outros aromas) despedem não apenas 15 400 (pffff!) como fez a **United State Steel,** mas 150 mil, ou ainda mais...

Voltando ao telejornal, a primeira notícia cá do jardim à beira-mar plantado dizia respeito à TAP. Antes de ontem, a RTP garantia que a greve em nada afectaria a transportadora, em nítida manobra de desmobilização. Que, pelos modos, não surtiu efeito...

O trabalhador do SITAVA, António Monteiro, em depoimento ao telejornal informou a audiência que os directores da TAP tinham sido aumentados em **cem contos** por mês!

Soubemos depois que a TAP não desmente o trabalhador, mas que tais aumentos (diz ela) são vulgares até em companhias em pior situação financeira do que a TAP...

O escândalo aumenta de ressonância. Veja-se: não há dinheiro para pagar os salários a trabalhadores chefes de família – mas há para aumentar em **100 contos** mensais (!) uma data de pessoal da pesada política! Então isto é um país ou é um carnaval!

Para quem lê imprensa honrada, a notícia não era novidade. Mas o telejornal calava-se. O Telejornal é um barco imenso carregado de fretes, de calúnias e de silêncios.

Ora bem. Desgostoso com o telejornal e com o filme destacado para o servicinho das quartas-feiras, resolvi passar-me para o segundo canal, não sem antes ter escutado os tempos de antena entre os quais o do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público. Assim: **o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, representando 84 por cento da classe, protesta contra o facto de dispor em 1983 de apenas 10 segundos para apresentar os seus problemas e anseios dos sócios».**

De facto, estes célebres dez segundos são de molde a transformar um direito democrático – numa anedota. Em qualquer coisa de grotesco. Para dizer o que disse aquele sindicato, há que falar à velocidade de 240 palavras por minuto!

Mesmo assim, o Sindicato dos Magistrados utilizou **apenas** 9 segundos e 51 centésimos de segundo. Os 49 centésimos de segundo restantes ainda chegavam para dizer mais uma palavra. Uma só. A palavra certa. Eu sei que se trata de um Sindicato, enfim, com certos limites. Fossem cá os meus camaradas metalúrgicos a ver se não a diziam...

Pois no segundo canal corria um documentário sobre a guerra do Vietname, a quem eu chamaria a guerra dos dez mil nojos, das dez mil infâmias, dos dez mil infernos – mas a quem os americanos, púdica e burocraticamente, chamam – a guerra dos dez mil dias...

Trata-se de um documentario, não, mas de uma falsificação. Os vietnamitas são uns mauzões, os franceses uns tontinhos, os americanos os maiores para quem tudo se justifica, quando se trata de atacar os vermelhos.

No entanto, por vezes, o tiro sai pela culatra. Assim, na emissão de ontem, ficou bem clara a responsabilidade dos americanos no desencadear e no fluir da tragédia. O chefe da CIA, o Colby, o embaixador Cabot Lodge contam como foi tudo com a maior das naturalidades. O jogo, de tão maquiavélico, dava uma excelente peça de teatro.

Como por acaso, aparece um elemento revelador. Kennedy intuiu o horror que se aproximava. Estava profundamente abalado. Esperava-se que ele tomasse uma decisão sobre a não participação dos Estados Unidos num conflito onde perderam a honra, mas onde os produtores de armas (e outros interessados) ganharam biliões de dólares.

Foi morto pouco depois.

Hoje

Intitula-se «Jennifer» o episódio desta noite, na RTP-1, da série policial «Devlin Connection»

15.30 **Sessão da Tarde** – «Ao Sabor do Vento».
17.15 **100 Grandes Quadros** – «Nocturno em Negro e Ouro».
17.25 **Os Grandes Clássicos** – «Paquita».
18.00 **Sumário**
18.05 **Janela Mágica** – «Candy, Candy», canta connosco, Coral da Cruz Quebrada e ilusionismo.
19.00 **Teleregiões**
19.30 **Memória dum Povo** – poetas populares.
20.00 **Telejornal**
20.30 **Direito de Antena**
20.45 **Telenovela** – «Vai Herói».
21.40 **«Devlin Connection»**
22.30 **Panorama** – o problema do avião sul-coreano abatido pela Força Aérea da URSS, à luz do relatório recentemente publicado.
23.25 **Últimas Notícias**

Em homenagem a Wagner, na RTP-2, representa-se o 3.º acto da ópera «A Valquíria»

RTP

19.32 **Desenhos Animados** – «Ding Dog».
20.00 **Telejornal**
20.30 **RTP/Brasil**
21.00 **Animação** – «Missão no Espaço».
21.30 **... Da Música** – homenagem a Wagner. «A Valquíria» (3.º acto).
22.50 **Telenovela** – «Gabriela».
23.20 **Último Jornal**

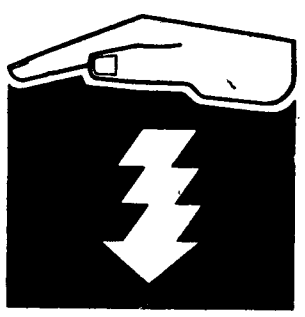
Amanhã

RTP

12.00: Meio-Dia; **13.30**: Actas Cinematográficas; **14.00**: Rockline; **15.00**: «E não Se Pode Exterminá-lo?»; **15.30**: Mosaico; **17.15**: Bailado – «O Pássaro Azul»; **18.00**: Sumário; **18.10**: Janela Mágica; **19.00**: Teleregiões; **19.30**: Concurso «O Caminho da Glória»; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Direito de Antena – PS; **20.45**: «Pai Herói»; **21.30**: Viva a Cultura; **22.00**: Aplauso – Rita Lee, o circo; **23.00**: Últimas Notícias.

RTP

19.30: Desenhos Animados; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Conheça Melhor; **21.00**: Clube de Jazz; **22.00**: «Paris Saint-Lazare»; **23.00**: «Gabriela»; **23.30**: Último Jornal.



POUPE ELECTRICIDADE

CARRO ROUBADO
TOYOTA AZUL ACINZENTADO
FZ-61-15
Dia 24 de Dezembro, noite, da R. dos Eucaliptos — Laranjeiro. Agradece-se informações pelo telef. 2200832.

EL INTERNATIONAL
ELECTRO LUMINOSA, LDA.
R. ANT. PEREIRA CARRILHO, 30
1000 LISBOA-1

DE 3 A 8 DE JANEIRO ESTAMOS FECHADOS

FAZEMOS «BALANÇO» MAS NO DIA 9 JÁ O PODEMOS RECEBER

VENHA VISITAR-NOS

ENTRE A VIDA E A MORTE O SANGUE PODE DECIDIR

ENSINE O SEU FILHO
Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua

PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA

HOTEL LONDRES
★★★
NA ROLETA DO ESTORIL, HOTEL LONDRES A SORTE DA SUA ESCOLHA!
REVEILLON 83/84
Informações e Reservas:
Av. Fausto Figueiredo, 17 — 2765 ESTORIL
Telefone 268 42 45 Telex 14851

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA

ANÚNCIO

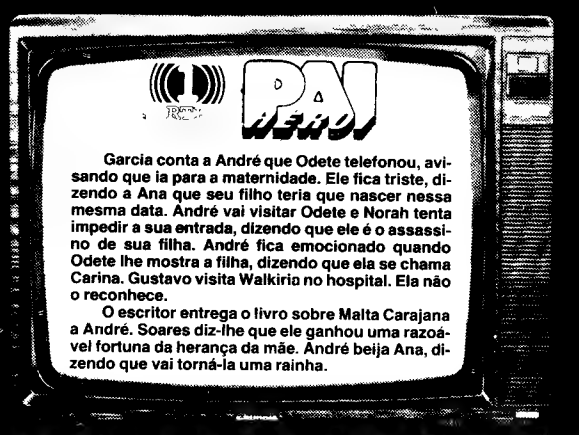
No dia 2 de Fevereiro de 1984 às 9.30 horas no Tribunal Judicial desta comarca de Vila Franca de Xira, na carta precatória n.º 375/83 do 2.º Juizo — 2.ª Secção, vinda da 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Santo Tirso e extraída dos autos de Execução Ordinária n º 706/81 em que é exequente Figueiredo & Maia Ld.ª e executada Cintidial — Fábrica de cintas e confecções Ld.ª, com sede em Castanheira do Ribatejo – Vila Franca de Xira, há-de ser posto em praça para se arrematar ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo um tear cambei de malha lisa

Vila Franca de Xira, 21/12/83
O Juíz de Direito
Henrique Manuel Antunes Figueiredo de Andrade
O Escrivao Adjunto
António Barros Soares

D.L — 29/12/83 — Pub.

COMPLETE OU ADQUIRA
A SUA ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA «VERBO» (20 VOLUMES) PAGANDO EM PRESTAÇÕES ACESSÍVEIS
TELEFONES: 54 58 55 ou 243 59 12. OU ENTÃO ESCREVA UM SIMPLES POSTAL AO APARTADO 2938 1100 LISBOA CODEX

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...
«Devlin Connection» (21.40)
Homenagem a Wagner (21.30)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

O Departamento de Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto Alemão de Lisboa, e do Deutscher Musikrat, organizou um Seminário de Crítica Musical. Esse Seminário será orientado pelo prof. Hanz Heinz Stuckenschmidt, um dos críticos musicais alemães de maior renome, autor da grande biografia de Arnold Schonberg, livro traduzido em várias linguas, e de numerosas obras sobre os maiores compositores e a música do nosso século.

O Seminário de Crítica Musical vai ser orientado sob a forma de sessões de trabalho, tendo por base sobretudo os concertos que se realizam na Fundação Gulbenkian entre 8 e 13 de Janeiro, e terá lugar neste período, destinando-se principalmente a quem projecte vir a dedicar-se ao estudo e à prática das Ciências Musicais.

As inscrições, gratuitas e em número limitado, devem ser dirigidas ao Departamento de Ciências Musicais, Avenida de Berna 24, 1000 Lisboa, até ao próximo dia 31 de Dezembro.

Livros

Na colecção da Biblioteca Breve, promovida e editada pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, saíram mais dois volumes: o n.º 74, «Novas Coordenadas no Romance Português», por Roxana Eminescu (Série Literatura), e o n.º 82, «Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa» (também na Série Literatura).

Fim-do-ano no Grupo de Campolide

A festa de Fim-de-ano do Grupo de Campolide, já com tradições, promete este ano ser ainda melhor que os outros. Do programa consta, a antestreia em Almada de «1383», um show com grandes nomes, um leilão de obras de alguns dos nosso, maiores artistas plásticos, e um enorme sorteio de prémios entre os assistentes.

A primeira parte da festa é preenchida com «1383», a peça de Virgílio Martinho, baseada nas Crónicas de Fernão Lopes, com encenação de Joaquim Benite, e interpretada por Canto e Castro, Henriqueta Maya, António Assunção, José Martins, Fernando Louro, Teresa Gafeira, entre outros.

Para o show, conta já o Campolide com a presença garantida de Herman José, Carlos Mendes, António Victorino de Almeida, Carlos Paredes, Pedro Osório, Samuel, Joaquim Pessoa, Esmeralda Amoedo, João Fernando, Luísa Basto, Maria Amélia Proença, Francisco Naia, Chico Geraldo, Carlos Paulo, Miguel Silva, José Faria e Companhia, Conjunto Água Dura, a actriz brasileira Maria Barreto Leite e o conjunto cabo-verdiano Cretcheu.

O leilão de obras de arte, conta com a solidariedade de Cargaleiro, Rogério do Amaral, Lagoa Henriques, Carlos Amado, Eduardo Nery, Armando Alves, José Rodrigues, Rogério Ribeiro, Hogan, Virgílio Domingues, Isabel Laginhas, Francisco Simões, Margarida Tengarrinha e Manuel Jorge.

Entre todos os assistentes serão sorteados centenas de prémios, entre os quais, 15 dias na União Soviética (Moscovo, Leninegrado, Kiev e Minsk) por ocasião do 1.º de Maio; uma viagem a Londres para duas pessoas; uma viagem a Londres para uma pessoa; um fim-de-semana no Algarve para 2 pessoas, electrodomésticos, discos, livros, perfumarias, etc.

O Grupo de Campolide assegura ainda que está a preparar um óptimo serviço de ceias, para quem tiver fome a meio da noite. É que a festa, por tradição dura até de manhã.

Gravura de José de Almeida, em exposição na Galeria Quadrum

Exposições

Na Galeria Quadrum (Rua Alberto de Oliveira, Coruchéus, Alvalade), está patente ao público uma exposição didáctica, resultado de três cursos de gravura, orientados pelo gravador David d'Almeida que têm vindo a funcionar no atelier da galeria. A mostra poderá ser visitada todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19 horas (excepto aos domingos) e aos sábados das 15 às 19, até ao próximo dia 20 de Janeiro.

Bartolomeu dos Santos e David Leverett expõem pintura, serigrafia e gravura na Galeria 111, ao Campo Grande. Ambos os artistas são professores da Slade School de Londres.

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	100$50	106$50
ALEMANHA FED (marco)	47$55	48$65
ÁUSTRIA (xelim)	6$65	6$85
BÉLGICA (franco)	2$164	2$364
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	105$20	107$20
(notas de 5 a 1000)	105$70	107$70
DINAMARCA (coroa)	13$10	13$50
ESPANHA (peseta)	$791	$911
EUA (dólar –notas de 1 as 2)	131$10	133$10
(notas de 5 a 1000)	131$60	133$60
FINLÂNDIA (marka)	22$30	22$90
FRANÇA (franco)	15$55	16$25
HOLANDA (florim)	42$20	43$20
INGLATERRA (libra)	188$45	192$45
IRLANDA (libra)	148$30	152$30
ITÁLIA (lira)	$071	$081
JAPÃO (iene)	$533	$568
NORUEGA (coroa)	16$85	17$35
SUÉCIA (coroa)	16$25	16$85
SUIÇA (franco)	59$80	60$90
VENEZUELA (bolívar)	8$00	9$00

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Viva a noite – Antena 1 no Casino Estoril; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalaras às **16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00** horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **17.00**: Tempo de bailado; **17.40**: «Concerto Patético», em mi menor, de Liszt; **18.05**: Culturando; **19.30**: Cancioneiro popular português; **20.10**: Intérpretes portugueses; **21.00**: Concertos; **22.00**: Música de câmara; **22.50**: Música; **23.00**: Ciclo Wagner; **00.35**: Música de câmara; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.50**: Bola branca (2.ª edição); **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Ouvir e pensar; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

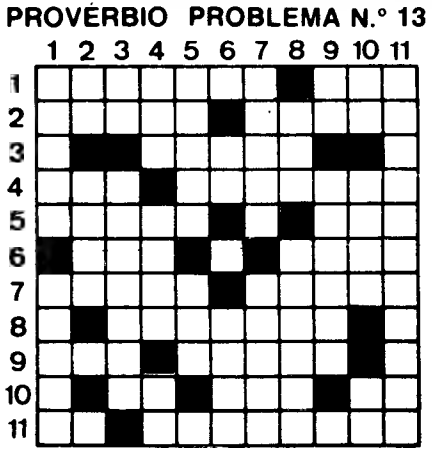
Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 920



HORIZONTAIS:

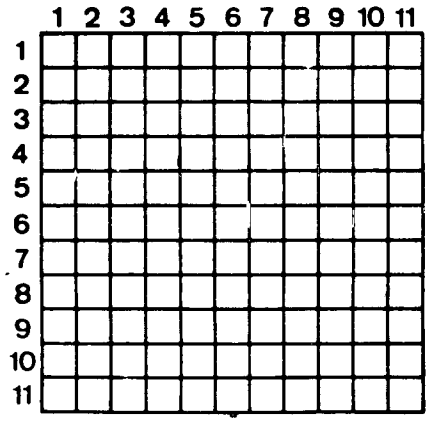
1 Nome de frutos. Freguesia do concelho de Vimioso.
2 Aldeia de Indios. Arejar.
3 Prova de que o réu não estava no lugar do crime na hora em que foi cometido.
4 Freguesia do concelho de Penafiel. Tira.
5 Localidade. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
6 Chefe etíope. Depois de Cristo.
7 Percorre. Adeja.
8 Vila e sede de concelho (Viseu).
9 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Estratagemas.
10 Antiga unidade monetária da Alemanha. Arara. Gálio (s.q).
11 Preposição latina que designa movimento. Queimassem.

VERTICAIS:

1 Vasilha de aduela de grande lotação. Assenta.
2 Antes de Cristo. Afiança.
3 Miriare. Causar agastamento.
4 Pedra de altar. Queimo. Ruim.
5 Consumir (fig). Nome de mulher.
6 Caminhar. Doutoras.
7 Acerca de. Calhau.
8 Esteiro. Nome de flores.
9 Interjeição que exprime admiração (Bras). Pintor ateniense autor de Descida aos Infernos
10 Vossa Alteza. Cobalto (s.q). Germânio (s.q).
11 Puxariam à força.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º



HORIZONTAIS:

1 Cidade de Portugal. Termina.
2 Adicionas. Marcar o peso da tara em.
3 Cloro (s.q). Faz serão. Rénio (s.q).
4 Após. Arara.
5 A ponta das vergas. Bário (s.q). Preposição.
6 Nome de mulher. Cubras de barro.
7 Cidade de Itália. Clima.
8 Mulata nova (Bras).
9 Nata. Onda.
10 Atravessa. Aterrar (fig).
11 O sono das crianças. Arpoa. Anel

VERTICAIS:

1 Trepara. Rio de Itália.
2 Virado. Calote.
3 Grande ribeira da Ásia Russa. Escarneçam. Reis.
4 Medes com rasa. Inflamada.
5 Guarneças de asas. Gostar muito de.
6 Bário (s.q). Berilo (s.q).
7 Atascar. Vossa Alteza.
8 Designação genérica das plantas herbáceas. Freguesia do concelho de Castelo de Paiva.
9 Atmosfera. Cingira.
10 Apelido. Mãe de Ismael.
11 Limpar com areia. Anel.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 919

HORIZONTAIS:

1 O. TRABALHO.
2 Cariz. Fia.
3 Amália. Mime.
4 Sob. AAA.
5 Algoz. Cl.
6 Oil. Adiar
7 Hg. Ialu.
8 Amorna. Arad.
9 Isaura. Anã.
10 Dá. VA. Bei.
11 Arrastais.

VERTICAIS:

1 Ocasiona. DÁ.
2 Amo. Miar.
3 Trabalhos.
4 Ril. Grava.
5 Aziaga. Nuas.
6 A. Odiar.
7 Fa. Azia. Aba.
8 Lima. Ala. IE.
9 Haia. Rurais.
10 An.
11 FELICIDADE.

PROVÉRBIO: O trabalho dá a felicidade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9771

HORIZONTAIS:

1 Vigo. Caisse.
2 Aros. Armais.
3 Dr. Ab. Ror.
4 Ia. Cama. Dai.
5 Adiaras.
6 Sio. Anda.
7 Adão. Aah.
8 Ária. Saco.
9 Invadir. As.
10 Voaras. Aer.
11 Assas. Mor.

VERTICAIS:

1 Vadias. Diva.
2 Irradia. Nós.
3 Gó. Iodavas.
4 Osaca. Arara.
5 Bar. Sadio.
6 Ca. Mas. Ais.
7 Arrás.
8 Imo. Aas.
9 Sardenha. Em.
10 Si. Caro.
11 Estimamos.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
7.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
FLASH GORDON

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
MALANDRICES CASEIRAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 – Para Todos
O KRULL
Às 24
AVENTURA É AVENTURA

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
MORTE AO SOL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
GRANDE DESFORRA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
O HOMEM DE RIO NEVADO

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Bilhetes à venda para a noite de 31/12
Revellion 83/84

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
75.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a.
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
KRULL
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
CLASSE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CAMPEÕES DO RING
Às 24
HARRY, O IMPLACÁVEL

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
QUADROPHENIA

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 12 a.
007, MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
CLASS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
O HOMEM LEÃO

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS

Uma cena de «Guerra Conjugal» realizado por Joaquim Pedro de Andrade em exibição no Quarteto e Xenon.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 18 a.
OS VIAJANTES DA NOITE
de Amos Poe
Às 23.30 – M. 18 a.
EM NOME DO POVO ITALIANO
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 – M. 18 a.
O NEVOEIRO
SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23.30 – M. 18 a.
Rumos do Cinema
O FURACÃO
SALA 4
Às 14.15, 16, 18, 20 e 22
– M. 16 a.
GUERRA CONJUGAL
Às 23.30 – M. 18 a.
REBECA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
c/ Terence Hill e Bud Spencer

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CHAMAVAM-LHE GÉNIO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

SALA 3

Às 14.45, 18.15 e 21.15
– M. 6 a.
OS SAPATOS VERMELHOS

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
– M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 6 a.
KRULL

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
Música! Alegria! Amor!
A FEBRE LOUCA DOS ANOS 60

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
GUERRA CONJUGAL
Às 23.45
O HOMEM DE HOLLYWOOD

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 – «Os Supergénios», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
APOLO 70 – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE – «O Pequeno Loerd», às 21.15 (13 anos)
MUNDIAL – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «As Devassas de Pigalle», sessões permanentes (18 anos)
PARIS – «A Fuga do Caça Soviético», às 21.30 (16 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Querido Fantoche», às 21.15 (6 anos)
PROMOTORA – «O Crepúsculo dos Heróis», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «As Deportadas do Camp Nazi», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Guerra Aberta», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «A Balada da Casa das Gatas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Regresso do Espião», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «King Kong», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Rendez-vous no Max's», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «Táxi Girl», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Annie», às 21.15 (6 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Agente Secreto 101», às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «O Enxame», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Fronteira da Vergonha», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Flashdance», às 21.15 (6 anos)
CASCAIS – Impala – «Os Boinas Verdes», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Luta pela Liberdade», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Ano de Todos os Perigos», às 21.15 (12 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Amor, Louco Amor», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «A Superpatrulha», às 21.30 (13 anos)

Porto

RAIONE – «Os Bandidos do Texas», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «O Golpe dos Enrascados», às 21.45 (12 anos)
ÁGUIA – «Flash Gordon», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Um Difícil Adeus», às 21.30 (12 anos)
BEBÉ – «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)
TERÇO – «A Mão Esquerda», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-a – «O Fabricante de Ídolos», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «Onde Se Meteu a 7.ª Companhia?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
RIVOLI – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
VALE FORMOSO – «E. T., o Estraterrestre», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)

BATALHA – «Espiões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «O Archeiro de Fogo», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)
FOCO – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALCÂNTARA: Nogueira, R. Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **ALTO DE SÃO JOÃO: Oriente**, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA: Unifa**, R. da Vitória, 21-23 (T. 323793); **CAMPO D'OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027 e 789985); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **ALGÉS: Branco**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051); **PONTINHA: Pontinha**, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 386255); **ESTRELA - INFANTE SANTO: Alb**, R. de Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **POÇO DOS NEGROS: Modelar**, L. Dr. António Sousa Macedo, 7; **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque d'Ávila, 32-C (T. 543495); **BRANDOA -COLINA DO SOL: Vidal Reis**, Quinta da Correia, célula G, lote 35, Urbanização Alfornelos (T. 996540); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

teatros

Lisboa

MARIA MATOS – «Annie», às 21.00 (6 anos)
COLISEU – O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
ABC – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel» às 21.30 (13 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (12 anos)
MARIA VITÓRIA – «Quem Me Acaba o Resto!?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
D. MARIA II – «Longa Viagem para a Noite», às 21.15 (12 anos)

Porto

COLISEU – Festival de Circo, às 21.30 (6 anos)
PALÁCIO DE CRISTAL – Circo Hamar, às 21.30 (6 anos)
CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP – «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Ao que Nós Chegámos», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Permanente; **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Outra banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Fern. Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. A. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **LARANJEIRO: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D, Feijó (T. 2296119). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **AMORA: Fonseca**, R. Ribatejo, 2-A, Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETÚBAL: Costa**, R. da Misericórdia, 48. Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 14. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204) Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 1280078). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

PASTELEIRA, R. André de Resende, 92; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636; **COSME**, R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAMEIRA**, R. São Roque da Lameira, 1111; **CENTRAL**, R. 31 de Janeiro, 203.

DE DIA E TODA A NOITE

SANTA TERESA, P. Guilherme Gomes Fernandes, 100; **PADRÃO**, R. de Santo Ildefonso, 342; **SÁ**, R. de Vale Formoso, 181; **BOA-HORA**, R. da Boa-Hora, 80; **GUIMARÃES**, R. de Francos, 37.

Coimbra

BAPTISTA, P. da República, 9-10 (T. 23747); **RAINHA SANTA**, R. Figueira da Foz, 11-B (T. 24737).

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 366740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

11.21	3,7 m	4.49	1,6 m
23.58	3,7 m	17.27	1,5 m
Dia 30			
		5.51	1,5 m
12.13	3,8 m	18 19	1,4 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

V. DO CASTELO	4º
BRAGANÇA	3º
V REAL	4º
PORTO	11º
COIMBRA	13º
C. CARVOEIRO	13º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	9º
ÉVORA	9º
BEJA	7º
FARO	12º
SAGRES	
P. DELGADA	15º
FUNCHAL	17º

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado nas regiões do Norte e céu geralmente pouco nublado nas regiões do Centro e Sul. Vento fraco ou moderado de Sueste. Pequena descida de temperatura.

Os custos das facilidades à Unita

Petrogal excluída da participação da exploração do "bloco 4" em Angola

A Petrogal confirmou esta manhã que já tinha sido oficialmente informada pela Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (SONANGOL), de que havia sido excluída da participação na exploração do Bloco 4 da plataforma continental angolana, mas não comentou a notícia.

A decisão, conforme o nosso jornal oportunamente referiu, tinha já sido tomada a nível político pelo Governo angolano mas só ontem foi oficialmente anunciada em Luanda.

Dispondo já de uma participação de dez por cento no consórcio a que foi atribuída a licença de exploração do Bloco 1, que é constituído também pela AGIP (Italiana) com 50 por cento, ELF-Aquitaine (Francesa) com 25 por cento e Naftalin e Nattagas (jugoslavas) com 15 por cento no seu conjunto, a Petrogal estava há bastante tempo a negociar uma participação de dez por cento no Bloco 4. No quadro dessas negociações previa-se, além da companhia petrolífera portuguesa, uma participação de 20 por cento da Sonangol, de 35 por cento da Braspetro e 35 da Petrofina.

O Bloco 4 situa-se ao largo do Ambrizete e tem uma superfície de quatro mil quilómetros quadrados, tal como os demais blocos em que está dividida a plataforma continental angolana, para efeitos de pesquisa e exploração.

A Sonangol detém presentemente 51 por cento do grupo de operações criado para aquele Bloco, sendo o restante capital dividido entre empresas brasileiras e belgas.

Unidade estatal criada em Fevereiro de 1977, a Sonangol é concessionária exclusiva e proprietária de todo o equipamento de prospecção petrolífera existente em Angola. As companhias estrangeiras a ela associadas para prospecção e exploração são consideradas sociedades empreiteiras.

Os estudos sísmicos já efectuados bem como a existência de importantes jazigos nos blocos vizinhos, levam a crer que existem reservas de petróleo excepcionalmente elevadas no Bloco 4, cuja exploração deverá iniciar-se dentro de dois anos, embora as empresas nele interessadas tenham que investir, antes, cerca de 200 milhões de dólares em trabalhos de pesquisa.

A decisão do Governo angolano é a natural resposta à forma como este Governo e outros que a antecederam têm agido relativamente aos grupos da UNITA que actuam livremente em Portugal, País a partir do qual montam as suas operações de propaganda e não só, contra o Governo legítimo de Luanda.

O que aconteceu, agora, e que prejudica largamente os interesses do País, não constitui surpresa. A surpresa é só agora isto ter acontecido.

Para Petrogal os prejuízos são mais que evidentes. A sua participação no Bloco 4 conduziria à obtenção pela companhia portuguesa dos seus primeiros recursos próprios em matéria de fontes de energia. Neste momento a Petrogal está ligada ao Bloco 1, onde já foi feita uma perfuração com «resultados animadores» mas o Bloco 4, poderia constituir um importante acréscimo pois é previsível que possua grandes reservas.

O fracasso desta operação em nada pode atribuir-se à empresa portuguesa. As negociações estavam bastante adiantadas e podiam mesmo considerar-se tecnicamente concluídas, de forma positiva.

Por outro lado existiam já importantes laços de cooperação entre a Petrogal e a Sonangol, designadamente no domínio da formação de pessoal, que poderiam incrementar-se.

Angola produz já cerca de 6,5 milhões de toneladas de petróleo por ano, mas a Sonangol pretende elevar a produção para 25 milhões de toneladas, dentro de cinco anos.

Entretanto, contactado ao fim da manhã, o MNE não tinha ainda qualquer posição sobre o assunto dado que só há muito pouco tempo acabara de ter conhecimento dele.

Astrólogos americanos prevêem "pacote de desgraças" para 84

Risco de guerra mundial no Verão de 1984, tomada do poder pelo Exército Vermelho na URSS, as vidas de Ronald e Nancy Reagan ameaçadas, mais uma tentativa de assassínio contra o Papa, problemas conjugais para o principe Carlos e a princesa Diana, que no entanto voltará a ser mãe. Tal como o que acontece todos os anos, os astrólogos americanos prometem o habitual «pacote» de desgraças.

Mas nem tudo será o lote de desgraças habituais, porque 1984 se tornou uma data mágica, desde que o romancista britânico George Orwell invadiu o domínio dos adivinhos, com um avanço de 35 anos (o seu romance «1984», que descreve um mundo inteiramente submetido ao totalitarismo, foi escrito em 1948).

Assim, alguns astrólogos gostaram pouco de ver a sua posição de «vedetas» ameaçada por uma pessoa que nem é mesmo da sua profissão. Com efeito, a grande Imprensa americana consagrou numerosos artigos comparando as sombrias previsões de Orwell com a realidade actual, esquecendo totalmente as dos extra-lúcidos.

Contudo, «horus», o mago da revista «Horóscopo», presta homenagem ao escritor inglês, sublinhando que a sua visão do futuro se revelou «estranhamente profética», embora os Estados Unidos, continuem a ser um antro de liberdade.

Por seu turno, a vicente Jeane Dixon vê acumularem-se núvens sombrias sobre o casal presidencial americano, porque o presidente Reagan deverá enfrentar uma situação explosiva em 1984. Na opinião da sr. Dixon, um «louco» poderá tentar um ataque-suicida contra a Casa Branca.

Consequentemente, aconselha os responsáveis americanos a reforçarem ainda mais as medidas de protecção. Outros videntes prevêem que, apesar dos problemas de saúde, Nancy Reagan tomará um lugar cada vez mais importante na direcção dos assuntos de Estado.

O jornal sensacionalista «Star» anunciou que o Papa João Paulo II não se poderá deslocar à Polónioa no próximo ano, porque a «cortina de ferro» se tornará intransponível e, sobretudo, porque uma pessoa muito jovem servindo de marioneta nas mãos de terroristas tentará assassiná-lo no fim do Verão ou no princípio do Outono.

O mesmo jornal também prevê que o Exército Vermelho tomará o poder na URSS, que Fidel Castro se apoderará de duas ilhas das Caraíbas, visando as riquezas petrolíferas da Venezuela, e que as relações entre o príncipe Carlos e a princesa Diana se poderão tornar muito tensas, mas que ela será novamente mãe.

A primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, fez mal em criticar a intervenção americana em Granada, afirma ainda o «Star», porque o presidente Reagan lhe guardará rancor por causa disso quando ela terá uma grande necessidade da sua ajuda.

Nenhuma previsão ficará completa nos Estados Unidos se não se evocar aquilo que o futuro reserva ao que pode ser comparado à «família real» dos americanos, a «tribo» Kennedy. A este respeito, Jeane Dixon mostra-se um pouco mais optimista, predizendo que Jacqueline Onassis reencontrará o amor junto de um homem rico e que a sua filha, Carolina, pensará em casar. Contudo, acrescenta a vidente, nem a mãe nem a filha «darão o nó», em 1984.

O astrólogo Smollin demonstra, por seu lado, por A mais B, que haverá um número anormalmente elevado de eclipses no próximo ano (2 do Sol e 3 da Lua), o que provocará tensões na Terra. Segundo Smollin, o eclipse de 30 de Maio fará pesar muitas ameaças sobre a sra. Indira Gandhi, a primeiro-ministro indiana, e a rainha de Inglaterra. No dia 3 de Outubro os augúrios não são nada bons para o presidente François Mitterrand e para o «número um» soviético, Yuri Andropov.

No ano passado, os adivinhos americanos tinham prognosticado, designadamente, uma grande reconciliação entre Washington e Moscovo, as quedas do primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, e da sra. Gandhi, a morte do Ayatollah Khomeiny e um idilio entre o princípe Rainier do Mónaco e Elizabeth Taylor.

Francis Kohn/AFP

Soares com Mota Pinto

Mário Soares voltou a encontrar-se ontem em S. Bento, a sós, com Mota Pinto, admitindo-se que para além da acção governativa tenha sido debatida a remodelação considerada imperiosa por vários sectores.

Há mais de uma semana que o Primeiro-Ministro e o vice-Primeiro-Ministro não se reuniam sozinhos. Habitualmente estas reuniões ocorrem uma a duas vezes por semana.

As insistências que se têm verificado quer no âmbito do PS quer no do PSD quanto à necessidade de uma remodelação governamental apontam para que ela venha efectivamente a verificar-se antes do Congresso do PSD em Março. Depois de Dezembro, fala-se em Janeiro. Não será nesta altura, dizem algumas fontes, grande remodelação, mas servirá para uma pequena mexida, para além de preencher as vagas abertas por Mesquita Machado e Custório Simões nas Secretarias de Estado do Fomento Cooperativo e do Trabalho.

Faz precisamente amanhã um mês que Custódio Simões pediu a suspensão do cargo, na sequência da divulgação do processo que está a correr na Polícia Judiciária sobre uma fraude da ordem dos três mil contos em que é acusado de estar envolvido. A suspensão foi por um mês para «provar a sua inocência».

Para além destas substituições, tem-se especulado com a alteração dos titulares de algumas pastas ministeriais. Agricultura, Equipamento Social e Educação têm sido as mais faladas. No Ministério da Educação está ainda por resolver o conflito surgido há muito tempo entre o ministro e os secretários de Estado. E, depois de ter sido apontada como quase certa a queda do ministro Augusto Seabra, não falta quem agora insista que serão os secretários de Estado a cair.

Carolina deu o segundo nó

O principado do Mónaco, que tomou conhecimento com surpresa, há dez dias, do casamento de Carolina com Stepfano Casiragui, descendente de uma rica família de industriais italianos, esperou, na maior calma, uma cerimónia intima que teve lugar hoje no ambiente restrito do palácio principesco.

O casamento foi celebrado ao fim da manhã, no salão dos espelhos do Palácio, sob um grande retrato da princesa Grace, apenas com a presença das duas famílias, Grimaldi e Casiragui.

Os monegascos, tradicionalistas na sua grande maioria não se precipitaram para uma festa para a qual não foram convidados, que decorreu «à porta fechada».

Numerosos italianos invadiram nos últimos dias o principado, com a esperança de poderem participar na festa, de uma maneira ou de outra, seguidos por um elevado número de «paparazzi» e de jornalistas, que se vêem confrontados com um «muro de silêncio» montado pelas autoridades monegascas para que a cerimónia se mantenha íntima e familiar.

A discrição da cerimónia, que contrastará, devido à sua sobriedade, com a pompa que assinalou o casamento de Carolina com Philippe Junot, no dia 28 de Junho de 1978, explica-se pelo facto da nova união não ser abençoada pela Igreja, num principado onde a «religião católica, apostólica e romana», é constitucionalmente, religião de Estado

Assassinou e foi caucionado em 300 contos

O juiz de turno, na passada sexta-feira, no Tribunal de Instrução Criminal (DIC) de Santarém, mandou em Liberdade, mediante o pagamento de uma caução de trezentos cntos, um indivíduo, que, perante várias testemunhas, assassinou a tiro, num café em Pontevel, o jovem Álvaro Rodrigues, de 21 anos. O agressor, Carlos Barnabé Alenquer, de 45 anos, disparou três tiros de pistola sobre a sua vítima, o primeiro projéctil cortou-lhe os tendões da perna esquerda e o segundo atravessou-lhe o coração).

Motivo: Carlos Barnabé entrou no café, educando a arma sobre o balcão, e depóis de desmanchá-la e recompô-la, meteu-lhe o carregador devidamente municiado. Foi então que Álvaro Rodrigues, na altura a jantar acompanhado de uns amigos, o advertiu para o perigo da operação que estava a realizar. Carlos Barnabé não disse uma palavra e quando o jovem ia a saír alvejou-o à queima-roupa com três tiros, um dos quais não o atingiu.

De registar que neste período titular do JIC de Santarém se encontra de férias, estando a ser substituído por quatro juízes de turno. Esta manhã o funcionário de serviço na secretaria do referido tribunal, invocando o «segredo de justiça» a recusou-se a fornecer ao «DL» a identidade do magistrado responsável pela estranha caução.

Soares recebe membros do Governo

Continuação da pág. 1

O Primeiro-Ministro garantiu que 1984 será também ano da concertação social, esperando que se concretize o Conselho de Concertação Social. «De sectores bem determinados tem havido algum cepticismo em relação a este diálogo, mas, apesar do cepticismo vamos andando», afirmou Mário Soares.

O primeiro-ministro disse ainda que nos seis meses de governação deste executivo não tem havido «grandes greves nem grande agitação social, felizmente».

O Primeiro-Ministro afirmou também que esta estabilidade social é indispensável para o desenvolvimento e frisou que, ao contrário, «a instabilidade política fomenta miséria e desemprego»

Para a estabilidade política e económica, Mário Soares considera ainda imprescindível, a estabilidade social e as «não substituições do Governo de seis em seis meses como chegou a ser hábito».

O Primeiro-Ministro Mário Soares afirmou que 1984 deverá ser um ano de «uma definição clara» relativamente à integração de Portugal na CEE e sobretudo de algumas reformas de fundo relativamente à economia portuguesa.

Mário Soares disse que 1984 será «um ano crucial» e acrescentou estar convencido de que logo no primeiro semestre haverá essa «definição clara» relativamente à entrada na CEE.

O Primeiro-Ministro disse que a concretizar-se essa sua convicção serão postos à disposição de Portugal alguns fundos de desenvolvimento regional e agrícola, o que permitirá a realização de projectos nacionais de desenvolvimento.

«Temos que nos preparar para o choque europeu», acrescentou.

De resto, Mário Soares dividiu o próximo ano em duas partes – o primeiro semestre que «vai ser ainda difícil», e o segundo em que já deverão ser tomadas algumas medidas de fundo e não de conjuntura, como as tomadas em 1983.

Entre essas medidas, anunciou a reestruturação das empresas públicas, desejando que sejam viáveis e rentáveis para a sociedade portuguesa, e o incremento da iniciativa privada, com destaque para as pequenas e médias empresas.

Mário Soares disse ainda que durante o próximo ano o Governo conta desenvolver a produção agrícola, proceder ao aproveitamento do mar e das pescas e à exploração dos recursos mineiros.

«Diário de Notícias» tem 119 anos

O «Diário de Notícias» saiu hoje com uma edição especial, comemorativa dos seus 119 anos de vida.

Ao director do prestigiado matutino, Mário Mesquita, bem como a todos os restantes trabalhadores do «DN», o «Diário de Lisboa» apresenta os melhores votos de felicidade e de longa vida.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 140 • 29 de Dezembro de 1983

PRÉMIO VÉRTICE

PORTA DE PAPEL

Haroldo Maranhão

MARIANA estava fora de si:

— A imbecil! Isso mesmo: imbecil. É o que ela é. Pode dizer para ela. Não faz a mínima diferença, que se ela vier pra cima de mim eu recebo de murro na cara. Murro. Na cara. Que a cara dela vai ficar ainda mais torta. Pode fofocar, que eu nem estou aí. A burra! Burrona, burríssima, burralda! Mentirosa, é? Mentirosa é a comadre da madrinha dela.

Fanfa, a Intrigante, não entendeu direito:

— Como é mesmo?

Mariana falou pausadamente separando as sílabas:

— Mentirosa é a comadre da madrinha dela! Entendeste agora? Se não entendeste, fala, que eu parto tua cabeça em duas como quem divide uma melancia e cuspo dentro. Vai, vai correndo, vai e diz a ela, mas diz direito, diz como eu disse, repete palavra por palavra que eu tenho aqui duas testemunhas: o Tripa-de-Boi e a Duda. O Tripa-de-Boi não falta jamais à verdade. E a Duda é essa flor aí, pedra noventa, gente muito fina. Eu jogo com a camisa da Duda: escreveu, não leu, pau comeu. É. Vai, Falsália, que eu sei muito bem que tu só estás espionando para contar do outro lado. Espiã! Espiã que não sabe nem bisbilhotar, que a gente vê logo a gatona escondida com o rabão de fora. Reage, mulher. Tu não falas nada, tu não dizes nada, tu não te defendes, tu és essa água morna aí.

— Mariana...

Mariana sabia arremedar, entortava a boca, ficava com ar de debilóida:

— Mariana»... «Mariana»... É só o que tu dizes, é? Fala. Reage, mostra que tu tens sangue nas veias e não água mineral. Não dizes nada, nunca dizes nada, estás gravando tudo-tudo para contar de joelhos diante da patroazinha. Santarrona de pau oco, sonsa, pau de dois bicos é tudo isso e muito mais o que tu és. Olha, Fanfa Falsália, vai ver se eu estou ali na esquina. Mas vai correndo, se não eu sou capaz de sumir e tu não me encontrares. Corre. Depressa, que se tu demoras muito eu não te espero. Se tu chegares e eu não estiver, me espera que eu não demoro. Vai. Vai. Tchauzinho, Fanfazinha Falsaliazinha.

Tripa-de-Boi por pouco não estoura uma gargalhada. Duda não gostava dessas presepadas da Mariana. Rir, não ria. Nem sorria. Mas Tripa-de-Boi sabia cortejar:

— Tu és de morte, Mariana. A pobre da Fanfa saíu que nem um foguete. Como é que pode, Mariana? Ela parece que tem medo de ti. Tu, eu acho que nasceste para deputado, sei lá!, pra líder, pra general. Olha, minha querida, eu te quero para amiga. Quando tu belisca é beliscão que torce a carne, que a carne fica doendo.

Mariana inchava feito perua e rodava admirando a própria cauda e só faltava mesmo gorgolejar: gluglu, gluglu.

Duda interrompeu aquele namoro escandalosíssimo da Mariana, namorando-se como se estivesse diante de um espelho:

— Mariana: agora fala. Agora chega, né? Eu quero saber como é mesmo essa história da porta. Porta encantada, foi o que tu falaste?

Mariana ficava sempre excitada quando falava da sua porta.

— É. Pode ser Porta Encantada. Mas eu falei Porta Mágica. Porta Mágica é que é. Encantada é se antes de ser porta fosse um sapo e uma fada transformasse o sapo em porta. Aí era porta encantada, que poderia a fada transformar de novo em sapo. Nada de portas encantadas. A minha porta é mágica. É diferente. Duda. Tu olhas, parece que é de madeira, podes até pegar, podes cheirar, que é de madeira mesmo. Mas atravessas por ela como se fosse uma porta de papel.

(Primeiro capítulo do livro «A Porta Mágica», do escritor brasileiro Haroldo Maranhão, livro galardoado com o «Prémio Vértice» do ano corrente. prefácio de Óscar Lopes. Capa de Armando Alves, com uma aguarela de Júlio Resende.)

RETRATOS FILOSÓFICOS

Clément Rosset herdeiro do tio Arthur

ESTAVA-SE em 1970. O acaso, que todos sabemos, depois de Balzac, ser o maior romancista do mundo, quisera que Clément Rosset se dirigisse às «Presses Universitaires de France» ao mesmo tempo que eu. Rosset era então um dos raros filósofos franceses que reverenciavam Schopenhauer, motivo bastante para eu o convidar para tomar um copo no Cluny: bebeu duas cervejas e comeu uma «sandwich».

Colaborava nesse tempo no **Nouvel Observateur** com o pseudónimo de Roger Crémant. Os seus artigos faziam ranger os dentes à esquerda bem-pensante. Contou-me que recebera centenas de cartas insultuosas por ter demolido Wilhelm Reich. Era coisa que muito o divertia: era um perfeito sobrinho do tio Arthur, um dinamitador da filosofia, de olhos frios e penetrantes que contrastavam com os seus modos de barbudo jovial e descontraído.

O nosso segundo encontro foi no Select, em Montparnasse, em 22 de Fevereiro de 1983. Bebeu novamente duas cervejas e comeu uma «sandwich», preguntando-me se eu não achava também Paris mais sinistra que nunca e desferindo impropérios contra o novo regime. Havia já muito que não escrevia no **Nouvel Observateur.** Era agora professor na Universidade de Nice, sem a esse facto ligar muito, e tinha uma obra abundante **(Le Réel-Traité de l'idiotie, Logique du pire, L' Antinature, Le Réel et son double)** à qual também pouco ligava grande coisa. Mas – sinal dos tempos – em contrapartida já se começava a ligar-lhe a ele.

Falámos de Cioran, de quem me disse, com a sua habitual insolência, que achava o homem agradável. mas que os livros lhe pareciam um bocado «scrogneugneu». E acrescentou: «Não compreendo como ele pode comprazer-se com uma música tão bordélica como a de Brahms. O seu lado 'música cigana' contende-me com os nervos.» Clément Rosset falou também do livro que estava para publicar: **La Force majeure.** Tencionava abordar nele, num «post-scriptum» a que daria o título de «o descontentamento de Cioran», o mais grave dos problemas levantados, segundo ele, pelo autor dos **Syllogismes de l'amertume:** Haverá possibilidade de aliança entre a lucidez e a alegria?

O meu terceiro encontro com Rosset deu-se a 24 de Outubro último, no Select. Eu tinha de o entrevistar, mas ele fez-me a tarefa impossível, restituindo-me as perguntas todas com um riso sarcástico. Mas, enquanto ele ia bebendo duas cervejas e comendo uma «sandwich», lá consegui extorquir-lhe algumas confidências. Aí vão duas ou três coisas, verosimilmente autênticas e, de qualquer modo, verificáveis, a respeito de Clément Rosset.

Tem quarenta e quatro anos e gaba-se de ter sido o último na admissão à Escola Normal Superior e na licenciatura em filosofia. Desconfio, porém, que foi penúltimo.

Desenho de Bérénice Cleeve

Adiante. Com dezanove anos, ainda no Liceu de Louis-le-Grad, publicou, a conselho de Jean Lacroix, o seu primeiro livro: **La Philosophie tragique** (PUF). Fala hoje dele como de um ensaio de tom veemente e impúdico que continha já tudo o que depois iria desenvolver mas que nunca se atreveu a reler.

Na Escola Normal Superior, Rosset comporta-se com sobranceria, afastado de todas as capelas (Althusser, Derrida, Lacan) e lida exclusivamente com autores como Montaigne, Pascal ou Nietzsche – aos quais os professores não concediam o título de filósofos. «Não conseguia ler gente séria como Kant ou Hegel. Tinham-me inveja por ser um autor das PUF e ao mesmo tempo tratavam-me como a um amador um tanto ou quanto gozão. Para mim, fazer filosofia era uma maneira de escrever discretamente sem comprometer o 'eu'.»

Decididamente, o espírito de seriedade não é o forte de Clément Rosset. Havia de metê-lo a ridículo em dois panfletos – a **Lettre sur les chimpanzés** (Gallimard) e as **Matinées structuralistes** (Robert Laffont) – que lhe valeram o epíteto de reaccionário. E esta reputação confirmou-se com a sua atitude para com a política: «Nunca tive comprometimento político de espécie nenhuma. Basta-me ler um jornal. O comprometimento político é uma brincadeira de mau gosto. Sempre tive um grande horror a Sartre, que para mim, nesse plano, representa a mais completa das inépcias.»

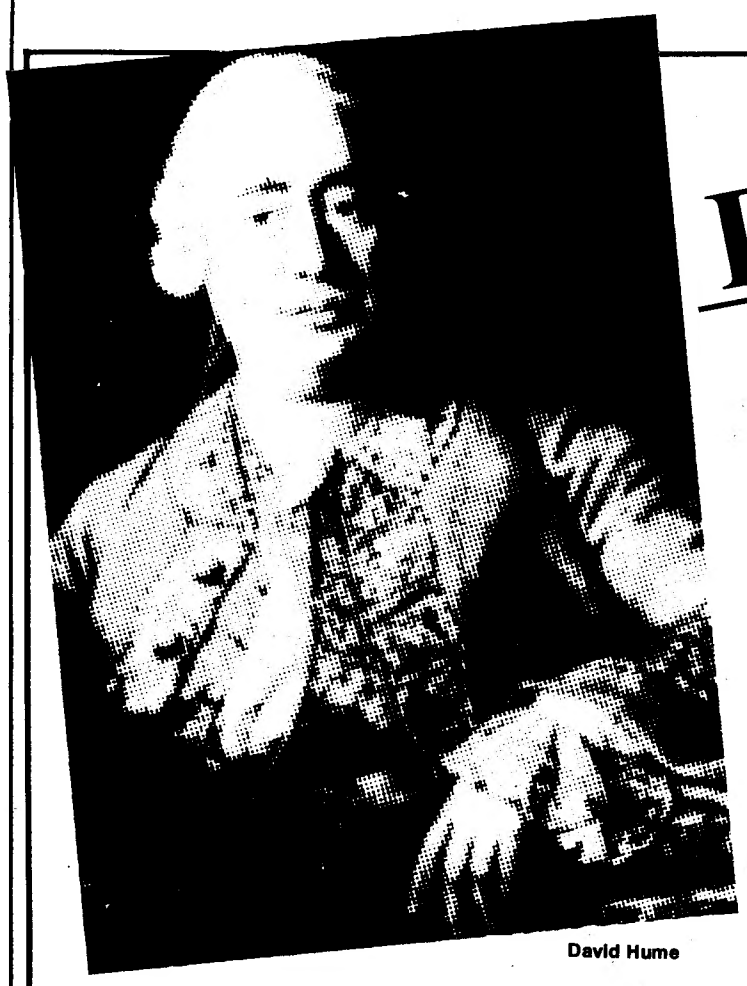
Rosset persiste e assina, em **La Force majeure** – publicado há pouco –, afirmando ser nevrótico o carácter da esperança política; esta é, segundo ele, uma neurose tipicamente moderna, de resto, e não se lhe encontra rasto antes do século XVIII. Rosset descreve o homem da esperança como um homem sem recursos nem argumentos, literalmente esgotado, como o indivíduo descrito por Schopenhauer que «espera encontrar nos caldos e nas drogas da farmácia a saúde e o vigor cuja verdadeira fonte é a própria força vital.»

À esperança prefere Rosset a crueldade, que é sempre «uma marca de distinção», mas explicando que por crueldade se deve entender «não o prazer de provocar o sofrimento mas sim a recusa de complacência a todo e qualquer objecto».

Se a esperança é o pior dos males e se é ridículo pretender modificar a vida, que mais pode haver? Eis a resposta de Clément Rosset: «Há porém uma terceira hipótese, a hipótese de uma satisfação total no seio do próprio infinito, semelhante ao júbilo amoroso tal como o descreve La Fontaine numa fábula célebre («Substi-

Continua na pág. 2

Diário de Lisboa LER ESCREVER



David Hume

David Hume

Pedro Alvim

YOU look a flower growing from your feet... Bem escrito em inglês, mal escrito em inglês...? Encolheu os ombros. Ao vê-la assim de longe, no extremo da sala, levemente encostada à janela, ele, a traduzir um texto de David Hume, teve dela essa subida impressão j6f e, um tanto às escondidas, lançou-a no papel. Estava um tanto fatigado, com a imaginação solta do livro, a estabelecer comparações entre isto e aquilo. Apetecia-lhe, na verdade, abandonar a mesa de trabalho, deixar em desordem todos aqueles apontamentos, ir até à janela, tocar-lhe no ombro e dizer-lhe:

«You look a flower growing from your feet...»

Certamente que ela lhe daria um sorriso, fugiria com o ombro ao contacto da sua mão, afastar-se-ia até à porta do quintal. Aí pois estariam ambos a descer os poucos degraus que conduziam ao quintal, a cancela de rede de arame, as flores enfim dos primeiros canteiros. Entre pétalas, aromas, folhas, hastes, ela, então, sempre fugindo, não deixaria de ironizar:

«Com que então pareço uma flor crescendo dos meus pés...? E que me dizes tu a estas flores que nos rodeiam...? Onde tenho eu as pétalas que elas têm...? Onde em mim o perfume que elas expandem ao nosso redor...?»

Ele sabia que ela usaria sempre umas interrogações arrastadas, demoradas, cheias de reticências. E sempre se afastando dele, circundando os canteiros, debruçando-se numa corola, batendo os dedos como uma borboleta.

«Infantilidades...» – resmungaria ele como sempre. E como sempre terminariam por subir os degraus, entrar na sala, ele sentar-se junto de David Hume, ela quedar-se nas proximidades da janela. Depois, já com a tarde avançada, a cor azul acinzentando-se nos vidros da janela, ela (e também como sempre) acabaria por dizer:

«E se fossemos ao cinema...?»

Iam ao cinema. No escuro da sala, ela recusava-lhe sempre a mão, mesmo se uma sequência emocionante o induzisse a procurar um contacto, uma ligação, um acto de comunhão. Ele desistia de uma segunda tentativa – e eis ambos, quase ombro com ombro, fitando o «écran» longínquo. Quando saíam, e por esta ou por aquela pergunta, ele apercebia-se que, afinal, ela se tinha mantido distraída, ali e aqui, ao desbobinar do filme. «Em que pensará ela...?» – interrogava-se.

Acompanhava-a a casa, uma breve corrida de táxi, um leve beijo na testa – e ei-lo na sala grande sentando-se (ainda) junto de David Hume. Ia fazendo, acabando uma ficha: **«Todas as ciências possuem uma relação com a natureza humana, e dependem, por isso, da ciência do homem, chave de todo o saber. Na verdade, todas as ciências repousam em** ideias, **só verdadeiramente esclarecidas quando o forem na extensão e natureza do entendimento humano. O entendimento humano só pode conhecer-se pela observação e experiência. O empirismo concretiza a ideia...»** Abriu os braços, bocejou de sono, levantou-se – e entrou pelos lençóis como um rato no seu buraco.

Ela vinha todas as quintas-feiras, recebia umas explicações gerais de hermenêutica, de interpretação em suma do texto filosófico – e ficava-se depois junto da janela enquanto ele (para a tese) se debruçava atentamente sobre David Hume. Distraía-se, no entanto: ao vê-la tão delgada junto da janela, tão recortada na luz, mais uma vez lhe acudia à memória (quase nos lábios) aquela sua frase que havia algum tempo lhe vinha dedicando:

«You look a flower growing from your feet...»

Ora um dia, fechando a porta à chave, ele colheu mesmo a flor sobre o soalho da sala grande. Hume, na capa do livro, sobre a mesa, olhava o tecto até às últimas estrelas. Impassível, experiente, sabedor.

Lucy in the sky with di

António Júlio Valarinho

é neste intervalo das cinzas, no ponto
oblíquo mais secreto do adeus, que as mãos
estendem-se sobre o rio, cobrem-lhe o rosto de prata
para dizerem palavras de amor, nas margens,
sobre o convés de todas as palavras decifradas,
o sapo mergulha a cabeça na água gelada e dela
retira o leme, as âncoras dos sonhos que povoam
serras até os gelos gritarem de pavor, e foi assim,
tal como os reis contam as batalhas aos seus infantes qu
subi o rio, recordei a fogueira em flor, chamei por
ela, os jasmins a arder no peito, as maçãs abrindo o
seu rosto sereno de outono. vejo
partir o mar e cair os quatro pinheiros de breda
com todas as suas doze portas abertas...

tudo começa pela flor do sonho... até as abelhas,

(Do livro

Paz e vida desenho de Tito Seabra-Dinis

A EXPERIÊNCIA DO PRODIGIO

Bases teóricas e antologia de textos-visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII

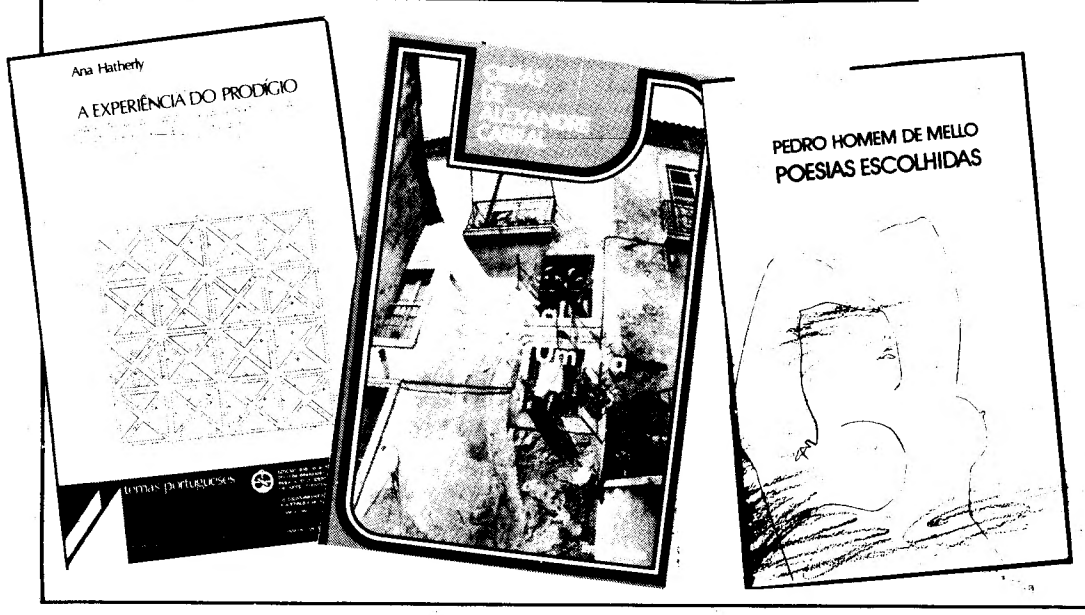
por ANA HATHERLY

Como resultado de sete anos de presquisa, num trabalho que para a autora consttituiu surpresa, descoberta, desbravamento de um campo inexplorado, Ana Hatherly publicou este volume «A Exériência do Prodígio» que, com em substpitulo explicito, nos oferece as frases teóricas e uma antologia de textos – visuais portugueses dos Séculos XVII e XVIII.

No Capítulo I do seu trabalho, Ana Hatherly expõe, suscitamente, as «principais linhas de pensamento que, tudo indica, confluem na realização da maior parte dos textos seleccionados», são outras, referências, destinadas a facilitar a leitura e interpretação da «Antologia». Nos capítulos seguintes (II a IV) são analisados «as diferentes formas assumidas pelos textos antologiados». O Capítulo V constitui o «corpus» da investigação: a Antologia que é situada no «Indice» respectivo com referên ias e indicações de origens.

A obra de Ana Hartherly aborda uma área da Literatura que confirma, de algum modo, com as Artes Plásticas. A dsignação adoptada – Textos – visuais – já tinha sido utilizada pela autora e «apoia-se numa proposta de Max Beuse», em «Pequena Sotética» (São Paulo, 1971)I Ana Hartherly adoptou a expressão em «A Reivenção da Leitura» (Lisboa, 1975).

Edição sob os auspícios do Comissariado para a XVII.ª Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura. Editado por Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1983.



O SOL NASCERÁ UM DIA

Estamos perante uma nova edição, agora corrigida para constituir texto definitivo, de uma obra com longa carreira: uma 1.ª edição, em 1942, com capa de Manuel Ribeiro de Pavia; uma 2.ª edição, em 1951, com capa de José Dias Coelho. Esta 3.ª edição, mantém a incorporação do conto «O Pátio do Vintém» que, em 1943, aparecera na colectânea «Campanha», e nela figuram mais dois contos «João Martelo» e «A História da Tábua Furada» que transitam dos «Contos da Europa e da África», volume no qual estavam integrados.

As correcções formais não alteraram as **histórias,** de uma «singeleza, que rasa muitas vezes a igenuidade» — na opinião autocrítica de Alexandre Cabral, que, não obstante, delas se sente solidário por quanto revelam dos «parâmetros de um ideal de vida, política e social, onde os registos mais notáveis são a rebeldia, a inconformidade, o protesto e a solidariedade para com os oprimidos e os explorados.»

Fernanda Damas Cabral considera «O Sol Nascerá um Dia» — «um documento que se integra no vasto património da geração de 40».

Edição «Livros Horizonte», Lisboa, 1983.

POESIA ESCOLHIDA DE PEDRO HOMEM DE MELLO

A lista das «Obras do Autor», títulos e datas, desde «Caravelas ao Mar» (1934) a «Expulsos do Governo da Cidade» (1979), é quanto o editor entendeu oferecer ao leitor sobre o poeta e a escolha de poemas agora publicada. Nem uma nota biográfica, nem um estudo crítico, nem uma introdução a este volume, nem uma declaração de responsabilidade e de autoria. À falta de elementos que apresentem e justifiquem a escolha, deveremos pensar que o poeta se autologiou a si próprio, acaso seguindo o conselho de Paul Éluard.

Os poemas que compõem este volume de «Poesias Escolhidas», foram recolhidos das obras «Caravela do Mar» (4), «Jardins Suspensos» (5), «Sepedo» (10), «Estrela Morta» (6), «Pecado» (9), «Príncipe Perfeito» (10), «Bodas Vermelhas (16), «Miserere» (13), «Adeus» (14), «Os Amigos Infelizes» (9), «O Rapaz da Camisola Verde» (9), «Grande, Grande era a Cidade» (17), «Os Poetas Ignorados» (11), «Eu Hei-de Voltar um Dia» (40), «Nós Portugueses somos Castos» (26), «As Perguntas Indiscretas» (15), «Povo que Lavas no Rio» (1), «Desterrado» (11), «Fandangueiro» (25), «Eu desci aos Infernos» (40), «Cartas de Inglaterra» (16); «Ecce Homo» (12), «Pedro» (2), «Aleluia» (4), Expulsos do Governo da cidade» (17).

O volume apresenta um «Índice Geral» e um «Índice de primeiros versos». Sobrecapa do pintor Júlio de Resende, Edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983.

Cléme Ross herde do tio A

Continuação da pág. 1

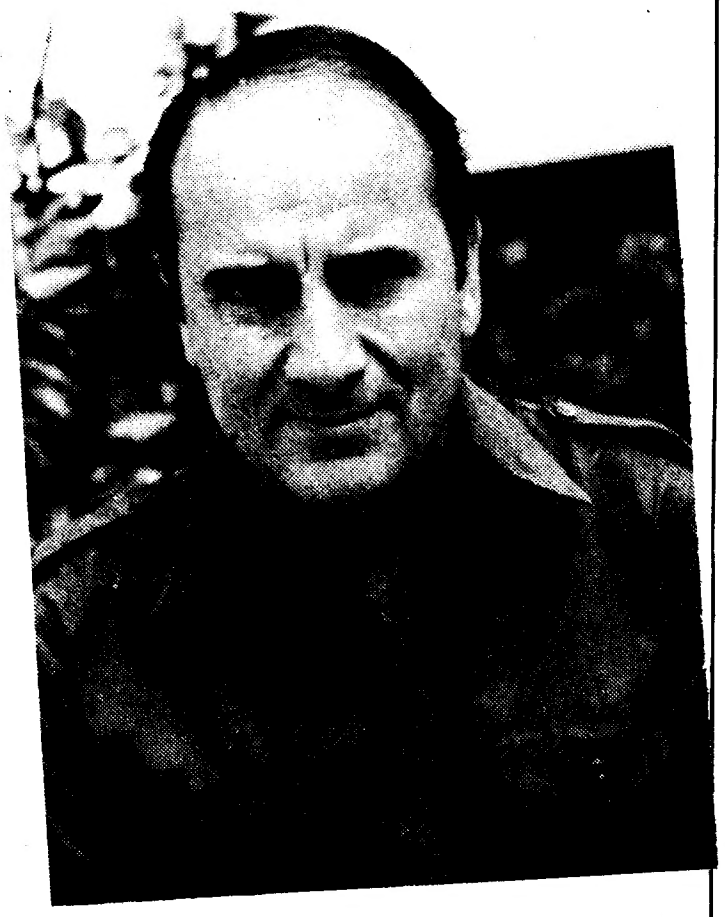
tui tudo e dai por nada o resto»).

O leitor deve ter já adivinhado: não estamos longe de Nietzsche. E é precisamente a Nietzsche que Rosset recorre, intimamente convicto de que a beatitude é o pensamento fundamental e em cujo redor se organiza a sua obra; beatitude que «consiste na cura e incondicional adesão ao real, que não passa pela ideia de uma Providência nem, evidentemente, de uma filosofia da história mas que, em contrapartida, implica o conhecimento do trágico». E, de passagem, Rosset não se coíbe de repreender Foucault, Bataille, Blanchot, Derrida e Heidegger, todos incapazes de aceitar um discurso fundamentalmente «afirmador» como o de Nietzsche.

Recordamo-nos, talvez, do que dizia Diógenes ao ouvir os elogios feitos a um filósofo: «Que tem ele de tão grandioso? Já se entrega há tanto tempo à filosofia e ainda não

UM ESCRITOR ARGENTINO
RESIDENTE NO BRASIL
OFERECE
O SEU TESTEMUNHO

Manuel Puig fala do exílio, das críticas e dos segredos do criador



Manuel Puig «A auto censura é mais perigosa que a censura»

AS primeiras novelas de Manuel Puig – **La traición de Rita Hayworth** e **Boquitas pintadas** – obtiveram êxito junto do público argentino. Mas pouco depois o escritor, como tantos intelectuais, teve de afastar-se do país, escorraçado pela intolerância e pelas ameaças.

Continuou a trabalhar no estrangeiro, publicando as suas obras e recebebdo rasgados elogios e impiedosas críticas. Mas essas obras não chegavam ao público argentino. Antes de partir, em 1973, duas das suas novelas de maior êxito tinham já sido adaptadas ao cinema: **Boquitas pintadas** e **Pubis angelical.** Há algumas semanas, dez anos depois disso, subiu à cena em Buenos Aires, por iniciativa de Carlos Perciavalle, **El beso de la mujer araná.**

Actualmente, Manuel Puig está comodamente instalado num apartamento simples, cheio de plantas, no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro – para onde levou seus pais. As suas novelas são traduzidas e publicadas na Europa e são estudadas em universidades francesas e norte-americanas. A poucos quarteirões das esplêndidas praias do Rio, o escritor disfruta o mar durante todo o ano. Mas, como tantos argentinos que foram empurrados para o exílio, também sente saudades do seu país. Sobre esses sentimentos, sobre as críticas que lhe fazem e sobre a sua concepção da literatura, dialogou longamente no Brasil com uma agência noticiosa cujo serviço foi adquirido pelo **Clarín** de Buenos Aires:

– O seu problema surgiu por causa de **The Buenos Aires Affair,** não foi?

– Sim, em 1973. A novela desagradou a muita gente. Tinha uma certa rudeza sexual e tinha também um elemento político; falava-se nela de Perón em termos elogios os mas, ao mesmo tempo, críticos. O livro foi publicado em Maio e teve um primeiro momento bom... mas as coisas mudaram muito passado algum tempo. Eu senti essa hostilidade e pensei que não seria mau ausentar-me por uns meses. Julgava que era coisa passageira. O livro, porém, veio a ser apreendido e já não voltei. Mais tarde, estava eu no México, chegaram-me as ameaças – que só vim a perceber muitos meses depois. Queriam obrigar-me a nunca mais voltar, a nunca mais intervir na vida do país, e parece que com tanto se davam por satisfeitos.

– Que sucedeu aos seus anteriores livros?

– Os que já estavam publicados – **La traición de Rita Hayworth** e **Boquitas pintadas** – tiveram circulação normal. Julgo que é porque tocam temas dos anos 30 ou 40.

– E agora quere voltar à Argentina?

– Já estou instalado aqui. Tenho casa, trouxe os meus pais... mas gostava de lá passar parte do ano; principalmente na província.

– Há quanto tempo está no Rio?

– Há quatro anos. Estive dois anos no México e quatro nos Estados Unidos, embora também tenha ido muito, nesses tempos, à Europa. Tive um gabinete literário na Universidade de Columbia.

– Foi um tempo difícil, não?

– Para o meu trabalho, foi cheio de problemas. Em primeiro lugar, tinha perdido os meus leitores, os principais! Eu escrevo para as pessoas que compartilham dos meus problemas; e quem os compartilha, antes de mais ninguém, são os argentinos. Foram anos em que os meus livros não entravam no país...

– Quando começaram a entrar?

– Em 79, com **Pubis angelical...** mas a conta-gotas. Depois desse, entrou **Maldición eterna a quién lea esta páginas.** Comparada com a dos meus anteriores livros, a sua circulação foi pequeníssima. Foram muito pouco comentados pela crítica; de resto, estava-se nos anos da exibição restrita...

– Que dizia o editor?

– Tive de publicar em Espanha. Nenhum editor argentino se podia arriscar. Houve então uma forma de censura que era muito eficaz: como não foi criado nenhum órgão censório consultivo, como havia na Eapanha de Franco, o editor expunha-se à apreensão de um edição inteira, isto é, de grande parte do seu capital, e essa situação provoca também a auto-censura, que é muito mais perigosa...

– Teve problemas com a crítica?

– Para mim, esse ponto é o mais doloroso. Numa época em que havia tanta dificuldade a opor-se à circulação dos meus livros, as exigências da crítica redobraram. Nunca me trataram de pior maneira! Realmente, as minhas coisas estavam a ser lidas com má-vontade.

– Que sentiu quando se falou da sua candidatura ao Prémio Nobel?

– Isso do Prémio Nobel foi muito engraçado. Para mim, esse prémio é uma coroação, não um prémio de estímulo. Eu aceitaria a correr qualquer prémio que tivesse um sentido de estímulo: suponho que ainda estou a trabalhar, não estou assim tão perto do fim... e foi por isso que o boato me despertou a atenção. Explicaram-me que tais boatos partem dos corredores da Academia. Houve algum académico que citou o meu nome... e isso bastou para que logo se julgasse que eu era candidato. Seja como for, encanta-me que pensem em mim!

– Que pensará Borges?

– Eu julgo que o Borges paga para que lhe não dêem o prémio! De cada vez que o prémio vai ser atribuído, as pessoas que percebem de literatura dizem «o Borges merecia-o»... Cada atribuição é uma campanha publicitária a favor dele!

– Bom, mas, graças à parte, a quem gostaria de disputar e ganhar o prémio?

– A um escritor da Trinidad que escreve em inglês e que publicou uns artigos muito ofensivos acerca da Argentina, baseado em curtas viagens que lá fez. Não me lembro do seu nome neste momento...; o seu último livro chama-se **El retorno de Eva Perón.** É um livro de contos com comentários muito arbitrários sobre a Argentina: comentários mal-intencionados e, principalmente, sem fundamento, E é citado entre os candidatos ao Prémio Nobel... (Puig estava a falar de V.S. Noipaul).

– Que se passa com as críticas aos seus livros fora da Argentina?

– Os meus livros suscitam polémicas onde quer que sejam publicados. Mas são polémicas realmente histéricas. Para mim, está muito bem que as minhas coisas sejam discutidas; não pretendo que elas agradem a toda a gente. Mas que essa discussão seja conduzida em termos civilizados. Eu recebo insultos incríveis da crítica!

– Mas os seus livros têm boa venda...

– Sim, tenho sempre garantida uma certa circulação. Não posso queixar-me. Mas gostava de ter com a crítica umas relações mais civilizadas. Realmente, a mim, a crítica ajuda-me a continuar uma obra. **El beso de la mujer araña,** por exemplo, foi rejeitado em Itália pela Feltrinelli, que já tinha publicado todos os meus outros livros. Quase mo atiraram à cabeça! A novela foi por fim publicada em Paris e o jornal **«Le Monde»,** que em França é a grande autoridade quanto a obras traduzidas, publicou uma pequena crítica que acabava assim: «Há neste livro elementos interessantes, mas todos se afogam num mar de sentimentalismo».

Apesar disso, pouco depois o livro foi adoptado na universidade como leitura obrigatória. E isso rompendo com a tradição de ali a literatura universitária ter de ser francesa!

– Como o trata a crítica brasileira?

– O meu último livro publicado aqui, **Sangre de amor correspondido,** teve problemas enormes. Foi mal lido, ou lido com apreensão. Depois de publicar livros há tantos anos, descobri que existe uma leitura preconceituosa, que um leitor pode ser influenciado por comentários prévios e não conceder ao livro uma leitura virginal aberta...

– Lê muito?

– Tenho um problema com a leitura. Estou numa fase em que escrevo muito; e, quando à noite necessito de repouso, levo um livro para a cama... Se for de ficção, ponho-me a corrigi-lo, a emendar as páginas a quem quer que seja! É uma deformação profissional e essa leitura não redunda em descanso. Eu leio o **Don Quixote** como se estivesse a rever um manuscrito meu!

MÓNICA MAYER
(«Bik Press»)

diamonds

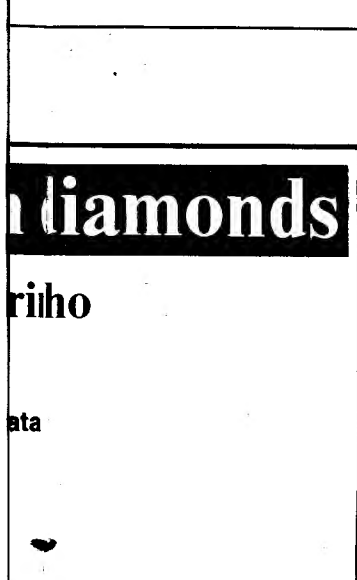
riilho

ata

ite; que

o

o liro no prelo «Degelo»)



-Dils

ment sset leiro Arthur

deu incómodo a ninguém.» Eis uma crítica que se não pode fazer a Clément Rosset.

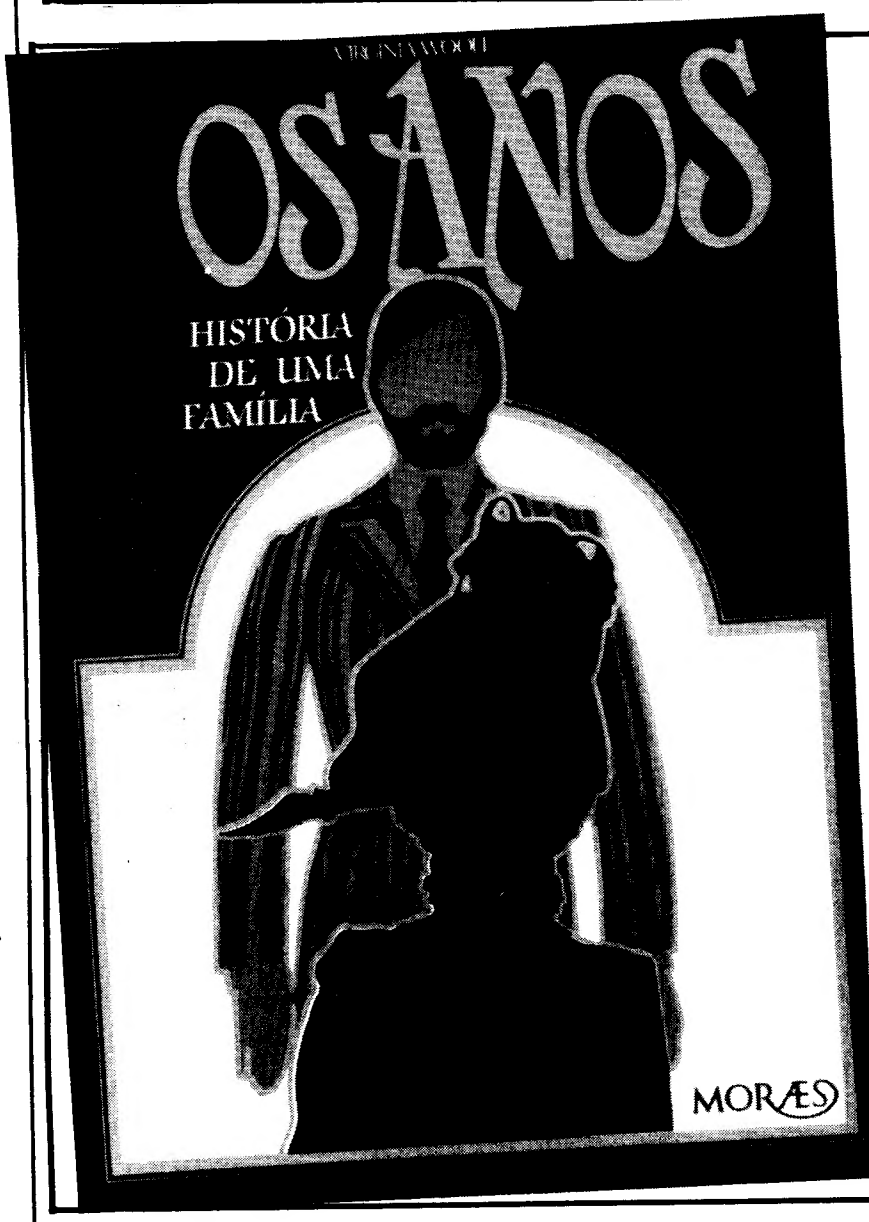
Melhor ainda, descobre-se em **La Force majeure** um estilo que é constantemente irónico, límpido e alegre, que é portador, não de uma tese mas de um «alegre saber». E Rosset diz ainda: «Escrevo cada vez mais devagar. Procuro condensar, ser breve. Estou persuadido de que se pode ser ao mesmo tempo escritor e filósofo. A pergunta que está no coração do meu pensamento pode ser formulada do seguinte modo: 'Que é o real?'. Pregunta que não é de um epistemologista mas de um enamorado admirado. Com **La Force majeure,** chego onde desejava chegar. Consegui finalmente dizer aquilo que penso sobre o prazer de viver.»

ROLAND JACCARD

La Force majeure, de Clément Rosset. Éditions de Minuit, 102p., 40f.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA



OS ANOS

História de uma família

DE VIRGINIA WOOLF, **uma das maiores romancistas inglesas, acaba a Moraes de editar o romance «Os anos», subtitulado em português «História de uma família». Da contracapa transcrevemos, por assim dizer, o «perfil» do livro: «Avós, pais, tios, irmãos, primos, cunhados. As relações, o tempo, a família, as gerações. Pessoas que se cruzam, se descruzam, se amarguram, se alegram, se juntam, se dispersam — e se interrogam, e se interrogam e envelhecem...» Tradução de Pedro Elston.**

MANUEL RAMOS

A POESIA DE FERNANDO GRADE PARA O ENSINO SECUNDÁRIO

(com apêndices sobre literariedade, etimologia e história das palavras)

2.ª EDIÇÃO
REVISTA E AUMENTADA

Edições Mic
Colecção *Salamandra*/5

REVISTO E AUMENTADO, acaba de sair em segunda edição, «A poesia de Fernando Grade para o Ensino Secundário», com apêndices sobre literariedade, etimologia e história das palavras. O trabalho é apresentado por Manuel Ramos, licenciado em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Edições Mic, na Colecção Salamandra/5.

APROXIMAÇÕES À PINTURA DE CATARINA CASTEL'BRANCO

ANTÓNIO RAMOS ROSA

Trabalho: a mão não afasta a melodia.

Na sobriedade do cerne nasce o contorno silencioso.

É a água, é talvez a água que se contém no repouso das linhas, na economia dos gestos.

Fascinação do sóbrio, encanto de uma extrema simplicidade, uma resposta à imobilidade.

Superfícies, superfícies do silêncio e do vagar da terra.

Não a aridez da areia, mas o tecido de um vagaroso fulgor na suavidade de uma memória.

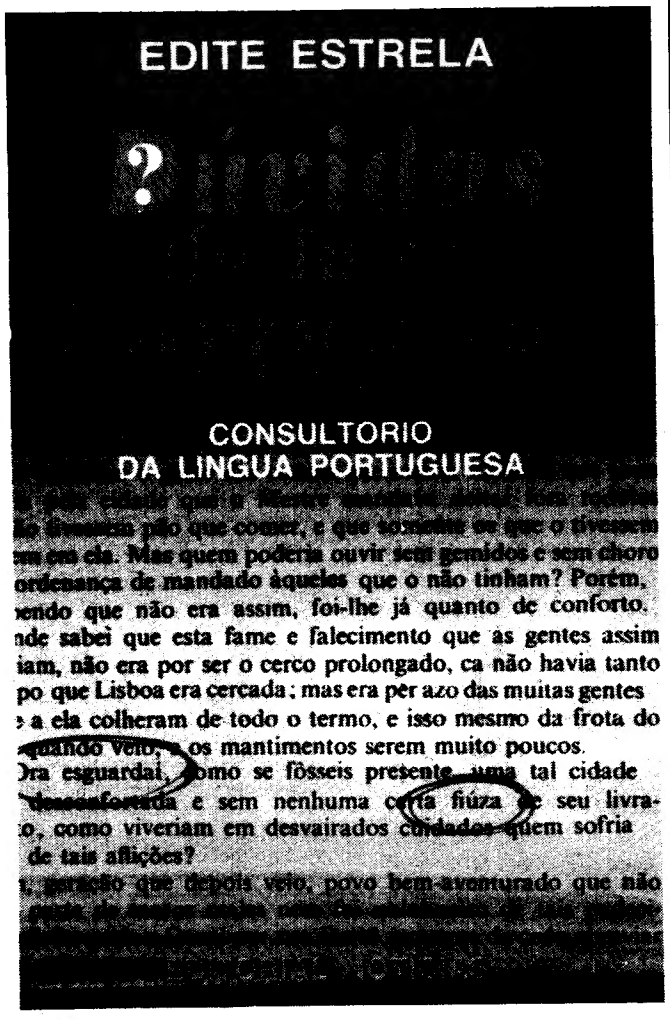
É a madeira, o lento canto da madeira, quase um sono, mas sobretudo o sossego lúcido do sol, que mal vibra na imobilidade.

Terra, nem sempre terra, grácil e espessa, subtil e forte, imóvel barca.

Saborosa visão do solo, um suave clarão de lúcidos contornos, a leveza encontra a exactidão da pedra, na distância musical que inflecte no círculo da visão vazia, aberta.

A delicadeza como se uma ferida longínqua, dispersa, se tivesse suturado na firmeza das linhas ou uma língua liberta, na espessura, houvesse imprimido as marcas subtis de uma violação, sem avidez, sem posse violenta.

Desejada quietude, nem o objecto nem a imagem. Indelével música de uma translação em que se encontra algo perdido e inicial. Como se o desejo tivesse encontrado numa clareira a desejada quietude.

«5 ESPAÇOS», na colecção «& etc./Subterrâneo Três», é uma estreia. Estreia de uma mulher na poesia: Maria Mello Giraldes. Ora ouçamos, por transcrição, parte de um poema: «Era tudo força. / E o peso da ternura ao meu colo / resplandecia num satélite / caído no ventre. // Lá fora o meu corpo falava / de silêncios e folhas. / Debaixo das águas / o som do girassol. // Um lençol / imenso / cobria e descobria / a fala ia reaprendendo a fala / uma descoberta na cor / do meu corpo // o cabelo inclinado / os olhos cobrindo o espaço // uma mulher deitada / e eu dentro desse corpo / respirando.» — Estamos perante, pois, uma escrita lírica, confessional, discreta em muitos pontos, e em muitos pontos também reveladora do ser que plenamente se abre. «Hors-texte» de José Rodrigues.

«DÚVIDAS DO FALAR PORTUGUÊS», de Edite Estrela, lançado pela Editorial Notícias, é, na verdade, um consultório da língua portuguesa. São quatrocentas páginas que muito contribuirão para que se estude e se escreva bem o idioma pátrio. Pode afirmar-se que o livro assenta na seguinte epígrafe de Herder: «Ensinemos a gramática por meio da linguagem, e não a linguagem por meio da gramática.» De notar que, entre os muitos exemplos dados, figuram dois nomes do corpo redactorial do «Diário de Lisboa»: a escritora Maria Judite de Carvalho e o jornalista Manuel de Azevedo. Prefácio do prof. Machado Pires. Um livro para estudantes e não só.